Diário de Lisboa

ANO 67 N. 22 525 Quinta-feira, 26 de Novembro de 1987 Preço 45$00

HOJE: MÁRIO MESQUITA

Quando a direita era açoriana

Ler «Crónica sem notícias dentro»

Pág.3

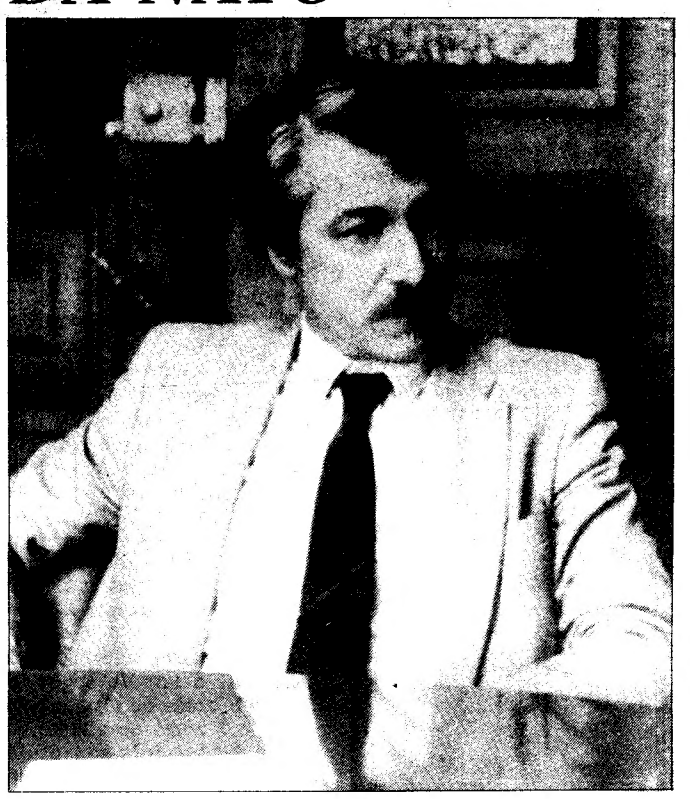
CLANDESTINOS

7% da população tem casa ilegal

Há em Portugal 700 mil pessoas a viverem em cerca de duas centenas de milhar de habitações ilegais. Temos, assim, que sete por cento da nossa população vive à margem da lei, aproveitando-se ou sendo vítima de um fenómeno que alastrou impunemente durante décadas e que começa agora a merecer a atenção dos responsáveis. Assim aconteceu, ontem, por exemplo, num encontro organizado pela Ordem dos Engenheiros, na Biblioteca Nacional, e durante o qual aqueles números foram referidos. Acentuem-se, ainda, números divulgados a propósito de uma polémica que envolveu a demolição de duas barracas clandestinas no concelho da Amadora. Um vereador daquele município lembrou que para substituir as barracas no seu concelho seriam necessários seis mil fogos sendo que, no total, a área carece de 11 mil.

Pag.10

11 ANOS DEPOIS PCP PARTICIPA EM ASSEMBLEIA DA NATO



JOÃO AMARAL AO «DL»

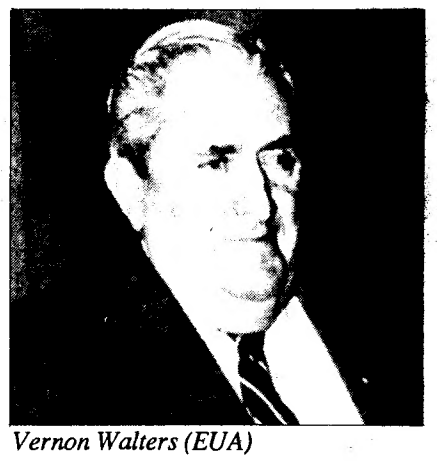
«Não há condições para que Portugal abandone a Aliança»

O PCP decide ocupar o lugar a que tem direito na Assembleia de Parlamentares da NATO. Desde 1976, que o Parlamento português tem estado representado nas reuniões anuais daquele organismo. Só o PCP tem estado ausente. Mas agora algo mudou e João Amaral será o primeiro comunista português a participar num órgão ligado à NATO.

Pag.4

Unanimidade no Conselho de Segurança

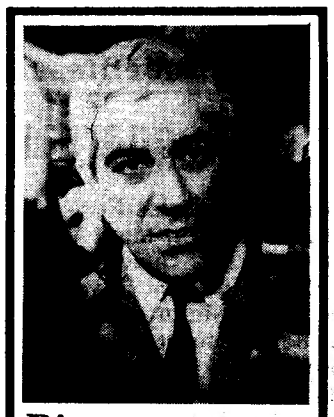
EUA CONDENAM ÁFRICA DO SUL



Vernon Walters (EUA)

Num gesto algo inesperado, os Estados Unidos votaram ontem favoravelmente, no Conselho de Segurança da ONU, uma resolução que condena a África do Sul pelos seus «contínuos e crescentes actos de agressão» contra Angola. Trata-se de uma das raras vezes em que Washington alinhou o seu voto com a maioria do Conselho, não utilizando o veto para poupar o regime de Pretória. O representante norte-americano, Vernon Walters, pôs, no entanto, reservas ao texto da resolução, deixando entender que o seu país não irá muito mais longe na crítica à África do Sul.

Págs 12 e 13



Pior o recurso que a sentença

PENA DE OTELO FOI AGRAVADA EM MAIS 3 ANOS PELA RELAÇÃO

Pag.8

CRÉDITO

SGO

ELECTRODOMÉSTICOS

RÁDIOS GRAVADORES
COMPACTO MUSICAL
TELEVISORES — VÍDEOS
ANTENAS COLECTIVAS
VIA SATÉLITE
MICROCOMPUTADORES
FRIGORÍFICOS
CONGELADORES-FOGÕES
E MÁQUINAS DE LAVAR

A partir de agora e até ao dia 15 de Dezembro próximo poderá adquirir qualquer produto electrodoméstico ou electrónico das marcas SGO, CANDY, TELEVÉS e ZENITH, no sistema de pagamento a prestações até 12 meses.

A entrega do material é imediata no acto da compra.

O acesso ao Crédito SGO é fácil.

Basta dirigir-se a qualquer loja onde encontrar o mesmo símbolo.

Muito fácil!

SGO

Delegação Sul: Av. Óscar Monteiro Torres, 15-B — Tel. 777824 1000 LISBOA

Parlamentares chineses em Portugal

Uma delegação parlamentar chinesa efectua, na próxima semana, uma visita oficial a Portugal, a poucas semanas da prevista ratificação, pela Assembleia da República, do acordo luso-chinês que estabelece a transferência de administração em Macau para 1999.

Audiências com o Presidente, Mário Soares, o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, o ministro dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro, o presidente do Parlamento, Vítor Crespo, e os diversos grupos parlamentares, constam do programa de visita da delegação, que estará seis dias em Portugal.

A delegação parlamentar chinesa é chefiada por Liao Hansheng, vice-presidente do Comité Permanente da Assembleia Popular Nacional (Parlamento), e dela fazem parte mais quatro deputados — Liu Danian, Xong Fu, Wang Ling e Song Rufen.

Esta visita ocorre a poucas semanas da ratificação, pelo plenário da Assembleia da República, da declaração conjunta dos Governos de Lisboa e Pequim e dos memorandos relativos ao futuro do território de Macau e ao período de transição de 50 anos que se seguirá à transferência de administração, em Dezembro de 1999.

É fascinante ler Fernando Grade

Poeta
FERNANDO GRADE

25 ANOS
DE VIDA LITERÁRIA

«ALMA BURRA» é o seu 16.º livro individual de poemas.

Sessões de lançamento, com autógrafos, convívio e muitas aulas-diferentes, já efectuadas desde 26 de Outubro nos liceus de Sintra, S. João da Talha, Queluz, Marquês de Pombal, Olivais 1, Barreiro, Seixal, Damaia, Gama Barros, Vila Franca de Xira, Ferreira Dias e Afonso Domingues.

HOJE — Lançamento no liceu de Rio de Mouro. AMANHÃ — Lançamento no liceu da Amadora.

De «ALMA BURRA», o poema «Fios»:

«Telefonei para saber se
a tua voz é um poço de
vermes ou romãs.
E vou despindo robots
javardos todas as manhãs.»

Lançamento de
Edições Mic
Apartado 4
S. João do Estoril
2768 ESTORIL CODEX

NO PRELO: (a sair)
«25 ANOS DE POESIA
ANTOLOGIA 1962-1987
1.º VOLUME»
de Fernando Grade.

Acredite: é fascinante ler Fernando Grade

SOARES HOJE NA ARMÉNIA ONDE ENCALHOU A ARCA DE NOÉ

O Presidente Mário Soares chegou ao princípio da tarde seguiu à Arménia, a mais pequena das 15 repúblicas que constituem a União Soviética, viajando num avião da Aeroflot. Era aguardado pelo presidente do Soviete Supremo da República da Arménia. Após os cumprinmentos oficiais, um grupo de 12 raparigas vestidas com fatos tradicionais, e todas de longas tranças, distribuiu ramos de cravos vermelhos aos elementos da comitiva de Mário Soares. Após um encontro com as autoridades locais, o Presidente português visitará o museu do pintor M. Sariam. O programa será ainda preenchido com um jantar oficial, seguindo-se a projecção de filmes sobre aquela república e as danças típicas da região.

A Arménia é tradicionalmente designada pelos seus habitantes como «país das pedras». Dois terços do seu território são montanhas, ricas em cobre, ouro, prata e ferro. A capital, Yerevan, está situada no vale do bíblico Monte Arafat, onde segundo algumas mitologias encalhou a arca de Noé durante o dilúvio.

As primeiras referências à Arménia datam do segundo milénio antes de Cristo. No século I antes de Cristo, o reino da Arménia constituiu um importante estado com ligações comerciais entre o ocidente e o oriente.

Ocupada sucessivamente por persas, bizantinos, árabes, mongóis e turcos, uma parte da Arménia acabou por ser integrada no império russo em 1828.

No seio da União Soviética, a Arménia é actualmente o terceiro produtor nacional de máquinas eléctricas e equipamentos industriais.

Conversações «concludentes e estimulantes»

Ontem, em conferência de imprensa, Mário Soares considerou «bastante concludentes e estimulantes» as suas conversações com o Andrei Gromiko e com Mikail Gorbatchov.

«Estão criadas condições para desenvolver as nossas relações», disse Mário Soares depois de uma declaração inicial em que salientou que Portugal e a União Soviética têm regimes políticos, económicos e sociais completamente diferentes.

O Presidente português disse seguir «com muito interesse» o processo de reestruturação (perestroika) preconizado por Mikail Gorbatchov, sublinhando que «as mudanças estão a decorrer na União Soviética».

Revelou que tinha convidado Andrei Gromiko e Mikail Gorbatchov para visitarem oficialmente Portugal. «Não me responderam logo, disse, mas espero que o convite seja aceite».

Segundo Mário Soares, a sua visita permitiu dar «passos importantes» para o desenvolvimento das relações entre os dois países «fundamentalmente no campo económico» e referiu, nomeadamente, que existe em perspectiva, a abertura de uma loja de artigos portugueses em Moscovo, e outra do mesmo género em Lisboa.

Interrogado acerca do encontro que tivera de manhã com Andrei Sakarov, Mário Soares disse que segue «há muito tempo» a actividade daquele académico, «particularmente a sua luta a favor dos direitos humnanos» e adiantou que antes de vir à União Soviética solicitou aos responsáveis do país autorização para se avistar com Sakarov.

«Conversámos fundamentalmente sobre os direitos do homem e a liberdade», revelou Mário Soares que disse ter sido portador de um convite da organização «Justiça e Paz» e da «Liga dos Direitos do Homem» para que Sakarov visite Portugal.

Sobre a opinião de Sakarov acerca da «perestroika», Mário Soares afirmou não ser porta-voz de Sakarov, «mas não é segredo para ninguém que ele a vê como qualquer coisa de positivo e com esperança as mudanças em curso».

Durante a conferência de imprensa, Mário Soares salientou também que «Portugal sauda os esforços dos Estados Unidos e da União Soviética com vista ao desarmamento» e o acordo que aqueles dois países deverão assinar no próximo dia 7 sobre a redução de mísseis nucleares de médio alcance.

«Somos um País amante da paz», sublinhou Mário Soares», que declarou ainda que Portugal «condena o apartheid sem ambiguidades» e que «condena sempre as intervenções externas nos assuntos internos de outros países, sejam elas quais forem».

No «Chiado» de Moscovo

Uma jóvem da República Democrática Alemã ficou ontem profundamente emocionada e de lágrimas nos olhos quando lhe disseram que o senhor que momentos antes a abordara era o Presidente de Portugal.

A cena passou-se na Rua Arbat, uma artéria só para peões, no centro de Moscovo, com pequenas lojas, cafés, livrarias, e até algumas esplanadas, e edifícios do século XVIII reconstruídos nos últimos anos segundo a traça original.

Esta rua, habitada sobretudo por artistas e intelectuais, «é uma espécie de Chiado», segundo a expressão do jornalista Carlos Fino, que viveu durante muitos anos na capital soviética.

Depois de Gorbatchov ter assumido a direcção do Partido Comunista soviético, a rua Arbat tornou-se como que uma vitrina da política de «glasnot» (abertura), já que os pintores são autorizados a vender aí os seus quadros.

Ontem á tarde, depois de visitar a Academia das Ciências, o Presidente português decidiu dar um passeio pela rua Arbat, enquanto Maria Barroso inaugurava no Museu Puskine uma exposição de pintura portuguesa.

Acompanhado pela filha e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Mário Soares começou por entrar numa ourivesaria. A seguir, perante o espanto dos mais de dez agentes soviéticos responsáveis pela sua segurança, o Presidente português abordou um pintor que estava a desenhar o rosto de uma rapariga.

«Está a ficar muito bem - observou Mário Soares - é o tipo de beleza russa».

«Não, é alemã» - retorquiu o pintor.

Perante a gargalhada geral, um funcionário do protocolo de Estado soviético logo sossegou o Presidente português:«Não se enganou muito, é da RDA».

Já depois da comitiva ter voltado as costas e prosseguido o passeio, o mesmo funcionário voltou atrás e perguntou à rapariga da Alemanha Democrática se tinha ideia de quem era o homem que a abordara.

Quando soube que se tratava do Presidente de Portugal, a jóvem deitou as mãos à cara, e ficou depois boquiaberta, chorando de alegria, como se não conseguisse acreditar no que acabara de se passar.

Mário Soares entrou depois num pequeno café decorado ao estilo «art nouveau», indicado pelos funcionários soviéticos, e que, segundo foi logo comentado na comitiva, tinha sido previamente esvasiado».

Depois de tomar um café, feito à maneira turca, o Presidente português fez questão de cumprimentar a empregada e quis saber o nome dela.

«Irina» - disse simplesmente a empregada.

Soares quiz ainda saber quanto era a despesa, mas um dos funcionários soviéticos, que entretanto já estava do outro lado do balcão, respondeu que a conta estava paga.

Após o passeio, que demorou cerca de meia hora, o Presidente dirigiu-se para o Museu Puskin, onde se encontram desde ontem expostos 34 quadros de outr tantos pintores portugueses do século XX, e que constitui, segundo uma fonte oficial portuguesa, a primeira grande exposição de arte contemporânea jamais realizada na capital soviética.

A exposição reune obras de Almada Negreiros, Eduardo Viana, Amadeo de Souza Cardoso, Vieira da Silva, Júlio Pomar, entre outros dos mais consagrados pintores portugueses contemporâneos.

Segundo o director do Centro de Arte Moderna da Gulbenkian, que trouxe os quadros de Lisboa, inicialmente a exposição só ficaria em Moscovo durante 10 dias, mas a pedido das autoridades soviéticas ficará até ao dia 28 de Dezembro.

Sommer Ribeiro revelou que em 1975 esteve programada uma exposição idêntica, mas o então conselheiro da cultura da embaixada soviética em Lisboa considerou que os quadros surrealistas e abstractos não deveriam ser incluídos.

Desta vez - acrescentou - houve uma grande colaboração por parte dos responsáveis do Museu Puskin e foi possível montar a exposição em menos de três dias.

Cavaco, Eanes e Spínola presèntes nas cerimónias do 25 de Novembro

Lemos Ferreira: FA,s "aguardam passagem das pequenas tempestades"

O Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Lemos Ferreira, manifestou ontem, na cerimónia comemorativa do 25 de Novembro de 1975, presidida por Cavaco Silva em representação do Presidente da República, a disponibilidade dos militares para o «projecto de uma arrancada nacional que ultrapasse as barreiras da descrença» e «restaure a confiança do destino colectivo».

No seu discurso, lido na Escola de Fuzileiros e repetido pelos comandantes das restantes unidades militares do país, o CEMGFA considerou que «desde há muito as Forças Armadas sabem que correm o risco de serem aduladas nas situações difíceis para posteriormente passarem a ser ignoradas e até, por vezes vilipendiadas».

Fazendo-se eco, aparentemente, dos recentes ataques do responsável da Força Aérea, general Brochado Miranda, aos grupos pacifistas, ecologistas e outros, que contestam alguns objectivos e excessivas verbas dispendidas pelas Forças Armadas, Lemos Ferreira sublinhou que as FFAA saberão «aguardar tranquilamente a passagem das pequenas tempestades que, aliás, não têm nem audição nem aceitação significativas junto da comunidade nacional».

Relativamente ao 25 de Novembro, o CEMGFA homenageou os militares mortos do Regimento de Comandos, na altura chefiado pelo major Jaime Neves e acrescentou que as Forças Armadas puseram, então, côbro «aos desmandos mais grosseiros».

A cerimónia teve ainda a presença do ministro da Defesa, Eurico de Melo, e dos antigos Presidentes da República, generais Spínola e Ramalho Eanes.

«Foi uma fraude»

Em entrevista a uma rádio local de Gaia, o antigo comandante da Região Militar Norte, brigadeiro Pires Veloso, deu uma nova versão dos acontecimentos de há 12 anos. Segundo Veloso, o 25 de Novembro «foi feito com dois objectivos— lançar Ramalho Eanes para a Presidência da República e não deixar caír o PCP».

«Os verdadeiros comandantes das tropas portuguesas da altura fomos eu e o então comandante dos comandos, Jaime Neves», opinou Pires Veloso que revelou ainda ter ficado muito surpreendido quando Eanes «apareceu na televisão, logo de seguida, como sendo o comandante do 25 de Novembro».

Conclusão ainda de Pires Veloso: «o 25 de Novembro foi uma fraude e o Povo português, nesse aspecto, está muito enganado».

Quando a Direita era açoriana...

Da afirmação ao desgaste

A autonomia emergiu, após o 25 de Abril, como recuperação da memória histórica censurada pelo salazarismo, mas também como movimento de protesto contra os ventos políticos que sopravam do Continente.

A **fase de afirmação** da autonomia açoriana, entre 25 de Abril de 1974 e 25 de Novembro de 1975, caracterizou-se pelo **combate ao gonçalvismo** e pela **confusão entre autonomia e separatismo.**

A **fase de fundação,** entre 25 de Novembro de 1975 e o início dos governos presidenciais em 1978, foi marcada pela entrada em funcionamento das **instituições antagónicas,** consagradas na Constituição de 1976; pelo **separar de águas entre autonomistas e separatistas;** e pela **polémica (quase) permanente entre o Governo da República e o Governo Regional.**

A **fase de consolidação,** entre 1978 (governos presidenciais) e 1980 (início da experiência AD), coincidiu com as **tréguas entre as instâncias de governos regionais e nacionais;** o contraste entre a **instabilidade governativa nacional** e a **estabilidade governativa regional** beneficiou a imagem da região na opinião pública continental.

A **fase de desgaste,** de 1980 (experiência AD) até 1986 (eleições presidenciais), corresponde à presença do PSD, partido dominante na região, nos governos da República, o que modificou a natureza das relações entre Lisboa e Ponta Delgada; a autonomia regional transformou-se, progressivamente, num dos alvos do discurso da crise.

«A descolonização da direita»

Os movimentos (políticos ou ideológicos) autonomistas ou separatistas assumiram significados diversos consoante os períodos históricos em que surgiram. Não houve **autonomia** e **separatismo,** mas **autonomias** e **separatismos.**

No período posterior ao 25 de Abril, é inegável que os principais protagonistas das reivindicações autonomistas e separatistas se situavam entre as forças conservadoras e direitistas. O separatismo emergiu como reacção ao **gonçalvismo.** O senador norte-americano McGovern falou, mesmo, a propósito dos Açores, na «descolonização da direita...»

A autonomia impôs-se, posteriormente, como solução de compromisso e de síntese, numa época de agitação pré-insurreccional. «Entre os autonomistas houve quem quisesse apoiar-se no separatismo e houve quem preferisse, por amor à harmonia institucional futura, reduzir-lhes o peso e desfazer ilusões aventureiras e perigosas», escreveu Medeiros Ferreira, num testemunho datado de 1978.

Durante as fases de **afirmação** das ideias autonomistas e de **fundação** das instituições regionais (1974-1978), os problemas de ordem pública multiplicaram-se através de actos de violência (expulsões, agressões físicas, bombas) dirigidos contra partidos e militantes de esquerda.

Antes do 25 de Novembro, os atentados visaram, essencialmente, o PCP, os seus aliados e as forças de extrema-esquerda, mas o separatismo não foi utilizado apenas contra o gonçalvismo. De 1976 a 1978, serviu como arma de desgaste dos primeiros governos de Mário Soares. As forças separatistas, agora reduzidas a pequenos núcleos de activistas, intensficaram os actos de violência e procuraram novos aliados externos, no mundo árabe, a fim de compensar a «retirada» dos apoios ocidentais de 1975, que se limitaram a pressionar, indirectamente, a evolução política portuguesa.

Neste período, os atentados atingiram, sobretudo, a esquerda moderada, designadamente o PS. Na vigência dos governos de Mário Soares (PS sozinho e PS-CDS) registaram-se, entre outros casos, o atentado (fogo posto) à casa dos pais de Jaime Gama e a agressão a Almeida Santos. Seguiram-se os ajustes de contas com aliados do separatismo em 1975 que, depois, optaram pela autonomia no quadro nacional português. As forças policiais foram cúmplices, por omissão, desses actos de violência política.

Os focos anti autonomistas

O ano de 1976 no Continente correspondeu ao de 1978 nos Açores, em termos de convivência democrática. A época áurea da autonomia pode situar-se no período que vai de 1978 a 1980: estabilização interna e projecção de uma imagem positiva no todo nacional. Já nesta época começam a manifestar-se, no aparelho de Estado, mas sem disporem ainda de condições favoráveis, os principais focos de contestação à autonomia e à descentralização.

As principais «bolsas» antiautonomistas são facilmente identificáveis:

— **burocratas** do Estado Central, em defesa das tradições «napoleónicas» do Terreiro do Paço;
— **tecnocratas** da economia e do planeamento, em nome da racionalidade das opções económicas;
— **militares e estrategistas,** em prol da unidade nacional e das concepções integracionistas do Estado.

O ambiente político dos anos 80 favoreceu as correntes centralizadoras. A pouco e pouco, a falsa dicotomia estabelecida entre custos da **insularidade** e custos da **interioridade** instalou-se no discurso político dos sectores conservadores. A mesma gente que criara, na década de 70, para efeitos eleitorais, os «paraísos» social-democratas dos Açores e da Madeira, transformou os arquipélagos atlânticos em «bodes expiatórios» da crise económica. A imagem das autonomias regionais sofreu grave erosão na opinião pública continental.

A prática dos governos AD evidenciou que a adesão de vastos sectores de direita e centro-direita ao regime autonómico consistira apenas numa táctica conjuntural. A memória é curta. A direita portuguesa já esquecera 1975, quando era mais **açoriana** do que os **açorianos** e mais **separatista** doque os **separatistas...**

Mário Mesquita

Próximo texto:
«Contra a autonomia regressiva»

THE NEW YORK TIMES, TUESDAY, JULY 22, 1975

Trends in Portugal Worrying Azores

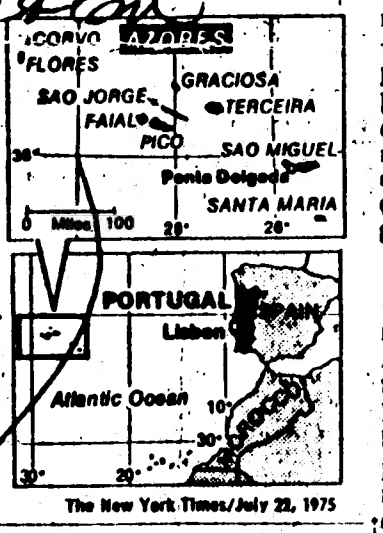
Revolution

JUL 22 '75

PONTA DELGADA, Azores (AP)—Independence from Portugal is being openly considered in the Azores, but political and military leaders predict that the final break will not come unless there is a virtual Communist take-over in Lisbon.

A break with the mainland Government could prove perilous for Portugal's leftist military leadership at a time when the country is already shaken by internal political strife. Pressure from the nine green islands in the Atlantic 1,000 miles west of Lisbon is already so strong that the central Government has agreed to give them partial autonomy. Details of a program are expected soon.

The ingredients for a possible unilateral declaration of independence indicate that even autonomy may not suffice after years of what Azoreans, who prove too costly and too difficult militarily for the Lisbon Government to put down. Portugal has fewer than 2,000 troops among the 300,000 Azoreans. Communications are difficult, landing strips are few



The New York Times/July 22, 1975

ment goes entirely Communist, we cannot predict what will happen," said João Vasco, a leader of the Popular Democrats. He said that for the mometn his party was willing to see how much and what kind of autonomy the islands were given.

To Name Local Board

Gen. Altino Pinto Magalhaes, military commander of the Azores, has been given authority by the military junta in Lisbon to name a governing board to handle the autonomy program. The general, who primarily trains troops at the ancient Fort São Braz in Ponta Delgada, said the Azoreans would have direct control over their economy, transport, commerce, welfare, labor, education, immigration, agriculture, fishing and tourism.

The islands would still have

Os Açores poderiam tornar-se independentes se os comunistas tomassem o poder em Lisboa – noticiava o «New York Times» (citando como fonte a Associated Press) em Julho de 1975 (reprodução do recorte arquivado pelo próprio «NYT», sob a rubrica Portugal-Revolution).

RADICAIS QUEREM CANDIDATAR-SE AO PARLAMENTO EUROPEU EM 1989

Os radicais não gostaram do comportamento de Cicciolina na Assembleia da República e que causou o escândalo que todos já conhecem. «Ela fez essas parvoíces no Parlamento português, e no entanto havia coisas bem mais importantes para realizar como falar dos temas do Partido Radical Transnacional», disse ontem em conferência de Imprensa o secretário-geral do Partido Radical de Itália, Giovanni Negri, que se encontra em Lisboa com o objectivo de promover no nosso país a campanha de inscrições e contactos políticos iniciada no princípio do mês para a formação daquela estrutura europeia.

Para Giovanni Negri, Cicciolina é apenas uma das faces do partido, havendo outras que considera mais importantes. Apresentou, para exemplificar, os nomes das personalidades carismáticas que foram ou são militantes radicais, como Elio Vitorini, Pasolini, Leonardo Sciasscia, Ionesco,, Ugo Tognazzi ou Mimo Modugno. Ilona Staller foi, nas recentes eleições italianas, uma candidata de segunda fila, do Partido Radical, pensando-se «a priori» que nunca seria eleita. Os eleitores escolheram-na, depois da campanha eleitoral que a pornodiva levou a cabo, elegendo os seios como arma para a obtenção do voto num momento em que os radicais tomavam posição contra a repressão sexual.

Isso serviu para tornar o Partido Radical mais conhecido em todo o mundo, mas, desabafou ontem René Andriani, outro dos dirigentes que tem permanecido entre nós, «também serviu para reduzir as forças reais com que o partido contava».

Giovanni Negri, teve sobre a questão um desabafo: «Gostaria apenas que a mesma severidade com que se julga Cicciolina leve também a julgar a classe política. E lembrem-se: em política uma coisa é o moralismo e outra a moralidade — Cicciolina perturba os moralistas».

Mas Negri não veio a Portugal para justificar ou criticar Cicciolina («ela é uma coisa e nós somos outra», referiu-se no encontro com a Imprensa) e sim para caracterizar o que é o projecto transnacional dos radicais, um partido que se define como liberal-libertário, posicionado do lado do Direito e da consciência: «O Partido Radical e o que faz e não aquilo que diz que faz, isso torna-nos diferentes dos outros partidos», considerou.

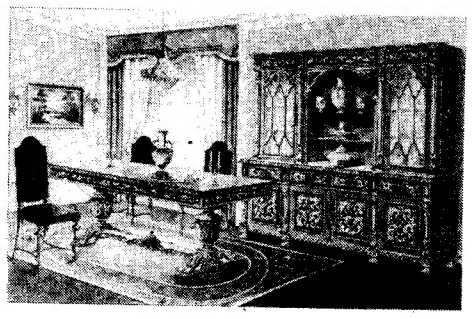
Falou a propósito que não é intenção dos radicais europeus participarem nas eleições nacionais dos diversos países, Portugal incluído. O que se antevê é a futura candidatura dos diversos núcleos radicais ao Parlamento Europeu em 1989, com a proposta simultânea de um referendo consultivo em toda as nações da Europa

«A constituição dos Estados Unidos da Europa é uma necessidade histórica. Ou será isso ou o declínio político cultural e económico», disse o secretário-geral do Partido Radical italiano.

No seu entender, as economias e escolhas energéticas nacionais, bem como as nossas próprias vidas, são resultado de escolhas internacionais, «o que justifica a existência de formas de organização política não nacionais». Uma utopia, a federação da Europa? Disse que não, que a liberalização do divórcio e do aborto na Itália, cuja campanha foi iniciada pelos radicais, parecia uma utopia no país onde vive o Papa mas realizou-se.

Armazéns de Móveis
BEIRA RIO
de António Carloto

Móveis em todos os estilos



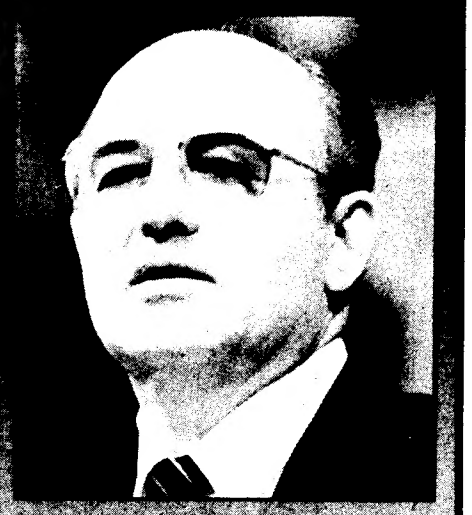
Para vosso interesse consultem os nossos preços

VENDAS: Rua Miguel Bombarda, N.os 1, 222 e 222-A
Rua Serpa Pinto, 43 e 45
Tel 2072448
BARREIRO

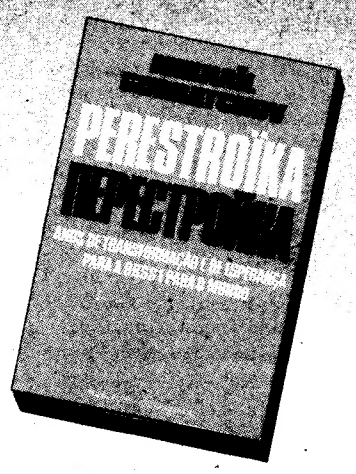
O LIVRO QUE ESTÁ A ABALAR O MUNDO

PERESTROÏKA

ANOS DE TRANSFORMAÇÃO E DE ESPERANÇA PARA A URSS E PARA O MUNDO



MIKHAIL GORBATCHOV



«Escrevi este livro porque acredito no senso comum de toda a gente [...]
[...] é acima de tudo um convite ao diálogo. Não temos soluções universais, mas estamos preparados para cooperar sincera e honestamente [...]
[...] nós, na liderança soviética, chegámos à conclusão — e reiteramo-lo — de que existe a necessidade de um novo pensamento político.»

UM LANÇAMENTO MUNDIAL
uma edição
EUROPA·AMÉRICA

João Amaral, um comunista na NATO

NÃO HÁ CONDIÇÕES PARA PORTUGAL SAIR DA ALIANÇA ATLÂNTICA

Áurea Sampaio

Onze anos depois, o PCP decide ocupar o lugar a que tem direito na Assembleia da Parlamentares da NATO. Fundado em 1955 sob a designação de Conferência dos Parlamentares da NATO, nome que manteve durante mais de uma década, este organismo nasceu por vontade dos deputados dos países que integram a Aliança. Não sendo, pois, uma instituição oficial, tanto mais que a sua constituição não estava prevista no Pacto do Atlântico, esta Assembleia assume uma grande importância como forum de opinião, visto ser integrada por deputados que estão ligados às questões de defesa.

Desde 1976, que o Parlamento português tem estado representado nas duas reuniões anuais daquele organismo através de delegações dos diversos partidos que aí têm assento. Só o PCP tem estado ausente. Mas agora algo mudou e João Amaral será o primeiro comunista a participar num orgão de qualquer maneira ligado à NATO.

«DL» — Sr. deputado, porquê só agora?

João Amaral — O PCP sempre teve o lugar na Assembleia, como é seu direito nos termos legais e regimentais, e só não participu em 1976 porque, nessa altura não estavam criadas as condições institucionais necessárias.

«DL» — Que condições?

J. A. — A primeira reunião que se realizou depois da constituição da Assembleia da República, em 1976, era nos Estados Unidos. Nessa altura, os EUA não davam vistos a membros do PCP. Nós entendemos não sujeitar as instituições democráticas portuguesas a esse vexame e, por isso, decidimos não integrar a delegação embora tivesse ficado assente que tinhamos direito ao lugar.

«DL» — E agora os EUA já dão esses vistos?

J.A. — Já deram.

«DL» — Mas depois houve outras reuniões.

J. A. — Houve, mas o PCP não suscitou a questão. Entendemos fazê-lo só agora.

«DL» — Mas porquê?

J. A. — Por várias razões. Primeiro porque, nos termos constitucionais a Assembleia da República tem hoje poderes acrescidos em matéria de defesa nacional daí, ser útil o conhecimento directo das questões. Depois, porque na situação internacional de «détente» é positivo manifestar no contacto com deputados de outros países as posições e opiniões do meu partido no quadro da representação do nosso Parlamento.

«Discordância de fundo»

Isso tem a ver com uma discordência de fundo. É profundamente errado e negativo no plano nacional e internacional o crescente envolvimento do território português e das nossas Forças Armadas no conjunto das manobras da NATO. Ora aquele é um dos locais próprios para melhor expressarmos as nossas opiniões.

«DL» — Mas isso de algum modo significa que o PCP alterou a sua posição quanto à participação de Portugal na NATO?

J. A. — Não. Nós temos no nosso programa a saída de Portugal da NATO, embora essa questão não se ponha. Seria uma falta de realismo colocá-la.

«DL» — Falta de realismo político?

«J. A. — Claro. Não há condições nacionais e, provavelmente, também internacionais para que Portugal saia da NATO. Mas uma coisa é estar na NATO, outra coisa é o que se está a passar no relacionamento militar de Portugal com a Aliança Atlântica e com os EUA.

«DL» — Está a referir-se ao aumento das infraestruturas militares...

J. A. — Sim, para serem utilizadas pelos Estados Unidos e pela NATO. Dou-lhe o por exemplo de casos menos falados como o do aeroporto de Porto Santo ou do oleoduto que está a ser construido entre Leixões e Sines. Mas também o caso da estação de rastreio de Almodôvar.

«Lisboa sem defesa aérea»

Mas um aspecto mais grave e preocupante é a crescente subordinação dos meis das FA's aos objectivos estratégicos da NATO: caso das fragatas, cujo objectivo central é integrar a esquadra que a NATO tem no Atlântico Norte; da Brigada Mista da Santa Margarida que se destina a actuar no norte de Itália; e de uma das esquadrilhas de A7 com missões previstas para o norte da Europa. Isto é: temos umas FA's cada vez com menor capacidade de garantir uma defesa autónoma do país. Mas há ainda o caso dos mísseis Hawks: está prevista a aquisição de uma bateria destes mísseis para instalar na Ilha Terceira tendo em vista a protecção dos interesses norte-americanos na Base das Lajes. Lisboa, entretento continua sem defesa aérea suficiente.

«DL» — Então a decisão do PCP de participar na Assembleia de Parlamentares da NATO significa que o seu partido entende que a situação de defesa do nosso país se agravou desde 1976?

J. A — De facto, de 1976 para cá está a produzir-se uma alteração qualitativa no nível de participação de Portugal na NATO. O território nacional e o conjunto dos meios militares que estão afectos à Aliança dependem de comandos diferentes. Uma parte está nos Açores, que depende de um comando sediado nos EUA; outra está na dependência do Iberlant, em Oeiras e há outros meios que, quando em manobras, estão sujeitos ao comando europeu.

«DL» — Na sua opinião que consequências é que esta situação acarreta?

J. A. — Em termos práticos isto significa que se subverte completamente o que deveria ser um ponto central para um país que quisesse ter uma capacidade autónoma de defesa que é a centralização do comando.

«DL» — Mas o seu partido acha que de qualquer forma pode contribuir para alterar esta situção?

J. A. — Com o crescente empenhamento das instituições e das forças políticas para o desanuviamento internacional, o PCP quer através da sua acção e do seu trabalho, contribuir para isso. Ora, toda a situção criada a Portugal caminha no sentido inverso. Isto é, diminui a sua capacidade autónoma de defesa e torna o país muito mais vulnerável.

«DL» — É então com esse espírito que vai participar na Assembleia da Parlamentares da NATO?

J. A. — Sim, mas com o realismo de ter em consideração os problemas que existem. E alguns preocupantes...

«DL» — Designadamente...

J. A. — As pretensões manifestadas por muitas formas pela Espanha de se responsabilizar pela defesa da península e, portanto, também pelo território português e pela zona atlântica onde Portugal tem presença determinante.

«DL» — E em sua opinião a determinação espanhola deve preocupar-nos.

J. A. — Acho que sim porque compromete a autonomia de defesa do país e seria uma forma de atacar directamente a independência nacional.

«DL» — Uma última questão: a chamada «era Gorbatchov» com a abertura que parece estar a produzir-se na URSS tem alguma coisa a ver com a decisão do PCP de participar na Assembleia?

J. A. — As iniciativas mais recentes da URSS em matéria de desarmamento deram uma contribuição decisiva para a situação a que se chegou e para a assinatura do Tratado, a 7 de Dezembro. Nessas circunstâncias, as forças políticas interesassadas no desanuviamento e na paz ganharam um novo alento.

Durão Barroso assina Convenção contra a tortura

O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Durão Barroso, assina hoje, em Estrasburgo, a Convenção Europeia para a Prevenção da Tortura.

A assinatura desta Convenção para a Prevenção da Tortura e dos tratamentos desumanos, ocorre no âmbito de uma sessão do Comité de Ministros do Conselho da Europa.

Da agenda de trabalhos da reunião constam as relações Leste-Oeste, a luta contra a Sida e a evolução da situação na América Central.

Esta convenção prevê, em particular, a criação de um Comité Internacional que será habilitado a visitar todos os lugares onde se encontram pessoas privadas de liberdade, como as prisões.

O Comité, formado por personalidades independentes, poderá formular recomendações e sugerir modificações tendentes a reforçar a protecção das pessoas privadas de liberdade.

Este mecanismo, de carácter preventivo e não judiciário, constituirá um complemento importante ao sistema de protecção já existente no domínio da Convenção dos Direitos do Homem, ratificada por Portugal em 1978.

Em 1985, Portugal assinou a Convenção contra a Tortura, cujo diploma de ratificação foi aprovado, no passado dia 6, em Conselho de Ministros e, em breve, será submetido à aprovação da Assembleia da República.

Para que a nova Convenção entre em vigor é necessário que seja ratificada pelo menos por sete dos 21 países membros do Conselho da Europa.

Corsino Tolentino: dois dias em Lisboa

Encontra-se em Lisboa o ministro cabo-verdiano da Educação, Corsino Tolentino, para uma visita de trabalho de dois dias, antes de partir para os Estados Unidos por um período de três semanas.

Fonte oficial cabo-verdiana adiantou que Corsino Tolentino manterá conversações com o seu homólogo português, Roberto Carneiro, e ainda com responsáveis da Secretaria de Estado da Cooperação e da Fundação Gulbenkian.

Da capital portuguesa, o ministro Corsino Tolentino, que em Lisboa se faz acompanhar pelo Director-Geral da Educação, Adriano Monteiro, partirá sozinho, para uma visita oficial de três semanas aos Estados Unidos, a convite do governo norte-americano.

um clássico para todas as estações

Ford Orion

Se V. sabe o que quer de um carro, o Ford Orion é o automóvel certo para si.
Porque é possível conjugar linhas harmoniosas com um «design» avançado, privilegiando o espaço para a família e bagagens.

O Ford Orion é extremamente confortável e requintadamente equipado, desde os estofos de veludo e tejadilho de abrir às caixas de 5 velocidades.

O sistema de travagem anti-bloqueio (nas versões Ghia com motor CVH) e a suspensão aperfeiçoada dão-lhe a máxima segurança e comodidade, em qualquer tipo de piso.

Um apurado tratamento de aerodinâmica torna o Orion ainda mais económico, seja qual for o nível de potência que V. pretenda.

Desde os 54 PS do motor Ford 1.6 Diesel (3,9 litros a 90 Km/hora) até aos 105 PS do motor 1.6 CVH de injecção (0 a 100 Km/h num ápice de 10,3 segundos).

Descubra no seu Concessionário Ford porque é que o Orion 1.4 CL está mais próximo de si, porque é que o Orion 1.6i Ghia o distancia mais dos outros.

Se V. quer um clássico que o acompanhe em todas as estações, para toda a vida... então já sabe o que quer.

Ford – É mais fácil escolher melhor

GARANTIA EXTRA Ford

Protege o seu Orion por mais 24 meses (quilometragem ilimitada)

Orion EM PORTUGAL Ford

O desemprego (ou a sua perspectiva) tem motivado todo o tipo de protestos dos trabalhadores da Península de Setúbal

Memorando sindical com referência a 1981

SETÚBAL PERDEU 16 MIL EMPREGOS NO SECTOR EMPRESARIAL DO ESTADO

Um memorando, referindo que entre 1981 e o ano passado foram eliminados, no distrito de Setúbal, 16.217 postos de trabalho, nas empresas do Sector Empresarial do Estado (SEE), foi entregue hoje pela respectiva União de Sindicatos no Governo Civil e em todas as Câmaras Municipais daquela região.

O documento, que garante que «é pública a intenção do Governo em aperentar à Assembeia da República, uma proposta de lei coma finalidade de, mesmo antes da revisão constitucional, privatizar até 49 por cento do capital das empresas públicas», adianta que o distrito de Setúbal «continua a ser (porque nada no fundamental foi resolvido) dos mais duramente atingidos relativamente ao desemprego, ao encerramento de empresas, aos salários em atrado e à precaridade do trabalho».

«E público, ainda que não explicito — diz o memorando —, que o Governo definiu, como estratégia, entregar ao capital privado partes rentáveis das empresas públicas, nomeadamente nas áreas dos transportes, comunicações e abastecimentos, deixando para o Estado as partes menos lucrativas dessas empresas, por se tratarem de serviços de carácter social prestados à população.»

Defendendo que o SEE «é um instrumento fundamental para o progresso social e a modernização da economia, permitindo a correcção de assimetrias regionais e a promoção do emprego, quer directa quer indirectamente», a União dos Sindicatos de Setúbal afirma que, neste distrito, grande número de mão-de-obra «é empregue nas empresas do sector empresarial do Estado».

Por outro lado, acrescenta que «é elevado o número de empresas do sector privado que dependem» das públicas.

Os autores do documento acusam o Governo de tratar «todas as empresas em bloco, não fazendo distinção entre aquelas que prestam serviços a preços inferiores aos de custo» e as que «actuam em áreas consideradas lucrativas e concorrencionais».

Paralelamente, estranham que o Executivo de Cavaco Silva não refira, ao que garantem, os «lucros gerados» por empresas públicas que, salientam, entre 1976 e o ano passado «deram mais de 105 milhões de contos de lucros directos ao Estado», «cerca de 300 milhões de contos de transferências para o OE, provisões, amortizações e reintegração», apontando, neste domínio, os exemplos da Banca nacionalizada, a Tabaqueira, a Cimpor/Social, a Centralcer e a Portucel.

«Mas tomando apenas o exemplo da Quimigal se poderá entender a razão dos seus 'prejuízos' — afirma a União dos Sindicatos, que especifica:

«A Quimigal EP, por força de lhe ter sido imposto o recurso ao crédito externo — em divisas fortes, portanto — tem, anualmente, de pagar cerca de 14 milhões de contos de juros.»

Recordando que no ano passado, «e pela primeira vez, a empresa não teve qualquer dotação de capital» e que «em 1987 parece ser esse o caminho», o documento estabelece a comparação com a SAPEC, empresa privada de produção de adubos e produtos para a agricultura, que «tem tido um tratamento preferencial na política de subsídios por parte do Estado».

Outro dos exemplos apontados é o da Setenave, onde «até Dezembro de 1986 foram destruídos 2044 postos de trabalho», mas que, «com o esforço dos trabalhadores», no ano passado, «bateu o recorde dos navios reparados — 106».

Garantindo que «há mais de dois anos que os salários não são revistos» na Setenave, onde, frisam, se mantém «a ameaça de se proceder ao despedimento de mais de dois mil trabahadores», os responsáveis pelo documento adiantam que «tudo aponta para que o Governo se prepare para fazer a vontade ao ex-monopolista J.M. Mello, em grave prejuízo desta empresa nacionalizada e dos trabalhadores».

O memorando termina, afirmando que «é precisamente pelo facto dos sectores básicos da economia serem nacionalizados que mais facilmente podem e devem ser postos ao serviço do bem estar e do progresso social, em vez dos interesses particulares ou de grupos, na perspectiva do desenvolvimento económico do País»..

O NACIONAL

Supermercados recusam CCT para o sector

Trabalhadores apelam ao boicote do público comprador em Dezembro

A Associação Nacional dos Supermercados recusou a negociação de um contrato colectivo de trabalho para o sector. O caso é um tanto insólito, uma vez que no passado dia 23 do corrente, em reunião realizada com a Fepces, a Ans não conseguiu apresentar uma única justificação plausível para a sua posição de recusa. A Fepces (ler mais adiante) vai apelar ao público para que boicote a ida aos supermercados que se manifestam contra o contrato.

Quando são já passados quase cinco meses da apresentação da proposta revindicativa pela Fepces, a Ans, em última instância e à falta de argumentação segura (como afirma a Fepces), sugeriu o adiamento da sua resposta para Março de 1988.

Na opinião da Fepces, é o que se pode chamar «uma brincadeira de mau gosto» — e isso porque, dia a dia, «são mais dramáticas e gravosas as condições de trabalho e de remuneração em muitas cadeias de supermercados.

De acordo ainda com Fepces, na última reunião (recusa do contrato) ficou ainda «de certo modo evidenciado ser o Continente/Modelo/Sonae a empresa que mais se destaca na recusa da negociação de um contrato colectivo de trabalho para o sector.

Impasse sem solução?

De momento, pelo menos, sabe-se que até ao próximo dia 2 de Dezembro deverá ter lugar a primeira reunião de conciliação no Ministério do Trabalho, processo requerido pela Fepces face à recusa de negociar por parte da Ans.

Esta iniciativa preenche assim, no plano jurídico, mais uma iniciativa da Fepces para «obter um contrato que uniformize e torne mais justas as condições de trabalho nos supermercados.»

Se tal iniciativa não resultar, «a luta (afirma a Fepces) terá de prosseguir.»

Tudo aponta, segundo o Secretariado da Fepces, para que o mês de Dezembro «se torne num mês de importante movimentação pela conquista do contrato para o sector.»

Efectivamente, a Fepces e todos os Sindicatos federados «estão a preparar a partir deste momento um apelo de solidariedade dirigido a todo o público consumidor para um boicote activo a todos os supermercados que se recusem a negociar o contrato e persistam no desrespeito dos direitos dos trabalhadores.»

Empreiteiros do Norte congratulam-se com pagamento de dívidas

A Associação dos Industriais de Construção Civil e Obras Públicas do Norte congratulou-se com o anunciado pagamento das dívidas por parte do Governo aos empreiteiros das construções escolares.

Em comunicado ontem divulgado, a Associação afirma «registar com agrado o normal desenvolvimento do processo relativo ao concurso lançado pela Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos para a adjudicação da construção de mais 18 novas escolas, divididas em duas fases e com um valor global estimado em 1,5 milhões de contos.

«O lançamento destes novos empreendimentos denota um certo empenho do actual Governo conducente à criação de condições que possibilitem em 1988 ao sector da construção manter a recuperação da actividade iniciada no ano transacto» — acrescenta o documento.

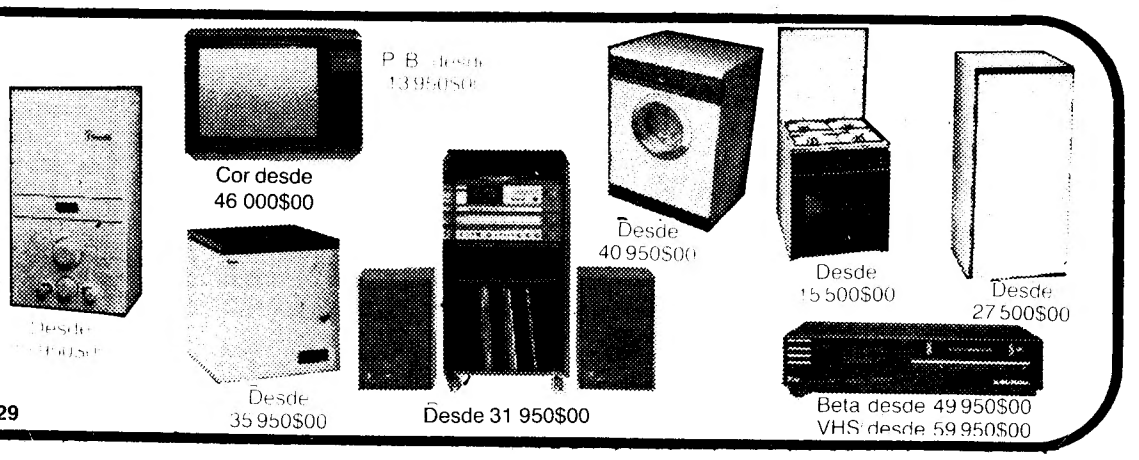
Para a Associação, a realização deste objectivo governamental vai ao encontro da promessa publicamente assumida pelo ministro das Finanças, no fim-de-semana no Porto, segundo a qual, mediante recurso a uma «dotação orçamental especial» seriam, a breve prazo, pagas todas as dívidas injustificadamente pendentes para com os empreiteiros que operam na área das construções escolares.

ELECTRO CARIMA
O REI DOS TELEVISORES A CORES
e ELECTRODOMÉSTICOS

CAMPANHA DE NATAL

PREÇOS DE REVENDA SEM CONCORRÊNCIA

REVENDA E AO PÚBLICO:
Estrada de Benfica, 388-A-B – 1500 LISBOA (Junto aos CTT) – Telef. 786998
ABERTO ATÉ ÀS 20 H
VENDA AO PÚBLICO:
Rua Escola de Medicina Veterinária, 9-A (à Estefânia) – 1100 LISBOA Telef. 521929



Director-adjunto segue-lhe as pisadas

Agustina Bessa-Luís saiu de "O Primeiro de Janeiro"

Agustina Bessa-Luís pediu a demissão do cargo de directora do matutino portuense «O Primeiro de Janeiro» em telegrama enviado ao Conselho de Administração daquela empresa de Comunicação Social.

Esta tomada de posição vem na sequência, como o «DL» noticiou já, de uma edição especial e limitada do «PJ», por motivos comerciais, com data anterior à da verdadeira publicação.

Agustina Bessa-Luís pedira à Administração que se demitisse, sem o que seria ela própria a demitir-se, como, de facto, acaba de fazer.

Face à decisão da directora, Costa Carvalho, director-adjunto, enviou uma carta ao Conselho de Administração, pedindo igualmente que o seu nome deixasse de figurar no matutino.

«As minhas competências desaparecem com a saída de Agustina Bessa-Luís, uma vez que as razões eram tão fortes que só me restava o caminho de solidarizar-me com a directora» — salientou Costa Carvalho à agência Lusa. Mantém-se, no entanto, como funcionário da empresa.

Ainda se desconhece quem assumirá a direcção-interina de «O Primeiro de Janeiro».

Com 4,4 milhões de contos

Algarve beneficia zonas turísticas

O saneamento básico e a rede viária ocupam 62 projectos de infraestruturas apresentados pela Comissão de Coordenação da Região do Algarve ao Feder, no montante de 4,4 milhões de contos. As áreas mais beneficiadas sobretudo no saneamento básico são as de concentração turística, apesar de todas as câmaras terem direito ao seu quinhão.

Os 2,5 milhões de contos justificados por 46 projectos de saneamento são preferencialmente aplicados em zonas turísticas e ecologicamente sensíveis — segundo a CCRA — respeitando as prioridades definidas no Programa de Desenvolvimento Regional do Algarve.

Para a rede viária, 1,9 milhões de contos dividido por 16 projectos, os investimentos situam-se basicamente na zona serrana respondendo à necessidade de explorar turisticamente o barrocal e a serra. Porém, serão também feitos arranjos para resolver os problemas de congestionamento da estrada nacional 125 que surgem principalmente na parte centro do litoral e prejudicam as actividades económicas centradas no turismo e os próprios turistas.

Todos os projectos enviados pela CCRA a Bruxelas, 79 desde 1986, dos quais 62 correspondem a infraestruturas, foram aprovados pelos responsáveis do Feder.

A comparticipação do Fundo de Desenvolvimento Regional ascende a dois milhões 276 mil contos, aguardando-se o desbloqueamento de um financiamento de 229 mil contos, já pedido em Setembro.

Os projectos incluídos na candidatura de 1988 dizem respeito a 17 obras, no valor de 1,9 milhões de contos, que afectam todos os municípios encontram-se a aguardar aprovação do Governo, devendo ser entregues em Bruxelas nos primeiros dias de 1988.

Concurso para restaurar o Martinho da Arcada

Um concurso nacional de ideias para restauração do café Martinho da Arcada foi ontem lançado pela Associação Pessoana dos Amigos do Martinho da Arcada (APAMA) e a Associação de Arquitectos Portugueses.

Maria do Carmo Vieira, presidente da APAMA, referiu que «o restauro de um café onde conviveram alguns dos criadores do modernismo português reveste-se de especial significado, tanto mais quanto assistimos a uma descaracterização crescente da cidade». «Encaramos o café como um todo e nada será descurado desde o mobiliário aos talheres», acrescentou.

O Martinho da Arcada é hoje um dos poucos cafés de Lisboa onde as mesas não estão amontoadas e o cliente pode ficar o dia sentado em frente de uma bica. Claro que se trata de um estabelecimento deficitário e que começa a degradar-se.

O júri que vai apreciar as propostas é composto por um representante do IPPC, outro da associação de arquitectos, um terceiro da APAMA e um quarto da empresa proprietária de café.

Pintasilgo defende portugueses em Estrasburgo

CEE quer agravar em 80% preços dos medicamentos

A CEE quer agravar as condições de vida das suas populações, através da criação de um mercado comunitário interno no sector dos medicamentos. Fontes bem colocadas em Estrasburgo admitem que a introdução de tal sistema comportaria um aumento de 80 por cento ao preço destes produtos. A deputada Maria de Lurdes Pintasilgo afirmou ontem no Parlamento Europeu que «um aumento de preços, exigido pela concorrência da CEE, seria uma medida desumana», lembrando as reduzidas pensões que os idosos recebem em Portugal.

Numa referência explícita a Portugal, a ex-candidata à Presidência da República defendeu as condições de vida dos nossos idosos, sobretudo aqueles que vivem exclusivamente das suas pensões e em cujos orçamentos pesa fortemente o custo dos medicamentos. Por isso, Maria de Lurdes Pintasilgo concluiu a sua intervenção, na Comissão de Assuntos Económicos do Parlamento Europeu, afirmando: «A ser levada por diante, a proposta não poderia ser aceite por mim, nem, estou certa, por nenhum dos deputados europeus».

A proposta da Comissão Executiva da CEE que prevê a criação de tal mercado está a ser analisada, como atrás se diz, pela Comissão de Assuntos Económicos do Parlamento Europeu. A ser aprovada a proposta, os medicamentos aumentariam «de forma drástica — observou Maria de Lurdes Pintasilgo — nos países em que actualmente são mais baratos e que têm níveis mais baixos de rendimento».

Eleita, como os nossos leitores sabem, nas listas do Partido Socialista, Maria de Lurdes Pintasilgo considerou a proposta anti-social assinalando que o sector farmacêutico é dominado por «um conjunto de multinacionais cujas sedes se encontram nos países ricos». Por essa e outras razões, a eurodeputada da lista do PS contestou que as leis da concorrência possam aplicar-se neste sector que assenta numa «estrutura oligopolista», frisou.

Em reforço desse raciocínio, MPL acrescentou que a proposta revela eloquentemente — como a Organização Mundial de Saúde já o denunciou — o excesso do número de medicamentos correspondentes à mesma composição química, negando, por isso, que a tais produtos sejam aplicáveis as leis da concorrência.

Maria de Lurdes Pintasilgo aludiu igualmente à «ausência de serviços de saúde no domínio da medicina preventiva» que, segundo ela, «é um factor determinante no excesso de procura de medicamentos, já que muito facilmente a população passa a ter uma proporção muito elevada de «doentes crónicos».

Projecto de lagar comunitário de cera ganha Prémio Nacional de Conservação

O projecto de recuperação de um lagar comunitário de cera existente em Torre de Moncorvo, apresentado por António Júlio Andrade, ganhou o Prémio Nacional de Conservação da Natureza e do Património Histórico-Cultural, organizado pelas Secretarias de Estado do Ambiente e Recursos Naturais e da Cultura com o apoio da Ford Lusitana. Este projecto ganhou simultâneamente o Prémio Nacional e representará Portugal da final europeia dos Prémios de Conservação 1987 que terá lugar em Espanha em Março de 1988.

Trata-se de um projecto que tem em vista a recuperação de um conjunto arquitectónico existente em Torre de Moncorvo, no distrito de Bragança, e é constituído por um pequeno largo circundado por cerca de três dezenas de casas que são um exemplo único de arqueologia industrial cujo aspecto físico será salvaguardado.

Na área de Conservação Urbanística, o prémio foi para o projecto de recuperação paisagística da pedreira da Boavista, em Estremoz, apresentado pelos arquitectos Carlos Costa e Jorge Cancela, que se propõem recuperar esta pedreira transformando-a num espaço verde harmoniosamente recriado.

O prémio de Conservação Rural foi ganho pela Associação Académica da Polícia Criminal.O projecto propõe-se elevar os níveis de nidificação consumada na área da Quinta do Bom Sucesso, situada entre o Barrô e a Ribeira de Pinheiro de Loures.

Na categoria Gente Jóvem, venceu o projecto de um Jardim de Plantas Medicinais, apresentado pelo dr. Teófilo José Braga e executado por um grupo de alunos da Escola secundária da Ribeira Grande, nos Açores. O Jardim ficará localizado na Casa da Cultura da Ribeira grande e pretende ser um isntrumento de educação, informação e sensibilização da população relativamente ao poatrimónio natural da região.

Concorreram 75 projectos, número superior ao verificado noutros países europeus. O júri, presidido pelo dr. José Almeida Fernandes e constituído pelo dr. Henri Barnier, prof. Manuel Costa Lobo, arquitecto Sérgio Infante e pela dra. Maria Fernandes Bruso Geraldes, dediu não atribuir o prémio na categoiria Conservação dos Recursos Energéticos e Naturais..

A cerimónia de entrega dos prémios foi presidida pelos secretários de Estado da Cultura e do Ambiente e pelo presidente do conselho de administração da Ford Lusitana.

Os Prémios Conservação da Natureza e do Património Histórico-Cultural foram instituídos em 1982 pela Conservation Foundation, instituição inglesa que goza do maior prestígio em todo o Reino Unido. O sucesso obtido pelos prémios levou á sua expansão de tal forma que, em 1987, tornaram-se uma realidade patrocinada pela Ford em todos os países membros da CEE. Em Portugal, os prémios foram apresentados este ano numa acção integrada no Ano Europeu do Ambiente.

O vencedor, António Júlio Andrade, ladeado à esquerda por Udo Kruse e pela secretária de Estado da Cultura, Teresa Patrício Gouveia, e á direita pelo secretário de estado do Ambiente Macário Correia.

Na cerimónia de entrega dos prémios 1987, Udo Kruse, presidente do conselho de administração da Ford Lusitana considerou que era para aquela companhia «motivo de alegria e orgulho ter patrocinado esta organização», salientando que a resposta dos participantes justifica a continuação do investimento que, por sua vez, «é mais um testemunho do envolvimento da Ford relativamente a Portugal».

Prossegue o desmantelamento da rede de droga no Alto Minho

Sete indivíduos, suspeitos de pertencerem a uma rede de traficantes de droga, cujo desmantelamento tinha sido iniciado em Abril deste ano, foram detidos pela Polícia Judiciária em Caminha, Viana do Castelo, Vizela, Aveiro e Lisboa.

Em Abril tinham sido capturados nove presumíveis traficantes, e desta vez entre os detidos encontram-se homens e mulheres de idades compreendidas entre os 20 e os 30 anos. A rede actuava na região do Alto Minho, com particular incidência na cidade de Braga.

Assaltantes de sapataria partiram montra à pedrada

Desconhecidos assaltaram, na madrugada de ontem, a Sapataria Piedade localizada na Praça Dr. Francisco Sá Carneiro, ao Areeiro, levando artigos no valor de mil contos, depois de terem partido a montra do estabelecimento com uma pedra.

Entre os artigos furtados contam-se casacos e malas de cabedal, um fato de camurça, cintos e sapatos.

Roubados 1800 contos numa residência em Cascais

Na ausência dos locatários, foi assaltada uma residência localizada no Bairro do Cobre, em Cascais, de onde foram roubados vários relógios, dinheiro em moeda estrangeira, um rádio e objectos em ouro, tudo no valor global de 1800 contos.

A Polícia Judiciária tomou conta da ocorrência.

Acórdão conclui que ele fundou as FP-25

TRIBUNAL DA RELAÇÃO DEU MAIS TRÊS ANOS DE PRISÃO PARA OTELO

O ex-comandante do COPCON, Otelo Saraiva de Carvalho teve a sua pena agravada em cerca de três anos, segundo um acórdão do Tribunal de Relação de Lisboa, que deu «provimento parcial» a recursos de réus e Ministério Público do «caso FP/25» segundo uma fonte do tribunal.

O agravamento de pena do tenente-coronel Otelo Saraiva de Carvalho, que foi condenado em 20 de Maio passado a 15 anos de prisão, deveu-se ao facto de os juízes do Tribunal de Relação terem concluído que o ex-general graduado foi o fundador das FP-25.

De acordo com a mesma fonte, o acórdão, que ontem foi tornado público no Tribunal da Relação de Lisboa, considera provado que o Projecto Global é integrado por componente e subcomponentes, exceptuando a Comissão de Luta Contra a Repressão (CLCR) e, com «reserva factual», uma empresa denominada IEP.

O acórdão mantém ainda as provas constantes da primeira sentença sobre a existência da estrutura dirigente e a estratificação de responsabilidades.

O acórdão confirma as penas dos restantes réus do primeiro processo, que se realizou no Tribunal de Monsanto durante cerca de dois anos.

Por outro lado, o provimento parcial dos recursos fez baixar as penas de indemnização a pagar por três réus, nomeadamente César Escumalha e Godinho Claro.

Ao réu Manuel Jorge Magalhães foram tidos em conta «alguns perdões», referiu a mesma fonte.

Entretanto, as penas aplicadas aos réus «arrependidos» do mesmo processo foram agravadas mas, devido a perdões vários, acabaram por se manter segundo o decidido no Tribunal de Monsanto.

Segundo a mesma fonte, o acórdão, com mais de 600 folhas, demorou cerca de quatro meses a ser elaborado pelo juiz relator, tendo sido apreciado posteriormente no seu conjunto por mais dois juízes.

Os réus, que agora viram a sua pena confirmada ou agravada pelo Tribunal de Relação, poderão recorrer para o Supremo Tribunal, que julgará apenas matéria de direito e não de facto.

A agência Lusa soube, entretanto, que não houve unanimidade entre os juízes no acórdão citado, no que respeita a aspectos jurídicos, tendo um dos juízes emitido uma declaração de voto a esse respeito.

Otelo Saraiva de Carvalho foi condenado pelo Tribunal de Monsanto a 15 anos de prisão por co-autoria material do crime de organização terrorista.

No mesmo processo, Pedro Goulart, Mouta Liz e Humberto Dinis Machado, foram considerados também fundadores das FP-25 e sofreram penas de 15, 14, 10 anos e seis meses.

As maiores penas foram aplicadas à ré revel Suzete Ribeiro e a Luís Filipe Gobern Lopes, condenados a 17 anos de prisão.

Neste processo, foram condenados 44 réus e quatro «arrependidos», tendo sido absolvidos 16 outros réus.

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

ANÚNCIO
CONCURSOS PÚBLICOS

Faz-se público que nos Serviços de Aprovisionamento – Arsenal Cirúrgico – dos Hospitais da Universidade de Coimbra, se encontram abertos os seguintes Concursos Públicos:

Concurso	DESIGNAÇÃO	Entrega Prop.		Abertura Prop.	
		Hora	Dia	Hora	Dia
1/02/88	Material para tratamento Apoios graduados (canadianas), cadeiras de rodas	14.30	21/12	15	21/12
2/02/88	Material para Tratamento Barretes, máscara de papel	14.30	21/12	15	21/12
3/02/88	Material para Tratamento Luvas irrecuperáveis, luvas de borracha para cirurgião	14.30	21/12	15	21/12
4/02/88	Material de Penso e Sutura Agrafes de Michel, compressas hemostáticas, ligaduras	14.30	22/12	15	22/12
5/02/88	Material de Penso e Sutura Pensos para campo operatório, pensos higiénicos	14.30	22/12	15	22/12
6/02/88	Material para Tratamento Diverso material para uso clínico	14.30	22/12	15	22/12
7/02/88	Material para Electromedicina Filmes para cineangiografia, líquidos p.ª RX	14.30	23/12	15	23/12
8/02/88	Produtos Destinados à Administração e Colheita de Sangue Material para Laboratório	14.30	23/12	15	23/12
9/02/88	Material de Penso e Sutura Catguts, fios de sutura, Sedas	14.30	23/12	15	23/12

As propostas devem ser entregues nos Serviços de Aprovisionamento – Arsenal Cirúrgico, até à hora e dia acima indicados.

Os Cadernos de Encargos poderão ser consultados nos Serviços de Aprovisionamento – Arsenal Cirúrgico – todos os dias úteis nas horas de expediente.

Hospitais da Universidade de Coimbra, 24 de Novembro de 1987
O Director dos Serviços de Aprovisionamento
(Victor Manuel Ferreira Seabra)

Processo de corrupção

Comerciante "quase massacrado" até entregar 40 contos aos agentes

O proprietário de um «stand» de automóveis em Castanheira do Ribatejo, co-réu com mais dezanove outros comerciantes no mesmo processo em que são igualmente arguidos dois chefes de brigada e três agentes da Fiscalização Económica, acusados de corrupção afirmou ontem no Tribunal da Boa Hora ter sido abordado no seu estabelecimento «e quase massacrado até entregar aos agentes 40 contos em dinheiro».

«Eles disseram-me – referiu – que eram obrigados a passar-me uma multa bastante pesada por falta de afixação de preços em dois ou três automóveis que estavam para venda.»

Ainda na sessão de ontem o último comerciante a ser ouvido, Carlos Silva, proprietário de uma peixaria, disse ter passado para as mãos do agente Ângelo Castelo Branco, um dos réus, 60 contos em dinheiro, «no momento em que dois colegas estavam ausentes, embora dentro das instalações».

Antes de entregar os 60 contos, Carlos Silva revelou ter sido ameaçado com o pagamento de uma pesada multa por possuir numa arca frigorífica peixe misturado com carne de porco.

GNR apreendeu automóvel a caçadores ilegais

A GNR deteve em várias regiões do País sete indivíduos surpreendidos a caçar ilegalmente, tendo-lhes apreendido um automóvel, espingardas e as espécies já abatidas.

Na região de Santarém foram detidos dois caçadores ilegais e apreendidos um veículo, um furão e dois coelhos. Em Beja, a GNR deteve um jovem de 17 anos que caçava sem documentos, tendo-lhe apreendido a arma e os cartuchos. Em Veiros/Estremoz deteve dois caçadores por actuarem ilegalmente num aparcamento de gado.

Finalmente, Leça do Balio/Porto, a GNR deteve dois indivíduos por caçarem em local proíbido, tendo-lhe apreendido duas espingardas cartuchos e três peças abatidas.

«Influência da reestruturação dos serviços municipais na vida das populações»

O artigo inserido na edição do «DL» da passada terça-feira, dia 24, sob o título «Influência da reestruturação dos serviços municipais na vida das populações» não saiu assinado por lapso obviamente involuntário. Tratava-se de um texto da autoria do nosso colaborador e vereador da Câmara Municipal de Lisboa eleito pelo PCP, Vítor Costa, a quem apresentamos, tal como aos nossos leitores, desculpa pela omissão.

FUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

ROSA MOTA, a que ainda há pouco fez delirar os nossos corações. Rosa Mota, a Rosa. Rosa Mota, a Rosinha. A Rosinha do sorriso simples.

A Rosinha a distinguir o Presidente da República com um beijinho na bochecha. Essa mesma: Rosa Mota uma rosa com a haste feita de aço.

Pois bem. Rosa Mota não satisfez, porque decerto lhe não era conveniente, uma vontade da Federação. Logo a Federação teve para ela a mão pesada.

Começou por lhe aplicar uma repreensão registada assim lhe manchando a caderneta. Estou a ouvir São Pedro: «Não podes entrar, Rosinha, tens aqui uma repreensão registada». E lá vai ela empandeirada para o lazareto.

A seguir cortou-lhe a colecta do subsídio de alta competição, ou seja, 45 contos por mês o que permite à atleta comer um bife por dia, beber um litro de leite, lavar o equipamento e substituir as sapatilhas. Por aqui já se vê como o Estado cuida bem dos bravos lusos.

Consta, porém, que o castigo não se ficará por aqui. Assim, parece que vão ser interditas à atleta as ruas e avenidas onde costuma fazer a sua preparação. E de duas uma: ou Rosa Mota se treinará no perímetro do seu quarto, passando a cama para a salinha de entrada, ou se deslocará ao estrangeiro, a Espanha, por exemplo, que a receberá com entusiasmo, e onde ela até se poderá naturalizar.

Mas há mais. Tudo se fará para que seja cortada a água que abastece a casa de Rosa Mota.

O que é grave Sem beber passa ela bem, sem o duche é que é o pior.

Igualmente as lojas ficarão proibidas de fornecer os alimentos indispensáveis a Rosa Mota, fiando-lhe. Ai delas, se o fizerem! A Federação não perdoa! Depois de isto tudo, Rosa Mota só tem uma oportunidade de reconquistar as boas graças da Federação: é ganhar a Maratona de Seul.

Então será novamente a Rosinha, dará mais um beijinho na bochecha e receberá o cheque para poder continuar a comer...

No ciclo "Cidades e História" da Gulbenkian

ESPANHOL "IMPLORA" QUE DEFENDAMOS URBES MUÇULMANAS

Em Évora, Idanha e Faro existem os vestígios muçulmanos mais primitivos da Península Ibérica. No entanto estão esquecidos, mal preservados e, no caso de Faro, em risco de se perder, o que levou o especialista espanhol em urbanismo muçulmano, Juan Zozaya, sub-director do Museu Arqueológico de Madrid, a «implorar», ontem, durante a conferência que proferiu na Fundação Gulbenkian: «Salvem-no, por favor».

Mas a situação é tanto mais significativa quanto, para abordar aquele tema no ciclo «Cidades e História», o Serviço de Belas-Artes da Fundação Gulbenkian teve que convidar um estrangeiro, pois «não existem em Portugal especialistas sobre o período muçulmano», como o próprio director do Serviço ontem admitiu.

Assim, face à doença do Dr. Fernando Chueca Goitia, que deveria a proferir a conferência, o responsável pelo ciclo viu-se forçado «pescar» o professor Juan Zozaya, que se encontrava em Lisboa para o Congresso sobre cerâmica Pré-Histórica, para que o ciclo não ficasse incompleto.

«História urbana durante o período muçulmano/o urbanismo muçulmano: suas constantes» foi o tema que o especialista espanhol abordou, referindo: «O urbanismo muçulmano exige um denominador muçulmano muito difícil de definir. O que é o muçulmano? É o que se queira, depois de ler um livro sobre arte muçulmana indiano, espanhol, ou de outra região. São todos diferentes, o único ponto em comum é o facto de ser muçulmano».

«Não vou aludir à cidade muçulmana do Oriente ou do Ocidente, mas às coisas comuns a todas as cidades muçulmanas», disse, acrescentando: «Na Península também tivemos um mundo muçulmano, mas com outras definições».

O professor Juan Zozaya ontem na Gulbenkian

Chamar para a oração

A cidade muçulmana apresenta-se como um espaço em que se pode encontrar diversas situações: recintos civis e recintos militares, onde a sua unidade se pode considerar como «zona religiosa—zona higiénica—zona habitacional», indo desde a casa privada à grande unidade urbana.

«O microcosmos reproduz-se formando um macrocosmos, com uma regra básica: o alcance da voz humana que chama para a oração cinco vezes por dia».

Desenhando num quadro para melhor exemplificar como se origina a cidade muçulmana, Juan Zozaya explicou: «As cidades eram erigidas em sítios altos, morros, de preferência rodeadas por um rio. É o caso de Toledo, por exemplo. No ponto mais alto era erguida uma torre, o lugar de controlo. Depois apareciam as casas, a autoridade civil, a mesquita e o aqueduto, pois era necessário levar a água para o alto».

Por isso, quando uma caravana se aproximava de uma cidade muçulmana, vislumbrava primeiro a torre de vigia e, depois, o aqueduto. Eram os pontos de referência.

«A situação normal é os habitantes dividirem-se em dois grupos: os produtores, que ficam extra-muros, e que tendem a criar um recinto próprio, o os que têm uma função especializada, que se mantêm dentro da muralha». Fica assim a zona de governo com a zona de residência, e a de defesa com a primeira muralha.

A autoridade civil está habitualmente relacionada com a autoridade religiosa do poder. «Aparece uma mesquita, onde o poder religioso recebe as ideias do poder civil e as transmite», explica Juan Zozaya.

Ao lado da torre e da mesquita, aperece um terceiro elemento fundamental no mundo islâmico: os banhos públicos, que para além de serem locais de higiene têm uma função social, pois era naqueles recintos que se realizavam os grandes acontecimentos, como casamentos. «Quando, durantes as escavações, se descobre uma mesquita, já se sabe que nas proximidades estará o edifício de banhos públicos», refere o professor.

Outro elemento constante nas cidades muçulmanas são as latrinas, grandes poços, por vezes com cerca de quatro metros de profundidade, para onde se deitavam os desperdícios, como cacos de cerâmica, objectos de metal, «mas nunca dejectos humanos», refere Juan Zozaya.

Os «Kasba»

As cidades mulçumanas têm sobretudo uma vida doméstica e outra militar. «A vida doméstica é íntima, a arquitectura fechada em si mesma, a parte familiar muito protegida do exterior». São os «Kasba».

A ideia de intimidade do «kasba» pode ser verificada pela inexistência de praças e pelas ruas sinuosas, estreitas, onde só cabia a mula e o homem, como se pode ver ainda hoje em Granada. «As casas muçulmanas, pequenas ou grandes, ricas ou pobres, vivem para dentro».

«A cidade aparece dividida em compartimentos estanques: o «Kasba», a mesquita, os banhos públicos, a zona de autoridade civil e, nos arrebaldes, as necrópoles, pois não faziam nada sem construir a sua bela necrópole».

E por isso a cidade vai-se estruturando em pequenas unidades, que reproduzem fielmente o primeiro núcleo: a zona habitacional, a mesquita, os banhos públicos vão-se repetindo. «Formam microscosmos que se reproduzem formando, no seu conjunto, o macrocosmos».

Exemplos marcantes do urbanismo muçulmano na Península são actualmente a cidade de Toledo e Allambra, em Granada, referiu Juan Zozaya, depois de, durante mais de uma hora, «percorrer oito séculos e muita Península».

DL NACIONAL

Seis escolas novas nos Açores

O secretário açoriano da Educação e Cultura anunciou a construção, para o próximo ano, de seis novas escolas preparatórias e secundárias na Região.

António Maria Mendes, que falava no debate do plano regional para 1988, anunciou também estarem em elaboração projectos para a construção de uma escola preparatória e outra secundária e de 106 salas de aula para o ensino primário.

O titular do sector da Educação considerou que tem sido política do gabinete de Mota Amaral «investir na execução de uma densa rede física de estruturas escolares», como forma de «facilitar e incentivar» o efectivo cumprimento da escolaridade obrigatória e a região «encaminhar-se rapidamente para um escolarização de nove anos».

Maria Mendes considerou, por outro lado, que o Governo Regional não pode deixar de enquadrar o desporto na sua política de educação, «apoiando e incentivando» a sua prática, no entendimento de que dela advém a «formação educativa dos jovens e a melhoria das condições físicas da população em geral».

O secretário regional da Educação anunciou que estão em curso de execução três infra-estruturas desportivas nas cidades de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta.

Nos debates de quarta-feira, a oposição questionou o Governo Regional sobre a implementação da Lei de Bases do Sistema Educativo e a realização de acções de formação no sentido de atenuar o fenómeno do analfabetismo nos Açores.

"Cimpor" distingue trabalhadores

A «Cimpor» homenageará, depois de amanhã, em Lisboa, os empregados que em 1986 completaram quarenta anos ao serviço da empresa e os seus melhores clientes.

A cimenteira portuguesa juntará num almoço, no Palácio dos Condes de Óbidos (Cruz Vermelha), os trabalhadores nessas condições, de todos os seus centros de produção (de Loulé a Souselas), bem como clientes que melhor carteira de encomendas apresentam na compra de sacos de cimento em saco e granel, proporcionando-lhes também um passeio turístico guiado pela cidade de Lisboa.

A administração e os directores da «Cimpor» participarão no almoço/convívio, durante o qual serão entregues aos trabalhadores com 40 anos de serviço da empresa os prémios pecuniários que lhes foram a seu tempo atribuídos.

Greve na Universidade do Minho

Os estudantes dos cursos de ensino da Universidade do Minho fazem hoje um dia de greve, informou a associação académica.

De manhã os estudantes concentraram-se junto ao edifício da reitoria, onde entregaram um documento com as suas reivindicações e à tarde entregam idêntico documento no Governo Civil.

Os estudantes manifestam-se, assim, contra a proposta de Decreto-Lei de reestruturação dos quadros de ensino.

forum nacional telecomunicações 87

lisboa, 25/29 novembro 87

EXPOSIÇÃO DE EQUIPAMENTO INFORMÁTICO E DE TELECOMUNICAÇÕES

Decorre de 25 a 29 de Novembro no Forum Picoas uma feira de exposição de telecomunicações e informática com a colaboração das seguintes firmas:

ICL, IBM, CONTROL DATA, DIGITAL, UNISYS, NCR, BULL, DATA GENERAL, AEP, PHILIPS, STANDARD, ERICSSON, SIEMENS.

A ENTRADA É LIVRE

TRIBUNAL DA RELAÇÃO DE LISBOA

ANÚNCIO

Pela 3.ª Secção de Processos da Repartição Judicial do Tribunal da Relação de Lisboa, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando MICHAEL CHRISTIAN GRIMM, nunca tendo residido no País e com última residência conhecida em Schönleistr. 8 (bei Pflieger), 1000 Berlim 61, República Federal Alemã, para no prazo de **10 dias,** decorridos que sejam os dos éditos deduzir, querendo, a oposição que tiver por conveniente nos autos de Revisão de Sentença Estrangeira, proferida pelo Tribunal de Família de Chaoloitemburgo-Berlim, que decretou o divórcio entre o citando e a requerente MARIA HELENA DE OLIVEIRA AFONSO DOS SANTOS, residente na R. Tomás Alcaide, Lote 100-6.º Frente, 1900 Lisboa e que esta requerente pede que aquela setença depois de revista e confirmada, produza todos os seus efeitos em Portugal.

A referida Revisão de Sentença Estrangeira, requerida ao abrigo do art.º 1096.º e seguintes do Cód. do Processo Civil corre termos pela 3.ª Secção de Processos do Tribunal da Relação de Lisboa sob o n.º 24 704.

Lisboa, 13 de Novembro de 1987.

O Desembargador-Relator
Joaquim Fonseca Henriques de Matos

O Escrivão-adjunto
Maria Celestina Almeida Duarte

«DL» 26/11/87 — 1.ª Pub.

8.º JUÍZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

Faz saber que, pela 1.ª Secção do 8.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm termos uns autos de Contrato de Trabalho registados sob o n.º 4/86 em que são Autor CARLOS CORADO DE LIMA ALVES e Ré FENCO-SERVIÇOS DE TRÂNSITOS, LDA., que teve a sua última sede conhecida na Rua da Manutenção, 17-2.º Esq.º — Lisboa e nos, quais correm editos de TRINTA dias, notificando-se esta, de que, por despacho proferido nos autos, foi designado o dia 17 de Dezembro de 1987 às 14 horas, a fim de se proceder à audiência de julgamento, devendo a Ré apresentar as suas testemunhas (art.º 88 n.º 2 do CPT), que é obrigatória a sua comparência pessoal no dia e hora designados, sob pena de, faltando, não justificar a falta e não se fazer representar por mandatário judicial ser condenada no pedido (art. 89 n.º 1 e 3 do CPT).

Lisboa, 18 de Novembro de 1987

O JUIZ DE DIREITO
a) Abílio Lopes Cardoso

O Escrivão Adjunto
a) Mário Lopes Fragoso

D.L. 26/11/87 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
15.º JUÍZO
ANÚNCIO

Execução Ordinária, N.º 6951 1.ª Secção.

Exequente Florentino de Barros Gomes

Executado ANTÓNIO JÚLIO CALDEIRA e mulher MARIA AUGUSTA FERNANDES TORRES CALDEIRA, residentes na Rua 4, lote 61, 3.º, em Queluz de Baixo.

Por este Tribunal correm éditos de vinte dias que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do anúncio citando os credores desconhecidos daqueles executados para no prazo de dez dias posterior ao dos éditos, virem a execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 19 de Novembro de 1987

O Juiz de Direito
(José Fernando de Salazar Casanova Abrantes)

O Escrivão Adjunto
(Isabel Maria da Conceição Almeida Ridgway d'Aboim)

«DL» 26/11/87 — 2.ª Pub.

CLÍNICA MÉDICO-DENTÁRIA REPÚBLICA

DOENÇA DA BOCA E DENTES COMPETÊNCIA A PREÇOS ACESSÍVEIS

Urgências sem marcação
Acordo com a ADSE

Av. da República, 99-5.º Esq.º (ao Campo Pequeno)
Telef. 760569

CÂMARA MUNICIPAL DE ODEMIRA

CONCURSO PÚBLICO PARA FORNECIMENTO DE UMA RETROESCAVADORA

O prazo de entrega para as propostas termina no dia 10/12/87 pelas 17 horas.

CÂMARA MUNICIPAL DE ODEMIRA

CONCURSO PÚBLICO PARA FORNECIMENTO DE UMA MOTONIVELADORA

O prazo de entrega das propostas termina no dia 14/12/87 pelas 17 horas.

Na total dependência do Estado

HÁ 700 MIL PORTUGUESES ENTRE A HABITAÇÃO CLANDESTINA E A CIDADANIA MARGINAL

Setecentas mil pessoas vivem, em Portugal, em duas centenas de milhar de habitações ilegais. Sete por cento da população portuguesa mora, portanto, à margem da lei. Sob o beneplácito do Estado e com o aforro de uma vida inteira na dependência da decisão de uma autarquia ou de um fiscal. Isto cria uma situação de cidadania marginal que o aparelho de Estado, a todos os níveis, deixou criar e não combateu. O responsável é a falta de oferta no mercado de habitação.

O clandestino, habitação e habitante, nasceu nos anos 60, sob o beneplácito do Estado que se alheou do facto «com duas vantagens de ordem prática: a primeira, evitar enfrentar problemas que nunca são populares e demandam muito empenhamento e esforço; a segunda, colocar a população em situação frágil, de tolerada, permanentemente dependente dos favores e magnanimidade dos poderes públicos, arrecadando as vantagens eleitoralistas desta atitude» e não tendo que resolver problemas.

Foi esta a tese apresentada pelo engenheiro Costa Lobo no encontro sobre construção clandestina que ontem decorreu na Biblioteca Nacional, organizado pela Ordem dos Engenheiros, com a colaboração da Direcção-Geral do Ordenamento do Território.

E depois, a Administração Pública «aproveitou as circunstâncias a seu favor não lhe interessando uma rápida alteração do estado de coisas, numa pespectiva de comodismo, de economia de meios no sector, de eventuais ligações às próprias forças económicas envolvidas no negócio».

Por outro lado, segundo Manuel da Costa Lobo, há valores humanos em jogo. «Um comprador deste tipo de lote passa a designar-se por clandestino e a sua situação neste campo marginaliza-o da sociedade e do País», torna dependente da benevolência duma autarquia o aforro de anos de trabalho.

Paradigmas da clandestinidade urbanística são a Brandoa — onde pela primeira vez se viu, a sério, o clandestino — e a península de Setúbal. Depois de 1974, as câmaras, chamadas a resolver o problema, viram-se na necessidade de contemporizar, por razões idênticas às da Administração Central.

Segundo Costa Lobo o clandestino nasce porque há uma procura que não encontra oferta. Em primeiro, procura por parte da família que vem do campo, que vive mal alojada no centro urbano, que quer ter uma horta ou uma casa de fins-de-semana, construir casa para os filhos... E depois, para lotear, visando a especulação ou não respeitar um projecto.

O clandestino é, para Costa Lobo, «uma mistura de ignorância, de inconsciência e de propósitos desonestos de vigarizar o próximo e de torpedear as leis para proveito próprio».

Aparece então o especulador. «Habilmente industriado ele firma contratos que não o comprometem e pelos quais grangeia a gratidão dos compradores que engana e vigariza... mas com cumplicidade dos próprios. São cumplices por não terem alternativa ou porque pensavam, deste modo, também vigarizar o Estado».

E, no fundo, a responsabilidade da proliferação de bairros clandestinos é da cidade: a densidade excessiva que se permite crescer sempre no mesmo espaço urbano é que provoca a degradação da cidade marginal, a cidade dos que não atingindo padrões pré-estabalecidos são arrastados para a marginalidade.

Até geológica e topográficamente os terrenos do clandestino são difíceis, no dizer do engenheiro Grade Ribeiro. Por outro lado caracterizam-se por ocupar as linhas de água, os lotes serem implantados anarquicamente e com total desrespeito pelas regras de construção.

Tudo isto é «um importante factor de desordenamento do território», conforme referiu o secretário de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território, Nunes Liberato, na abertura dos trabalhos.

O Governo está a preparar um pacote legislativo pelo qual se pretende flexibilizar a tipologia de planos tendo em vista cobrir uma boa parte do território nacional com planos municipais e planos de urbanização, criar condições para que a Administração Central concretize os seus planos e acelerar as tomadas de decisão do Estado.

O Ministério do Plano e Administração do Território tem pautado a sua acção, segundo o secretário de Estado, por repôr a legalidade mesmo que isso implíque demolições, controlar o avanço e impedir a abertura de novas frentes de loteamento ou construção clandestina. Simultaneamente decorre, junto dos clandestinos, uma campanha de informação.

Para Nunes Liberato «construir legal é melhor do que construir ilegal. A segurança de um património é prefeível à incerteza da propriedade. A qualidade de vida a que temos direito só é possível na legalidade». Decerto as 700 mil pessoas que habitam em casas não legais concordam com o secretário de Estado.

O drama dos clandestinos na cidade

Duas barracas demolidas na zona do Zambujal

Duas famílias de raça cigana foram desalojadas na terça-feira de duas barracas que tinham construído recentemente na zona de Zambujal, disse o vereador do pelouro do urbanismo da Câmara da Amadora.

Manuel Vieira, vereador da APU, disse que as referidas famílias, que vinham da zona de Benfica, construíram as barracas sem autorização da Câmara, motivo pelo qual foram mandadas demolir pela fiscalização municipal.

O vereador acrescentou que as famílias foram notificadas para não construírem no local, aviso que não acataram.

Segundo a mesma fonte, os dois indivíduos de raça cigana foram mandados a Tribunal de Polícia por terem ocupado ilegalmente duas habitações devolutas, propriedade da Câmara.

O responsável do urbanismo da Câmara da Amadora sublinhou que se trata de impedir a proliferação das habitações ilegais, referindo que já existem no local centenas de barracas.

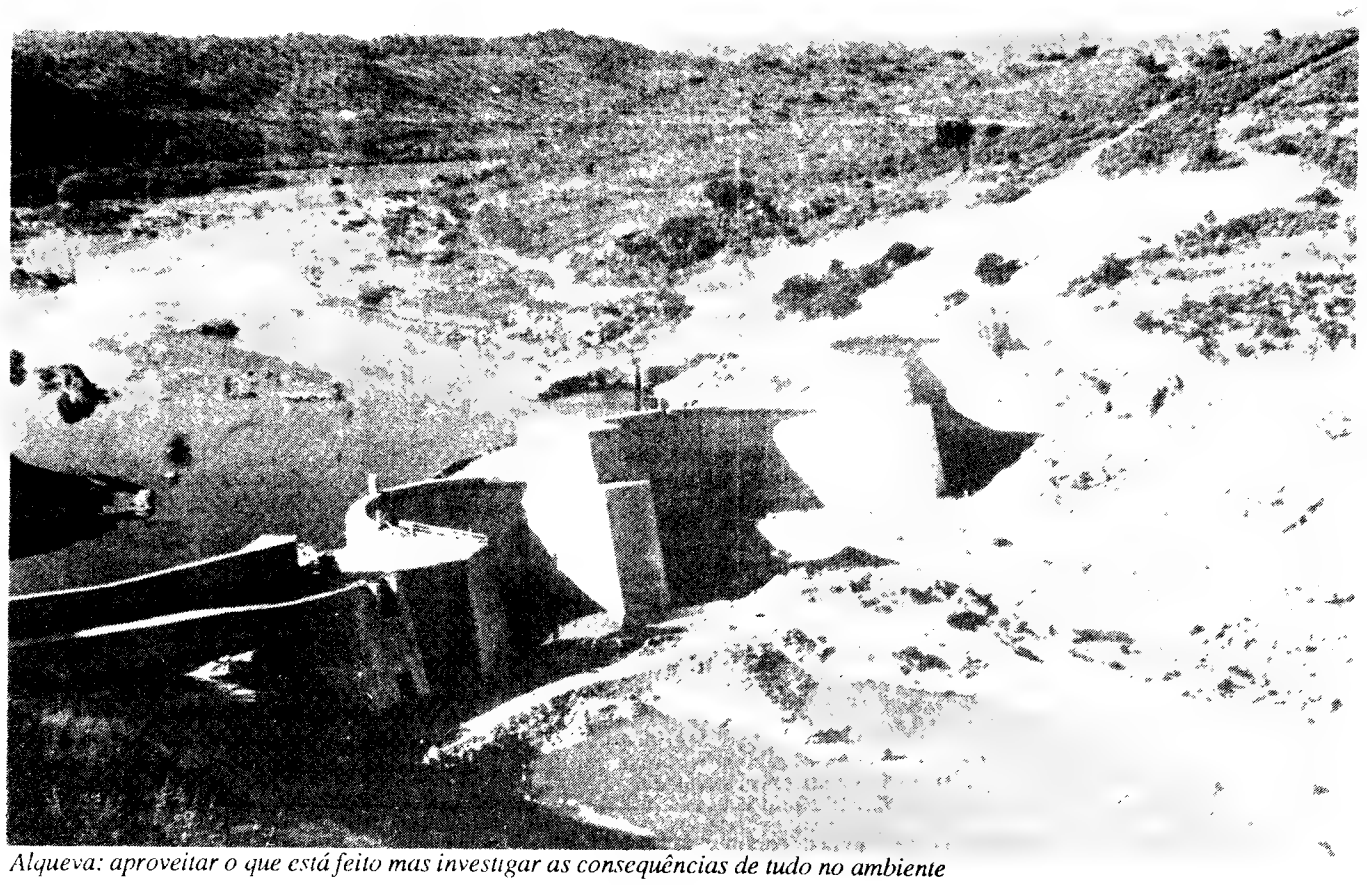
«Para as substituir seriam necessários cerca de 6 mil fogos, com um défice total de habitações estimada em cerca de 11 mil fogos», acrescentou.

O município da Amadora tem em andamento a construção de 200 fogos a cargo de duas cooperativas de habitação económica, em terrenos cedidos pela Câmara já infra-estruturados, adiantou.

O vereador do PS na Câmara da Amadora, Sobral de Sousa, disse que a decisão de desalojar as famílias foi tomada «unilateralmente» pelo pelouro do urbanismo e acusou o executivo de não ter um plano de habitação social.

Numa carta enviada ao presidente da Câmara, Orlando de Almeida (APU), os vereadores do PS, do PSD e do CDS pedem que seja diligenciado junto do IGALP no sentido de que as cinco casas devolutas existentes no local, sejam entregues às famílias a quem foram destruídas as barracas.

Segundo Sobral de Sousa, os 650 mil contos que a Câmara tem no banco poderiam servir para habitação social. Adiantou que existem terrenos infra-estruturados para cerca de mil fogos e a possibilidade de acesso aos 50 por cento de investimento a fundo perdido para construção.



Alqueva: aproveitar o que está feito mas investigar as consequências de tudo no ambiente

Anunciado por Macário Correia tendo em vista o projecto de barragem

Ambiente a montante de Alqueva motivo de estudo de impacte

O estudo do impacte ambiental do Alqueva para jusante, até à foz do guadiana, vai ser encomendado pelo Governo a dois gabinetes técnicos, pois não existem informações suficientes, — disse o secretário de Estado do Ambiente, Macário Correia.

Aquele membro do Governo, que falava na abertura de um seminário sobre ciências do ambiente organizado pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova, anunciou ainda, como medidas em preparação pelo seu departamento, a classificação das barragens nacionais conforme a utilização que pode ser dada à superfície das águas e à simulação de um grave acidente industrial em Estarreja, semelhante ao de Seveso, para pôr à prova os meios de protecção civil disponíveis.

Macário Correia explicou que o projecto do Alqueva foi inicialmente lançado sem um estudo aprofundado do seu impacte ambiental, nomeadamente para jusante, o que será feito agora pela primeira vez.

«Já foi empatado muito dinheiro no Alqueva para que não se procure rentabilizar esse investimento — disse — mas, por outro lado, o prosseguimento do projecto comporta verbas elevadíssimas, que não podem ser gastas sem um conhecimento mais aprofundado de todas as consequências dessa decisão».

Quanto à classificação das barragens nacionais, Macário Correia anunciou que está em fase de conclusão um decreto regulamentar que poderá ser publicado já em Janeiro próximo.

«Trata-se, essencialmente, — afirmou o secretário de Estado — de regulamentar a utilização das barragens pelos desportos náuticos e por outras actividades que envolvam barcos a motor, partindo do princípio que não se pode permitir que seja poluída pelo óleo dos motores a água que vai abastecer as populações».

Uma das barragens que deverá ser interdita a barcos a motor, por sair dali água consumida em Lisboa, é a de Castelo do Bode.

Por outro lado, em Fevereiro, o grande pólo da indústria química nacional, em Estarreja, vai ser teatro de uma operação de simulação de um acidente grave, com suposta rotura de condutas de gases tóxicos ou de produtos químicos poluentes.

Esse ensaio, que envolverá grandes meios humanos e técnicos, permitirá avaliar os riscos para a população e pôr à prova os meios de combate e de protecção civil.

Demolições continuam

Sobre o problema dos clandestinos, Macário Correia garantiu que «a reposição da legalidade vai continuar», sublinhando que, pessoalmente, preferiria que o seu departamento não tivesse de gastar 90 por cento do orçamento a reparar os erros cometidos no passado, dedicando-se antes preferencialmente a medidas de prevenção e educação.

O secretário de Estado recordou que a defesa do ambiente começou entre nós apenas há quinze anos e que desde então um longo caminho já foi percorrido.

«Começaram por existir apenas três pessoas na antiga Comissão Nacional do Ambiente e hoje somos mais de três mil espalhados por todo o País. A defesa do ambiente está na ordem do dia e as populações começam a estar sensibilizadas, mas não basta carolice e entusiasmo».

«Em muitas direcções-gerais e serviços falta um esqueleto institucional e leis orgânicas. É um caminho que está por percorrer e que constitui um dos meus objectivos concretizar, agora que pela primeira vez a Secretaria de Estado tem uma perspectiva de trabalho para quatro anos».

Depois de elogiar o trabalho desenvolvido pelos técnicos do ambiente, nomeadamente os engenheiros sanitários e de ambiente formados pela Faculdade de Ciências e Tecnologia, o secretário de Estado terminou dizendo estar convicto de que «vamos ter cada vez melhor ambiente em Portugal».

Rever leis da publicidade

O secretário de Estado do Ambiente disse, entretanto, em Braga, que há uma necessidade de urgente de rever a legislação portuguesa sobre a publicidade, nomeadamente a ligada à rádio e à televisão.

Macário Correia falava durante um colóquio-debate subordinado ao tema «O comércio e serviços e os consumidores», integrado na semana do terciário,a decorrer naquela cidade até 1 de Dezembro.

Segundo aquele membro do Governo, o problema do ambiente está ligado à vida quotidiana e uma das suas causas está na «publicidade enganosa que leva o consumidor a adquirir produtos nocivos à sua saúde».

O secretário de Estado disse que o seu gabinete está empenhado seriamente em «elaborar urgentemente um novo código de publicidade», bem como a estabelecer regras normativas ligadas ao combate do tabagismo e do álcool.

Quanto ao primeiro, Macário Correia acrescentou estar já em fase de elaboração final uma nova legislação sobre o assunto.

Essa legislação, segundo o secretário de Estado, prevê várias restrições no uso do tabaco em determinados locais públicos, e mesmo a sua proibição em hospitais e escolas.

Sobre o tabaco, acrescentou que o Estado recolhe mais de 40 milhões de contos de impostos sobre a sua comercialização, mas referiu que tais valores são adquiridos à custa da saúde de milhões de portugueses.

Frisando que mais de 2,5 milhões de portugueses são fumadores, Macário Correia sublinhou que outros sete milhões são obrigados a fumar com eles.

Disse também que a sua Secretaria vai seguir uma política de informação junto da população, nomeadamente a juvenil, no sentido de a sensibilizar para o problema do tabaco que, segundo ele, é responsável por grande parte dos incêndios florestais.

"Numerus clausus" limita a 25 os lugares na Universidade

Engenharia do Ambiente não tem "oferta" para procura crescente

Os cento e cinquenta engenheiros do Ambiente até hoje formados em Portugal estão todos colocados e cada vez surgem mais solicitações para os serviços desses técnicos.

No momento em que que a Universidade Nova de Lisboa comemora o décimo aniversário do início desta licenciatura, o director do departamento de Ciências e Engenharia do Ambiente, professor Santos Oliveira, pensa que o «numerus clausus», actualmente reduzido a 25, terá de ser aumentado para que a universidade possa responder à crescente procura.

Entre os maiores empregadores figura a própria Secretaria de Estado do Ambiente, com mais de trinta engenheiros ao seu serviço, mas também as autarquias, em número crescente, contratam os serviços desses técnicos, que colaboram ainda com gabinetes de estudo e empresas privadas, com o serviço nacional de parques e com as comissões coordenadoras regionais.

Mas o que é afinal um engenheiro do Ambiente? Trata-se de alguém, que recebe uma formação que lhe permite coordenar uma equipa formada por diversos especialistas de modo a, conjuntamente, fazerem a gestão equilibrada dos recursos, com manutenção dos equilíbrios naturais e eventual correcção dos desequilíbrios anteriormente provocados.

Santos Oliveira sublinha que «toda a acção produtiva inevitavelmente gera desperdícios e, portanto; poluição, pois não há tecnologias totalmente limpas e ecologicamente inocentes».

Ao engenheiro do Ambiente resta assim uma apreciação crítica das alternativas possíveis, pesando na balança os custos e os benefícios e prevendo os impactos negativos que, a prazo, se poderão esperar.

«A formação de engenheiros do Ambiente é pois a garantia de que dispomos de técnicos capazes de suster, nos limites do possível, a degradação do ambiente», diz aquele professor universitário.

Tendo começado apenas há dez anos, praticamente a partir do zero, o Departamento de Ciências e Engenharia do Ambiente da Universidade Nova, instalado no Monte da Caparica, já dispõe hoje dos meios de investigação que lhe permitem efectuar estudos altamente rentáveis, quer para Portugal quer por encomenda de entidades estrangeiras.

Foi assim que no último ano as receitas obtidas com esses estudos foram cinco vezes maiores do que a dotação orçamental daquele departamento.

Santos Oliveira destaca, entre outros, um estudo sobre o impacto ambiental das centrais nucleares espanholas sobre o Tejo e dois estudos encomendados por entidades alemãs sobre os efluentes das destilarias vínicas e os efluentes da indústria pecuária.

Neste último, sublinha, os técnicos portugueses desenvolveram uma tecnologia inteiramente nova, mesmo a nível europeu.

Uma vez que os problemas do ambiente são, muitas vezes, específicos de uma dada região, desde cedo se verificou a vantagem de fazer a formação não só dos engenheiros do ambiente mas ainda os cursos de pós-graduação, mestrado e doutoramento, dentro da realidade nacional, de preferência a procurar essa especialização no estrangeiro.

O primeiro doutorado em engenharia do Ambiente que fez toda a sua formação em Portugal deverá sair já em 1988, o que dá, a medida do crescimento que este ramo novo da ciência tem tido no País.

A entrada de Portugal para a CEE veio contribuir ainda mais para que a engenharia do Ambiente esteja na ordem do dia, dadas as inúmeras directivas comunitárias que passaram a ser de cumprimento obrigatório.

«A muito curto prazo vamos necessitar de efectuar quatro a cinco milhões de análises anuais das águas e quando o princípio poluidor / pagador previsto na lei do ambiente estiver regulamentado as exigências de controlo de qualidade vão redobrar, cabendo aos engenheiros do Ambiente estudar e avaliar os resultados dessas análises», frisa Santos Oliveira.

Igualmente por exigência decorrente de directivas da CEE, a partir de Julho próximo, qualquer grande empreendimento industrial, agrícola ou urbanístico necessita de um estudo prévio de impacto ambiental, sem o que não poderá ser autorizado.

Milhares de italianos aderiram ontem a uma greve geral contra a política económica do governo de Giovanni Goria. Enquanto os sindicatos faziam maniefstações e marchas por tida a Itália, a coligação governamental de cinco partidos vencia uma moção de confiança por 368 votos contra 233

As autoridades norte-americanas autorizaram a experimentação humana de uma segunda vacina contra a Sida. O serviço oficial de alimentos e medicamentos autorizou uma companhia a iniciar em voluntários o teste de uma vacina contra a imunodeficiência. Outra empresa fora autorizada em 18 de Agosto a iniciar experiências com seres humanos. As autoridades dos EUA não esperam, porém, que antes da década de 90 possa haver qualquer vacina anti-Sida à disposição do público. Mais de 40 mil norte-americanos contraíram Sida nos últimos sete anos e perto de 60 por cento desse total já morreram. Por outro lado, há um milhão de norte-americanos infectados pelo vírus e não se sabe que percentagem destes é que irá efectivamente ficar imunodefiente durante os próximos anos. Em todo o mundo, 25 potenciais vacinas esperam ser experimentadas.

Rafael Saravia, acusado do assassínio do arcel Oscar Romero, tentando esconder-se dos repórteres fotog um automóvel da polícia, à saída do tribunal de Miam após a sua detenção, no dia 24 de Novembro

Suriname: Oposição à frente nas eleições

Uma coligação de três partidos de oposição está à frente na contagem parcial das eleições de quarta-feira no Suriname, as primeiras na última década. Os primeiros resultados indicam que a Frente para a Democracia e o Desenvolvimento obteve 40 dos 51 lugares na Assembleia Nacional, derrotando facilmente o Partido Nacional Democrático. Cerca de 195.000 pessoas estavam inscritas para votar numa população total de 400.000 habitantes. O Suriname é uma antiga colónia holandesa situada na costa nordeste da América do Sul, que obteve a independência há 12 anos e que desde 1980 tem sido governada por militares. A Frente para a Democracia e o Desenvolvimento congrega três partidos tradicionais que representam as minorias de crioulos africanos, hindustaneses e indonésios.

Continuam detidos 400 trabalhadores de Brasov

Mais de 400 trabalhadores da localidade romena de Brasov estão presos em Bucareste, na sequência dos distúrbios registados no dia 15 de Novembro naquela cidade, segundo informava an sua edição de ontem o jornal alemão-federal «Die Tageszeitung», citando fontes da capital romena. Aquele diário, que se publica em Berlim Ocidental, afirma que os detidos— metade dos quais pertence à minoria alemã, foram «feridos e torturados de maneira brutal» e não receberam assistência jurídica por parte de um advogado. A publicação acerscenta que as autoridades romenas detiveram durante os distúrbios 1.500 a 2.000 pessoas, a maioria das quais foi transferida para os cárceres de Bucareste, onde se encontram em regime de isolamento. «Die Tageszeitung» afirma também que o Exército romeno isolou Brasov durante alguns dias, sem que ninguém pudesse entrar ou sair daquela localidade. Conforme noticiámos, os distúrbios de Brasov foram provocados pela redução dos salários dos operários das fábricas de camiões e tractores da cidade e constituíram o maior desafio enfrentado pelo líder romeno Nicolae Ceausescu em dez anos.

Confissão telefónica de alegado raptor de Melodie

Um francês procurado por suspeita no rapto de Melodie Nakachian, 5 anos, confessou à polícia espanhola ser o responsável pelo sequestro, disse ontem um porta-voz do governo regional de Malaga. A mesma fonte acrescentou que um homem afirmando ser Jean-Louis Camerino telefonou terça-feira à polícia espanhol para dizer que «os hoemns presos em França nada têm a ver com isto». «Fui eu que organei tudo», acrescntou. A polícia procura Camerini e outro homem que fugiu depois de um tiroteio desencadeado sexta-feira numa operação stop, duas horas antes de um grupo policial de operações especiais ter irrompido numa vivenda da Costa do Sol espanhola para libertar Melodie. Um tribunal francês acusou quatro homens suspeitos do sequestro, que durou 12 dias, enquanto dois franceses e um espanhol estão sob custódia em Espanha.

África do Sul diz que só sai quando entender

EUA VOTAM RESOLUÇÃO DA ONU QUE CONDENA E EXIGE RETIRADA INCONDICIONAL DE ANGOLA

O Conselho de Segurança das Nações Unidas condenou por unanimidade a África do Sul pelos seus «contínuos e crescentes actos de agressão» contra Angola. Washington, num gesto raro, apoiou a resolução, «por ser contrário à violação de fronteiras internacionais por forças estrangeiras», segundo o seu representante no Conselho de Segurança, Wernon Walters. Mas pôs reservas sobre alguns termos utilizados na resolução que, afirmou, não toma em conta o facto de que actualmente existe em Angola uma guerra civil e um conflito que envolve, além da África do Sul, forças espedicionárias estrangeiras.

Walters disse que os EUA continuarão as negociações com Angola com o objectivo de assegurar a paz e a segurança em toda a região.

«O objectivo é alcançar um acordo que faça sair todas as forças estrangeiras da África Austral, que permita à Namíbia alcançar a independência e ao povo de Angola resolver os seus problemas através de um acordo interno sem interferências exteriores», acrescentou Walters.

O Conselho exigiu também a retirada incondicional das forças armadas sul-africanas de Angola e incumbiu o secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, de verificar o efectivo cumprimento da resoluçãoA resolução pede à África do Sul para «cessar imediatamente os seus actos de agressão», «retirar incondicionalmente todas as suas forças què ocupam o território angolano» e respeitar escrupulosamente a soberania, espaço aéreo, integridade territorial e independência de Angola.

O Conselho condenou severamente a «entrada ilegal na República Popular de Angola do Presidente e de alguns ministros do regime racista da África do Sul», numa violação flagrante da integridade territorial e da soberania de Angola.

A resolução também condena a utilização pela África do Sul do território da Namíbia, que ocupa ilegalmente, para desencadear ataques de agressão e desestabilização contra Angola.

A proposta de solução, ontem aprovada, foi subscrita pela Argentina, Congo, Gana, Emirados Árabes Unidos e Zâmbia.

O debate começou na sexta-feira passada e o Conselho voltará a reunir-se em 10 de Dezembro, para examinar o relatório de Perez de Cuellar.

Pretória rejeita

Mas Pretória, através do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Roelof «Pik» Botha, rejeitou prontamente a resolução da ONU,

argumentano que o Governo sul-africano «decidirá por si só quando é que as suas tropas serão retiradas do presente campo de batalha».

Roelof Botha, em texto transmitido à Imprensa, declarou ainda que as tropas sul-africanas retirar-se-ão de Angola «quando todas as outras tropas e conselheiros militares estrangeiros se retirarem» ou «quando a segurança da África do Sul já não estiver directamente afectada pela pre-

Ainda antes da ratificação do tratado INF

Estados Unidos vão suspender instalação dos mísseis Cruise

Os Estados Undios suspenderão unilateralmente novas instalações de mísseis nucleares de alcance intermédio (INF) na Europa Ocidental logo que seja assinado, no próximo mês, o acordo americano-soviético que prevê a eliminação daquelas armas, afirmou ontem o secretário de Estado norte-ameriucano, George Shultz.

«Quando o tratado estiver finalmente assinado, os mísseis instalados mantêm-se, mas não haverá futuras instalações até à sua ratificação», afirmou Shultz numa conferência de imprensa em Bruxelas. Isto significa a suspensão da instalação de cerca de 220 mísseis Cruise.

Shultz referiu que um plano visando a retirada e eliminação de todos os mísseis de alcance intermédio será em seguida preparado e os mísseis totalmente retirados e destruídos num período de três anos após a ratificação do tratado INF.

George Shultz falava aos jornalitas depois de ter participado numa reunião do Conselho do Atlântico Norte em que informou os aliados da NATO sobre o acordo americano-soviético concluído terça-feira em Genebra para a eliminação dos mísseis nucleares de alcance intermédio.

O secretário de Estado confirmou que os aliados dos EUA na NATO estão satisfeitos com o acordo alcancado. Na reunião de Bruxelas esteve presnete o secretário de Estado português dos Negócios Estrangeiros, Durão Barroso, que considerou o tratado INF um acordo «histórico».

Posição diferente tem o antigo secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger. Kissinger considera que o acordo americano-soviético afecta a credibiliade do Ocidente, mas adiantou que se o Senado o não ratificasse apenas deixaria as coisas piores, pois já é muito tarde para inverter o rumo do acordo.

Segundo emissora

Tufão nas Filipin causou 200 mort

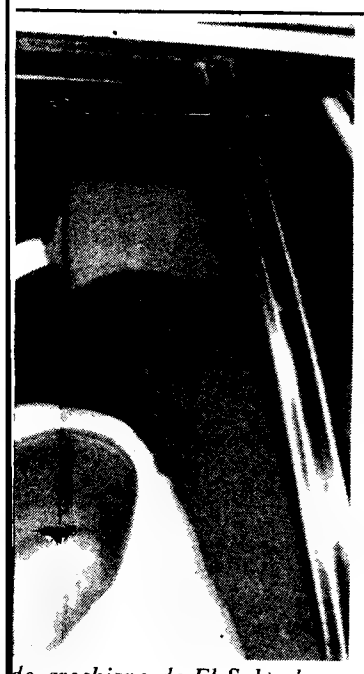
O mais forte tufão que atingiu seis anos abateu-se na noite de q gião agrícola a sul de Manila, na vas torrenciias e ventos que sop por hora, causando a morte de el e deixando milhares de outras de

A «Rádio Veritas», da Igreja c cionários governamentais e mem 200 pessoas morreram, tendo p desalojadas. O número de vítim confirmado por fontes oficiais.

Anteriormente um padre disse que tinham morrido 1.600 pess ter cometido um erro de apreciaç

Algumas horas antes tinham s o tufão e as escolas e muitas lo charam.

Em Setembro de 1984 um tufã pinas, causando pelo menos 1.3



do arcebispo de El Salvador, res fotográficos, no interior de de Miami, onde foi conduzido

NA PRETÓRIA LA

sença soviética e cubana em Angola».

O ministro disse que a África do Sul tem no território angolano um número muito reduzido de militares, quando comparado com «cerca de 25.000 cubanos e russos» ou com outros tantos elementos da Unita.

Entretanto, na capital angolana, iniciou-se um plenário do comité central do MPLA - Partido do Trabalho, para, entre outros assuntos, analisar a situação político-militar resultante das agressões da África do Sul.

Soldados sul-africanos mortos

Um soldado sul-africano branco morreu de ferimentos recebidos em combate em Angola, elevando para 26 o número de mortos entre as tropas da África do Sul comprometidas nesta intervencão.

ora católica

ipinas

ortos

ingiu as Filipinas nos últimos e de quarta-feira sobre uma re - lla, na ilha de Luzon, com chu - ue sopraram a 205 quilómetros de elevado número de pessoas ras desalojadas.

reja católcia, afirmou que fun - membros da Igreja dizem que ndo pelo menos 11.000 ficado vítimas mortais não foi ainda iais.

disse à mesma estação de rádio pessoas, mas admitiu depois eciação.

am sido lançados alertas sobre as lojas da capital filipina fe -

tufão desvastou o sul das Fili - s 1.360 mortos

Deslocou-se de planador

Guerrilheiro árabe mata seis soldados israelitas

Um guerrilheiro árabe que descolou de planador do Líbano e aterrou numa base militar israelita na noite de quarta-feira matou seis soldados antes de ser abatido a tiro, disse um porta-voz militar israelita. Centenas de guerrilheiros árabes palestinianos estão hoje de prevenção no campo de refugiados de Ain Al- Hilwen, no sul do Líbano, receando represálias pelo ataque contra a base israelita.

O balanço dos mortos foi o mais elevado sofrido pelas tropas de Israel desde Março de 1985, quando 12 soldados foram mortos e 14 ficaram feridos num ataque suicida ocorrido na fronteira israelo-libanesa.

O guerrilheiro que efectuou os disparos mortais aterrou cerca das 22.30 locais no campo militar, situado nas proximidades de uma base nos arredores da cidade de Bet Hillel, cinco quilómetros ao sul da fronteira. O guerrilheiro deslocou-se a pé em direcção a uma tenda montada mas imediações, disparando contra um veículo militar e matando o seu condutor. Entrou depois na tenda a disparar e lançando também granadas. O balanço do ataque: seis soldados israelitas mortos e sete feridos.

O ataque foi hoje reivindicado pela «Frente Popular de Libertação da Palestina-Comando Geral».

No campo de refugiados de Ain Al-Hilkwen centenas de guerrilheiros árabes palestinianos tomaram posições junto a defesas anti-aéreas e espalharam-se pelos laranjais e colimas circundantes.

Na «zona de segurança» criada por Israel no sul do Líbano, as tropas israelitas lançaram fogo de cobertura ao mesmo tempo que levam a cabo gigantescas operações de busca, disseram etstemunhas.

As mesmas fontes adiantaram que tropas israelitas impediram a entrada de 1.500 libaneses que trabalham em fábricas no norte de Israel.

EUA contra visita de diplomata iraniano

Um diplomata iraniano, que deverá deslocar-se a Nova Iorque para conversações sobre um cessar-fogo na gerra do golfo, foi expulso dos Estados Unidos em 1983 e declarado «persona non grata», disse na quarta-efira a missão norte-americanma nas Nações Unidas.

Trata-se de Sirous Nasseri, um dos dois assistentes que deverão acompanhar o vice-ministro iraniano dos Negócios Estrangeiros, Jawad Larijani, a Nova Iorque para conversações com o secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, sobre a guerra Irão-Iraque.

O porta-voz da missão norte-americana na ONU disse que Nasseri era «o vice-director de um grupo terrorista que operava no interior dos Estados Unidos»

Violência no Haiti visa fazer malograr eleições

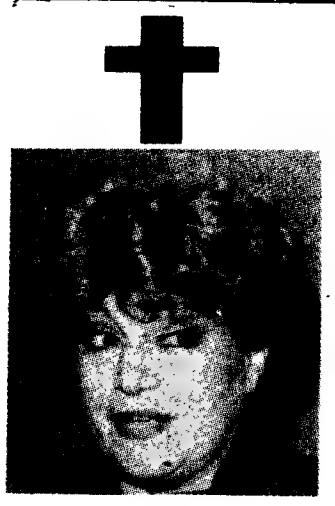
A violência que tem marcado as primeiras eleições haitianas em 30 anos foi agravada com o assassínio na capital (Port-au-Prince), em pleno dia, de um estudante haitiano e com disparos contra um automóvel da embaixada norte-americana.

Quatro pessoas morreram ontem, três delas assassinadas por grupos de vigilantes organizados para assegurar a realização das eleições presidenciais no próximo dia 29, domingo.

Segundo um despacho da Tass, datado de Havana, o clima de instabilidade vivido no Haiti é fomentado por forças dos «tonton-macoutes» que permaneceram no país após a fuga do ditador Jean-Claude Duvalier.

A agência soviética diz que as forças para-militares do antigo regime continuar a actuar no país, «com a total conivência das autoridades, intimidando a população e ameaçando com represálias aqueles que ousarem comparecer às urnas no próximo domingo».

No entanto, a Lusa diz que metade das mortes (11 desde segunda-feira) foram atribuídas aos vigilantes, que argumentam que as suas vítimas eram membros dos «tonton-macoutes».



IVONE SILVA

ACTRIZ

AGRADECIMENTO E MISSA DO 7.º DIA

Ermelinda Rosa Nunes, Linda Silva e Morais e Castro, naturalmente impossibilidtados de o fazerem pessoalmente, mas guardando toda a solidariedade, carinho e recordação, agradecem muito reconhecidos o apoio que todos os Amigos, Colegas e Parentes, lhes manifestaram na sua grande dor, e as justas homenagens de Sua Ex.ª o Senhor Presidente da República, representado por sua Excelentissima Esposa, do Partido Comunista Português, da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical Nacional, da Câmara Municipal de Lisboa, da Câmara Municipal de Almada, da Sociedade Portuguesa de Autores, do Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos e dos Audio-Visuais da UGT – União Geral dos Trabalhadores; e ainda dos Teatros ***Laura Alves, ABC, Variedades, Maria Vitória-Maria Matos, Sá da Bandeira, Villaret, Experimental de Cascais, Graça, Estúdio de Lisboa, Grupo de Teatro Campolide, Novo Grupo, Seiva-Trupe, Casa da Comédia e Ibérico*** *e dos Estúdios da Televisão* ***Edipim*** *e* ***Atlântida****, agradecendo ainda, não menos, as manifestações de todos os Conhecidos e Desconhecidos, colectivos e individuais. Participam que será celebrada* ***Missa de Sétimo dia*** *na* ***Sexta-Feira, dia 27 de Novembro de 1987, às 18.30 horas, na Basílica da Estrela.***

AGÊNCIA BARATA

24 HORAS

Os motins de cubanos nos EUA

Os cerca de 2.200 reclusos cubanos de duas penitenciárias de Atlanta, no Estado da Geórgia, EUA, continuam amotinados e manter sob controlo um total de 121 reféns, enquanto as prisões estão rodeadas de agentes da Polícia, familiares dos detidos e centenas de jornalistas. Um senador norte-americano, integrado na equipa negociadora, disse que «os presos estão dispostos a terminar a revolta se forem enviados para qualquer outro país, que não o seu». Entretanto o embaixador norte-americano nas Nações Unidas, Vernon Walters, afirmou que «é a violação dos direitos humanos em Cuba que levou os reclusos cubanos, nos Estados Unidos, a amotinarem-se em protesto contra a sua repatriação». O embaixador, que se envolveu num azedo diálogo com o enviado cubano Pedro Nunez Mosquera, salientou: «Esta agitação nas penitenciárias é mais expressiva do que qualquer palavra acerca da situação dos direitos humanos em Cuba».

Presas 10 pessoas ligadas à ETA

As forças de segurança espanholas prenderam nas últimas horas uma dezena de pessoas no País Basco e desarticularam um comando da Eta Militar, apreendendo armas e munições - informaram fontes oficiais. Entre os presos encontra-se António Lopes Ruiz, presumível autor do atentado em que morreu Maria Dolores Catarain, conhecida como Yoyes, a mulher que assumiu os cargos mais elevados na Eta e que posteriormente aceitou as medidas de reintegração oferecidas pelo Governo aos «arrependidos». Com estas prisões foi desmantelado o comando Gohierri-Costa, a que se atribuem vários assassínios.

Varsóvia: Polícia impede reunião

A Polícia polaca fez uma rusga a um apartamento de Varsóvia, impedindo pela terça vez nos últimos 15 dias a continuação de uma reunião do recém-reactivado Partido Socialista Polaco, afirmaram testemunhas. O Governo polaco tinha já afirmado que considerava o PSP como um grupo ilegal, mas Lipski disse que a lei não previa as actividades de um partido político. O PSP, cuja fundação é anterior à II Guerra Mundial, desapareceu em 1948, tendo sido oficialmente integrado no PC, mas no passado dia 15 foi reanimado numa reunião e conferência de Imprensa, ambas interrompidas pela Polícia.

As reformas económicas na China

As chinesas estão a perder os empregos e são discriminadas devido à entrada em vigor de novas reformas económicas a nível nacional - revela uma sondagem realizada pelos sindicatos. Um estudo efectuado em 600 empresas mostra que 17.000 mulheres perderam o emprego no primeiro semestre deste ano e tiveram mais dificuldades em arranjar trabalho - informou o jornal «Cinha Daily», acrescentando: «A situação está a piorar e as empresas admitem cada vez menos mulheres».

Carlucci: "mudança de estilo"

O novo secretário norte-americano da Defesa, Franck Carlucci, disse que apenas introduzirá no Pentágono «mudanças de estilo» e não de fundo. «Não podemos voltar aos dias de um exército inútil, com aviões incapazes de voar e baracos que não podiam navegar», disse Carlucci aos funcionários do Pentágono, no seu primeiro dia de trabalho em substituição de Caspar Weinberger, que pediu a demissão após sete anos de permanência no cargo.

Chefe da CIA abandona

Clair George, chefe das operações secretas da CIA, e criticado pela sua intervenção no escândalo «Irangate», abandona o seu cargo no fim de Dezembro, informou a agência de espionagem. O porta-voz da CIA, Bill Baker, que anunciou a retirada de Clair Goerge, não explicou as razões dessa atitude. No entanto, durante as audiências realizadas no Congresso foi provado que a CIA participou amplamente nas operações relacionadas com o «Irão-Contras».

Tunísia: 73 prisões

As autoridades detiveram 73 pessoas acusadas de pertencerem a um grupo terrorista que plancava realizar sabotagens e atentados, anunciou o ministro Interior, Habib Amar. Entre os detidos figuram dois inspectores e um agente da Polícia, um capitão e um sargento do exército, um sargento da guarda nacional e um empregado das alfândegas. Falando em conferência de Imprensa, Ammmar disse que os detidos plancavam realizar ataques contra dirigentes políticos, o Ministério do Interior, aquartelamentos da Polícia e tribunais militares.

CASELCOOP

COOPERATIVA DE CONSTRUÇÃO E HABITAÇÃO ECONÓMICA S. FRANCISCO XAVIER, C.R.L.

SEDE Rua do Gravato n 5 - cave - Bairro de Caselas - 1400 LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do n. 2 do artigo 35 dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral a reunir em sessão ORDINARIA no Edificio do Caselas Futebol Clube, Rua 5, em Caselas, no dia 12 de Dezembro de 1987, pelas 15 horas, com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

PONTO ÚNICO. Discussão e aprovação do Orçamento e Plano de actividade para o exercício de 1988

Na falta de «quorum», a Assembleia reunirá meia hora mais tarde com qualquer número de membros presentes

LISBOA, 23 de Novembro de 1987

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

Joaquim António Cabral Rolo

CONVOCATÓRIA

Nos termos do n 3 do artigo 35 dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral a reunir em sessão EXTRAORDINARIA no Edificio do Caselas Futebol Clube, Rua 5, em Caselas, Lisboa, no dia 12 de Dezembro de 1987 pelas 16 horas, com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS

1 Fixacao, de harmonia com o disposto no art 17 dos Estatutos, da Reserva de Construção para a 1. fase do 1 programa habitacional
2 - Concessão de poderes a Direcção para outorgar as escrituras de venda dos 66 fogos que constituem a 1 fase do 1 programa habitacional
3 - Concessão de poderes a Direcção para adjudicar a construçao da 2.' fase do 1. programa habitacional
4 - Concessao de poderes à Direcção para contrair junto do I N.H. financiamento para construção da 2 fase do 1 programa habitacional e outorgar a respectiva escritura
5 - Exclusão de Sócios por não pagamento de quotas.
6 - Apreciação de pedidos de transmissão de Títulos de Capital por acto inter-vivos
7 - Apreciação e aprovação da Proposta da Direcção sobre Juros das Contas Poupança.
8 - Apreciação e aprovação da Proposta da Direcção sobre aumento do Capital Social.
9 - Informações.

Na falta de «quorum», a Assembleia reunirá meia hora mais tarde com qualquer número de membros presentes.

LISBOA, 23 de Dezembro de 1987.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

Joaquim António Cabral Rolo

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DO BARREIRO

ANÚNCIO

Pela 1 ' Secção do 1 Juizo do Tribunal judicial da Comarca do Barreiro na acção com processo ordinario movida pela Autora MARIA OLIVIA GUERREIRO DIOGO MENDES ROQUE, casada farmacêutica residente na Rua Afonso de Albuquerque n 60 na Quinta da Lomba Barreiro contra o Reu CARLOS EUGÉNIO REIS NOBRE divorciado, comerciante residente em parte incerta e com ultima residência conhecida na Av ' Almirante Reis, n 100, 6 ' Frente em Lisboa e este reu citado para contestar querendo no prazo de VINTE DIAS posterior ao dos editos e que começa a contar se da segunda e ultima publicaçao deste anuncio a acção ordinaria acima referida, sob pena de nao o fazendo ser condenado no pedido que a autora deduz naquele processo e que consiste em pagar à autora a quantia de 4 000 000$00 (quatro milhões de escudos) acrescida de juros legais desde a data da citação até integral pagamento daquela quantia

Barre . 19 de Outubro de 1987

O Juiz de Direito,

Alexandre Ferreira Baptista Coelho

O Escrivão Adjunto,

Maria Julia Santos Padilha Fragoso

«DL» 26/11/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE BEJA

ANÚNCIO

FAZ SE SABER que por este Tribunal correm editos de trinta dias que começarão a contar-se da data da segunda e ultima publicação do anuncio citando o reu para no prazo de VINTE DIAS findo o prazo dos editos contestar a acção nos termos do artigo 1407 n 5 do C P Civil encontrando se o respectivo duplicado da petição inicial a disposição no Juizo e Secção abaixo identificados

Acção de Divorcio Litigioso n 43/86 da 2 ' Secçao, 2 Juizo, em que sao autora MARIA ANTONIETA BOLOTINHA VERISSIMO residente em França e reu GASPAR MENDES PERNICALHA, ausente em parte incerta, com ultima residência conhecida na 31 Rue Octave Feuillet — Paris 75116, em França

Beja, 19 de Novembro de 1987

O Juiz de Direito

Luis Fernando dos Santos Correia de Mendonça

O Escrivão Adjunto

Santos Mestre

«DL» — 26/11/87 — 1.ª Pub.

DL ECONOMIA

Segundo as contas do FMI

Saldo das balanças mundiais apresentam "buraco" de 65 mil milhões de dólares

As estatísticas referentes ao saldo das balanças de pagamentos de todo o mundo apresentaram, em 1986, uma discrepância de 65 mil milhões de dólares quando, por princípio, o conjunto dos défices deveria ser igual ao dos superávites.

O facto vem tratado no Relatório Anual de 1987 do Fundo Monetário Internacional onde se dá conta da existência de um «buraco» estatístico que se vem registando desde os finais dos anos setenta. Com efeito, e como é afirmado no Relatório, foi nessa altura que se terá iniciado o desequilíbrio das contas que, desde então, apresentaram sempre «um forte défice».

Conforme é dito, no dealbar dos anos oitenta a discrepância registada apontava já para 20 mil milhões de dólares, quantia que cresceu acima de 100 mil milhões em 1982 para se reduzir gradualmente até a um valor estimado, para 1986, em 65 mil milhões.

Os montantes envolvidos têm sido motivo, como se escreve, de «grave preocupação», dado as suas obrigatórias repercuções na análises feitas sobre os valores das balanças de pagamentos dos diversos países, nomeadamente relativas a investimento e poupança, obstaculizando a supervisão dos tipos de câmbio, distorcendo a avaliação da evolução da procura e do produtos mundiais e podendo, inclusivamente, conduzir a políticas financeiras deflacionistas na intensão de consolidar contas subvaliadas.

Com o intuito de identificar as causas directas destas discrepâncias e indicar medidas para a atenuar, criou o Fundo, em 1984, um grupo de trabalho internacional, constituído por analistas e especialistas em pagamentos internacionais, cujo relatório final foi apresentado em Dezembro do ano passado.

As conclusões a que chegaram os especialistas, sem dados finais seguros sobre a distribuição entre os diversos países, apontam para que a discrepância se verifique, sobretudo, nas transacções de serviços e transferências, onde pesa principalmente a componente «mais importante e de mais rápido crescimento da discrepância»: os rendimentos de carteira.

Esta situação ficou a dever-se, como se diz no Relatório Anual, «à aparição de uma grande quantidade de activos internacionais reconhecidos pelos países devedores, mas não pelos credores», bem como também a um elevado nível das taxas de juro internacionais então vigentes nos anos oitenta.

Outras das causas indicadas, embora com características mais estáveis, encontra-se nos dados relativos a transportes em que numerosos países com serviços de transporte marítimo com algum relevo «não declaram a totalidade dos montantes provenientes de fretes», o mesmo acontecendo com as transferências oficiais. É corrente, como se afirma, que os pagamentos feitos pelos dadores sejam superiores aos declarados pelos beneficiários.

Para corrigir esta situação, o grupo de trabalho propõe que se introduzam mudanças nos procedimentos de compilação de dados sobre as balanças de pagamentos, a reunir com melhoramentos e actualizações no «Manual de Balanças de Pagamentos» do Fundo Monetário Internacional. As principais conclusões foram aprovadas pelo Directório Executivo e acabaram por ser publicadas pelo Fundo em Setembro último.

Ministros da Agricultura da CEE falham mais uma vez

Contenção das despesas agrícolas ameaça a cimeira de Copenhaga

Depois de uma reunião que se prolongou pela madrugada de hoje, os ministros da Agricultura da Comunidade Europeia não chegaram a qualquer acordo definitivo sobre as medidas de contenção das despesas agricolas.

Gorou-se assim a última tentativa antes da Cimeira de chefes de Estado e Governo, em Copenhague, passando a difícil tarefa para as mãos dos ministros dos Negócios Estrangeiros que se reunirão domingo e segunda-feira para a preparar.

Após 150 horas de negociações sobre a aplicação dos estabilizadores orçamentais na maioria dos sectores agrícolas, os Estados Membros tinham, ontem, decidido suspender por um dia as conversações numa tentativa de obtenção de um acordo. A presidência dinamarquesa fora então incumbida de elaborar um relatório com a conclusão dos trabalhos e dos pontos de consenso entre as diversas opiniões em debate.

Era esse relatório de dezoito páginas que se encontrava sobre a mesa do Conselho quando os trabalhos foram retomados, duas horas mais tarde que o previsto por exigência da delegação espanhola em possuir o documento traduzido na sua língua.

Retirando as quatro páginas de considerações genéricas sobre a necessidade de contenção das despesas agrícolas e os dois parágrafos finais reconhecendo a especificidade da agricultura portuguesa - que, nas palavras do relatório, não se lhe criará dificuldades à sua integração harmoniosa por aplicação dos mecanismos de estabilização -, as treze restantes páginas resumiam apenas as posições existentes, sem que os países membros mostrassem qualquer abertura às opiniões contrárias.

Assim, o Reino Unido e a Holanda continuam a defender um controlo das despesas agrícolas através de reduções substanciais nos preços, de acordo com a posição da Comissão, enquanto a França e a RFA são de opinião que os limites devem ser feitos à produção. Além destas, a RFA adianta ainda a necessidade de uma proposta anexa sobre «set aside» - abandono de terras - e os franceses uma sobre penalizações em função dos ganhos de produtividade e não da área de produção.

«Tudo está na mesma», foi o comentário feito por uma fonte comunitária sobre as negociações feitas nas últimas 24 horas. O impasse assim criado transferiu-se para o Conclave dos Ministros dos Negócios Estrangeiros que ameaça bloquear-se de igual modo que o dos ministros da Agricultura, dado tratar-se de um dos «dossiers» fundamentais do Plano Delors em discussão em Copenhague.

Essa proposta da comissão, aliás já aprovada nas suas grandes linhas pelo Parlamento Europeu, inclui ainda uma proposta sobre o futuro financiamento da Comunidade e a reestruturação dos Fundos estruturais. Para esta última questão está previsto uma duplicação das verbas destinadas à harmonização estrutural entre os diversos Estados Membros, no âmbito do Acto Único a entrar em vigor em 1992, proposta aquela que juntamente com a fórmula de financiamento da Comunidade ameaça polemizar a Cimeira de Copenhague.

PELO MUNDO

• A partir de 1 de Janeiro de 1988, dois dos «gigantes» mundiais da auditoria, revisão de contas e assessoria de empresas, **KGM e Peat, Marwick and Mitchel (PMM)**, fundir-se-ão numa só empresa. Com esta fusão, a Klynveld Main Goerdeler (KGM) e a Peat Marwick tornar-se-ão a primeira empresa mundial do sector, com as siglas comuns de KPMG. Em segundo lugar ficará a Arthur Andersen. A nova entidade deverá ter um volume de negócios da ordem dos 2.600 milhões de dólares, de acordo com os resultados de 1986, e empregará 50 mil pessoas em 114 países.

• A **Chrysler** confirmou a implementação em breve de um drástico programa de reajustamento interno que eliminará três das seis fábricas de produção e reduzirá o número de empregados em 2.500. Gerald Greenwald, presidente da construtora de automóveis norte-americana, afirmou que o plano obedece à necessidade de dar à Chrysler uma maior competitividade dentro do mercado interno norte-americano e também no exterior.

• O conselho superior da Banca espanhola deu o seu acordo à fusão do **Banco de Bilbao** e do **Banco Espanhol de Crédito (BANESTO)**, desejando que as instituições «cheguem a um acordo amistoso». O Ministro espanhol da Economia e das Finanças, Carlos Solchaga, comentou que o processo de fusões bancárias «é imparável».

• **A economia mundial**, excluindo a União Soviética e os países da Europa de Leste, deve ter uma taxa de crescimento, em termos reais, de 2,2 por cento em 1988, contra 2,7 por cento estimados para 1987.

• O **Banco Europeu de Investimento** anunciou a concessão de um empréstimo de 21 milhões de Ecus à Etiópia para o desenvolvimento de uma mina de ouro a céu aberto e de uma fábrica de processamento de minério. Espera-se que o projecto, no sul da Etiópia, produza cerca de 32 toneladas de ouro a partir do final de 1989, faculte cerca de 650 postos de trabalho e ajude a balança de pagamentos do país, refere um comunicado do BEI.

BOLSAS DE LISBOA E PORTO EM QUEDA COM FRACO VOLUME DE NEGÓCIOS

As Bolsas de Lisboa e Porto estão de novo em baixa, os volumes de negócios mantêm-se fracos e o problema da liquidez permanece. Põe-se de novo a questão da confiança ou não dos pequenos investidores no mercado.

A sessão de ontem da Bolsa de Lisboa ficou marcada por quebras nas cotações de metade das acções cotadas. No universo das acções admitido ao mercado oficial, e são já 105 títulos, 53 desceram, apenas 13 registaram subidas, 15 outros mantiveram a cotação e os restantes 24 não foram transacionados. A grande maioria dos títulos, incluindo os casos dos que não foram transacionados, ficou ainda com ordens de compra e de venda por satisfazer, o que parece indicar que subsiste o problema da liquidez, agora já não por falta de uma das posições, mas sim por desencontro dos preços oferecidos e exigidos.

Esta nova queda nas cotações da generalidade dos títulos cotados, que vem confirmar a tendência sentida já na terça-feira, volta a pôr no ar interrogações sobre se a crise de confiança dos investidores já terá realmente sido ultrapassada.

Por outro lado, em alguns casos de empresas que ou vão emitir acções reservadas a accionistas ou aumentar o capital social por incorporação de reservas, e que de acordo com a mais elementar lógica do mercado deveriam ser as mais atractivas, o que se observou hoje foi precisamente o inverso, com algumas delas a descerem. É mais um sinal do amadorismo e da impreparação que ainda existem na Bolsa lisboeta.

Outro dos indícios de perda de confiança é o diminuto volume de transacções em títulos de rendimento variável, nomeadamente em acções, tendo a sessão de hoje, uma das menos movimentadas da última quinzena, registado um volume de negócios de apenas 539 mil contos em acções.

Por exemplo, apenas um título das Marconi nominativas foi hoje transaccionado. Nos restantes papéis, as transacções foram igualmente diminutas, havendo casos de apenas 10, 20 ou 30 títulos a mudarem de mãos.

Também a Bolsa do Porto encerrou hoje em baixa, com 34 descidas e apenas 10 subidas no mercado oficial, prevendo-se a manutenção da quebra para hoje. A praça nortenha registou também um reduzido número de transacções: somente 12 mil títulos no valor de 86 mil contos.

Muito se falou também na intervenção de bancos e fundos de investimento no mercado secundário. Mas, de acordo com informações fornecidas por operadores à agência Lusa, essa intervenção foi diminuta, tendo sido o pequeno investidor que, uma vez reassegurado, acabou por trazer de novo o equilíbrio à Bolsa, sustendo a recuperação que se vinha sentindo na maior parte dos valores cotados.

Recorde-se que ainda na terça-feira de manhã, antes do reinício da queda das cotações, Álvaro Dâmaso tinha manifestado aos jornalistas a opinião de que o papel dos investidores institucionais na recuperação do mercado não tinha sido maioritário, dado que os pequenos investidores se tinham associado a essa recuperação mais rapidamente do que possível.

Índice BPA desceu mais de 32% desde 14 de Outubro

O indicador de acções BPA/Lusa desceu cerca de 32,3% entre 14 de Outubro e 20 de Novembro. Esta variação é obtida com a comparação dos valores atingidos por aquele índice no dia em que a Bolsa de Wall Street começou a cair (provocando, cinco dias depois, a chamada segunda-feira negra do mercado mundial) e o último dado disponível.

A situação nas principais praças mundiais e na de Lisboa pode verificar-se no quadro seguinte, que mostra o máximo de todos os tempos dos índices principais de cada uma das Bolsas, e a sua evolução desde a queda de meados de Outubro. Nele se pode ver que apenas as Bolsas de Sydney e Hong-Kong tiveram uma queda relativa menor que a de Lisboa.

Da esquerda para a direita, o quadro mostra o recorde de cada índice (com a data por baixo), o valor de fecho em 14 de Outubro (o dia em que os dados sobre o comércio dos EUA começaram a fazer cair Wall Street), o pior valor desde esse dia, o último dado disponível e a queda percentual desde 14 de Outubro.

	MÁXIMO	14 OUT.	POS. 14 OUT.	2 NOV.	VARIAÇÃO
LONDRES	2.443,4 (16 JUL.)	2.322,9	1.561,7 (09 NOV.)	1.689,1	– 27,3
N. IORQUE	2.722,42 (25 AGO.)	2.412,70	1.738,41 (19 OUT.)	1.966,18	– 18,5
TÓQUIO	26.646,43 (14 OUT.)	26.646,43	21.036,76 (11 NOV.)	22.856,02	– 14,2
FRANCOFORTE . .	753,9 (17 ABR./86)	633,52	400,13 (10 NOV.)	450,52	– 28,9
PARIS	460,4 (26 MAR.)	387,2	273,6 (10 NOV.)	295,8	– 2,6
SIDNEY	2.312,4 (21 SET.)	2.184,9	1.149,7 (11 NOV.)	1.266,0	– 42,1
HONG KONG . . .	3.939,73 (01 OUT.)	3.844,48	1.960,90 (05 NOV.)	2.134,84	– 44,5
LISBOA	664,38 (06 OUT.)	610,92	337,31 (12 NOV.)	414,16 (20 NOV.)	– 32,2

Índices utilizados: Londres — «Financial Times» (100 acções); Nova Iorque — Dow Jones (30); Tóquio — Nikkei (225); Francoforte — FAZ; Paris — CAC General; Sidney — «Australian all Ordinaries»; Hong Kong — «Hang Seng» (332); Lisboa — BPA/Lusa (7).

Admissão na Bolsa

• **Petróleos Mecânica Alfa SA.** (200.000 acções) e a SPC (160.000) viram as suas acções admitidas no mercado oficial.

As 160.000 acções da SPC, Serviço Português de Contentores, correspondem ao seu capital social e são representadas por títulos de 1, 5, 10, 20, 50, 100 e 500 acções. O lote mínimo para a formação de cotação é 10 unidades. As 200.000 acções da Petróleo Mecânica Alfa SA, com valor nominal de 1.000 escudos cada uma, correspondem à totalidade do seu capital social. O lote mínimo para a formação de cotação é de 20 unidades.

•As acções da **Estamparia Império**, que na semana passada foram alienadas em OPV, foram ontem admitidas no mercado oficial de acções da Bolsa do Porto. Num total de 400 mil, as acções têm um valor nominal de mil escudos. O lote mínimo para a fixação de cotação é de 50 unidades.

Aumento de capital

• **As Rações Valouro** vão aumentar o capital social de 769.924 contos para 811.500 contos, através de uma emissão de acções reservada a accionistas e colaboradores da empresa. Para os accionistas da empresa, estão reservadas 39.500 acções ao portador, tendo direito a subscrever uma nova acção por cada 20 que possuam, ao preço de 6.000 escudos cada. Para os empregados e colaboradores estão reservadas 2.076 acções, ao preço de 6.000 escudos cada.

Subscrição pública

• **A Foncar, Organização Industrial e Comercial Téxtil**, vai efectuar uma emissão pública de 66.500 acções, ao preço-base de 4.500 escudos cada, entre 21 e 23 de Dezembro. Esta emissão, já autorizada pelo Auditor-Geral do Mercado de Títulos, faz parte de um aumento de capital de 210 mil para 500 mil contos.

ECONOMIA

EMPRESAS

• A **Indasa, Industria de Abrasivos, SA**, obteve já autorização do Governo espanhol para a constituição de uma sociedade neste país. A sociedade, a constituir ainda em 1987, terá uma participação maioritária da Indasa e ficará localizada em Barcelona. A Rhyno, Industria de Abrasivos Espanha, SA, constituida com um capital social de 10 mil contos, vai comercializar em Espanha os produtos Indasa. Para 1988 esta nova empresa deverá facturar 100 mil contos.

• A **Sociedade Metropolitana de Construções (SOMEC)** entregou às autoridades guineenses três portos fluviais construídos nas localidades de Caboxanque, Cadique e Cacine, Sul do País. A construção dos três portos, englobada num vasto projecto de criação de infraestruturas no sul do país, que permitirá um escoamento normal dos produtos daquela região agrícola para Bissau, foi financiada pelo Fundo Saudita, Koweit, Badea (Banco Árabe de Desenvolvimento Africano) e Banco Mundial.

• Um complexo industrial de fabrico de acessórios para automóveis vai ser instalado em Castelo Branco por uma empresa da especialidade do grupo da **General Motors**. Na próxima semana será assinado um protocolo entre a Câmara local, a Cabeleza, empresa que vai financiar o investimento, e a General Motors.

• A **Sistel** acaba de celebrar um acordo mediante o qual aquela empresa vai fornecer um sistema de Videotex práticamente inédito em Portugal. Os sistemas Videotex permitem aos seus utilizadores, o acesso a uma multiplicidade de bases de dados, de que resulta uma informação imediata e pormenorizada sobre as mais diversas áreas oferecidas pelos fornecedores de informação: banca, bolsa, seguros, indústria imobiliária, operadores turísticos, actividades culturais, cinemas, teatros, novidades editoriais, farmácias de serviço, metereologia, mercados agrícolas e muitas outras de especial interesse.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50$35	56$35
ALEMANHA FED. (marco)	80$15	81$35
ÁUSTRIA (xelim)	11$40	11$60
BÉLGICA (franco)	3$637	3$887
BRASIL (cruzado)	1$311	2$011
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	102$10	104$60
(notas de 5 a 1000)	102$60	105$10
DINAMARCA (coroa)	20$80	21$20
ESPANHA (peseta)	1$160	1$280
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	133$90	137$40
(notas de 5 a 1000)	134$40	137$90
FINLÂNDIA (marka)	32$70	33$30
FRANÇA (franco)	23$65	24$35
HOLANDA (florim)	71$20	72$30
IRLANDA (libra)	214$25	218$25
ITÁLIA (lira)	$099	$114
JAPÃO (iene)	$952	1$017
NORUEGA (coroa)	20$85	21$35
REINO UNIDO (libra)	240$80	245$30
SUÉCIA (coroa)	22$20	22$70
SUÍÇA (franco)	97$55	99$85
VENEZUELA (bolívar)	4$079	5$079

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Algarve com mais "pedalada"

A Associação de Ciclismo de Faro vai registar na nova temporada um número recorde de clubes inscritos, treze no total, disse o seu presidente Pedro Oliveira que destacou as entradas do CPT de Rio Seco e da Casa do Povo de Conceição de Faro (ambos, ex-Inatel), no lote das colectividades velocipédicas algarvias federadas.

Em contrapartida, o presidente da AC de Faro lamentou a desistência do Olhanense da prática da modalidade, «depois do muito que fez, na região, pelo ciclismo, com algumas actuações de prestígio, culminadas na temporada finda com uma presença digna na Volta a Portugal».

Dos 13 clubes inscritos na associação algarvia, 4 apresentam formações profissionais: Louletano, Ginásio de Tavira, Portimonense e Clube de Ciclismo de Tavira.

De salientar, o regresso do «histórico» Ginásio Clube de Tavira ao profissionalismo, colectividade que dispõe de uma excelente pista em recinto próprio, recentemente restaurada.

Tottenham pretende Maradona

O Tottenham Hotspur vai lançar uma campanha de recolha de fundos para obter a verba de sete milhões de libras (1650 mil contos), destinada à compra do futebolista argentino Diego Maradona.

Os jornais «Sun» e «Today» afirmam que o clube pretende obter a verba necessária para comprar Maradona ao Nápoles, da Itália, e referem que a contratação de Maradona é uma das prioridades exigidas por Venables ao aceitar o cargo de técnico do clube de Londres, que não ganha há oito jogos e está a meio da classificação.

A maior verba de sempre para garantir a transferência de Maradona seria garantida, segundo os jornais, pelo presidente do Tottenham, Irving Scholar, em conjunto com um consórcio comercial do centro de Londres.

Taça UEFA: Guimarães,2 - Vitkovice,0

"XEQUE" DADO NO SEGUNDO TEMPO

Manuel Seto

Manietada pelo rigor táctico do seu opositor, a turma vimaranense tardou a encontrar as soluções capazes de assegurarem uma viagem tranquila até à Checoslováquia.

Com efeito, só no período complementar, depois do técnico António Oliveira ter instruído os seus pupilos no sentido de estes porem mais velocidade e agressividade no seu futebol, o Vitória logrou, finalmente, vencer a forte oposição da equipa checa e construir um resultado condizente com as suas legítimas aspirações. Mas que os cerca de 15 mil espectadores presentes no Municipal vimaranense sofreram a bom sofrer, disso não restam dúvidas.

A exemplo do que já havia sucedido há um ano, aquando do seu encontro com o FC Porto , para a Taça dos Campeões, o Vitkovice revelou-se, de novo, com um conjunto extremamente disciplinado, na linha das demais formações do Leste europeu, que põem um grande rigor táctico no seu sistema de jogo, e fora do seu ambiente, procuram, através do contra-ataque, surpreender o seu adversário. Esta equipa checa não foge à regra e provou-o ontem, à noite, ao criar múltiplas dificuldades à turma vitoriana, sobretudo durante o primeiro tempo.

Com falta de espaço para se movimentarem, os estrategos vimaranenses — N'Dinga, Adão e Ademir — não renderam o seu habitual. O futebol fluido cedeu lugar à troca excessiva de passes e, em vez de profundidade, o jogo do Vitória apresentava-se «mastigado», lento e pouco objectivo. Os primeiros 15 minutos da partida foram, de facto, uma desilusão para quem estava à espera de um Guimarães todo «prafrentex» e a impor a lei do «quero, posso e mando», como convém em competições desta natureza, mormente quando os adversários são ruins de assoar, como era o caso. Depois, para complicar mais as coisas, António Oliveira viu-se obrigado a proceder a uma substituição logo aos 17 minutos, quando o «central» Bené (contundido) foi obrigado a deixar o relvado, sendo substituído por Rui Vieira.

O mal, porém, estava no meio-campo e no ataque. O primeiro não encontrava o jeito para penetrar no extremo reduto contrário e o segundo, sem a bola nos pés, também pouco mais podia fazer. O técnico vimaranense procurou que N'Kama tirasse partido do seu poderoso remate, mas o «pé canhão» do Vitória ontem «meteu folga» e António Oliveira, apercebendo-se que o seu pupilo não estava nos seus dias, procedeu à sua substituição por Kipulu que, não tendo, nem de perto nem de longe a força do seu companheiro, tem mais velocidade e sabe criar espaços vazios, coisa que vinha faltando à equipa vitoriana. E a verdade é que a partir da entrada de Kipulu, a formação vimaranense deu um «pulo», especialmente no tocante a objectividade e progressão no terreno, facto que reduziu praticamente a zero os ensaios de contra-ataque do Vitkovice. Por força, ainda, dessa alteração, começaram a surgir também as situações de muito apuro junto da baliza checa.

Paulo Alves obteve assim o golo inaugural

Foi, no entanto, a partir do intervalo que o conjunto de António Oliveira deu melhor conta do recado. O domínio vitoriano tornou-se mais consequente. Costeado passou a descer com mais frequência pelo seu corredor, para tirar partido de uma certa fragilidade que se vinha notando no flanco esquerdo da turma checa. A aposta surtiu efeito: à passagem dos 60 minutos, Costeado forjou mais um lance de ataque pela direita, com a colaboração de Ademir e Caio Júnior, tirando um centro com peso, conta e medida para a cabeça de **Kipulu** que, assim, colocou o Vitória na situação de vencedor. A partir de então, o jogo conheceu outra dinâmica, já que os vimaranenses, galvanizados pela vantagem avançada, pareceram ter ganho asas nos pés, enquanto os checos evidenciavam um desacerto e uma aflição até então nunca vistas.

Fortemente apoiados pelos seus adeptos, os minhotos montaram um «pressing» em todo o terreno que acabou por dar os seus frutos, talvez menos do que os desejados e merecidos. Em nova jogada pelo flanco direito, Ademir voltou a «rasgar» a defesa contrária e, no momento próprio, solicitou **Caio Júnior**, postado no segundo poste e sem adversários à ilharga, que elevou para 2-0, fixando o resultado final.

Que, como dissemos, peca por escasso, uma vez que nos derradeiros 15 minutos o Guimarães dispôs de mais dois ensejos flagrantes para consolidar a sua vantagem. Mesmo assim, temos para nós que, se não surgir qualquer «acidente», o Vitória tem praticamente assegurada a entrada nos «quartos» da Taça UEFA.

Jogo no Estádio Municipal de Guimarães. Árbitro: George Courtney (Inglaterra), auxiliado por Kirgy e Clark.

GUIMARÃES: Jesus; Costeado, Miguel, Bené (Rui Vieira, 17 m) e Carvalho; N'Dinga, Nascimento, Adão e Ademir; N'Kama (Kipulu, 28 m) e Caio Júnior.

VITKOVICE: Zapalka; Stariony, Kladec, Vik e Grussmann; Chmela (Sourek, na 2.ª parte), Bartl, Jerabek e Skarecky; Kovacik (Houska, 82m) e Dostal.

Ao intervalo: 0-0. Marcadores: Kipulu (60 m) e Caio Júnior (73 m).

Inter e Feyenoord comprometem continuidade

Dos oito encontros ontem realizados, tudo indica que o Borrússia de Dortmund, Barcelona e o Honved terão assegurada a passagem aos quartos-de-final da Taça UEFA enquanto o Guimarães e o Verona deverão ter sérios cuidados para não virem a ser surpreendidos. Nos demais encontros, a incógnita vai persistir até ao dia 9 de Dezembro, em virtude dos visitantes de ontem (Espanhol, Leverkusen e Dínamo de Tbilisi) haverem conseguido resultados que lhe alimentam fundadas esperanças para a «segunda parte» da eliminatória a disputar nos seus palcos. Vejamos os resultados:

Borrussia Dortmund (RFA)-FC Bruges (Bélgica)	3-0
Inter (Itália)-Espanhol (Espanha)	1-1
Barcelona (Espanha)-Flamurtari (Albânia)	4-1
Honved (Hungria)-Panathinaikos (Grécia)	5-2
Verona (Itália)-Sportul (Roménia)	3-1
Feyenoord (Holanda)-Bayer Leverkusen (RFA)	2-2
Guimarães (Portugal)-Vitkovice (Checoslováquia)	2-0
Werder Bremen (RFA)-Dynamo Tbilisi (URSS)	2-1

Os encontros da segunda «mão» realizam-se em 9 de Dezembro.

Portugal,2 - França,0

JUNIORES: DUAS "PAULADAS" NOS GAULESES

Excelente exibição em jogo «à prova de água» materializado com dois golos dos Paulos (Alves e Ribeiro) proporciona à jovem selecção lusa, a «embalagem» para estar presente na fase final do Campeonato da Europa da categoria, contrariando as generalizadas previsões que apontavam, a RFA e a França, como principais favoritos da série.

Com efeito, depois deste triunfo que vem na sequência dos excelentes empates registados em França (0-0) e na RFA (3-3), os comandos de Carlos Queirós — que se limita a dar continuidade ao magnífico trabalho construído ao longo de vários anos por José Augusto — seguem bem firme na rota da derradeira fase do europeu não carecendo de qualquer favor alheio para atingir os desejados objectivos.

Na invernosa tarde de ontem os jovens futebolistas lusos, realizaram exibição de regalo no palco do grandioso Jamor e as duas «pauladas» registadas no minuto 20 (Paulo Alves) e no minuto 53 (Paulo Ribeiro) coroaram a sua supremacia sobre a congénere gaulesa.

A equipa lusa valeu enquanto tal mas seríamos injustos se não concedêssemos referência de destaque ao acerto de Vítor Baía, Valido, Couto, Paulo Alves e Paulo Ribeiro que estiveram um «furinho» acima dos seus companheiros.

E agora resta aguardar pelo dia 17 de Fevereiro, em que seremos visitados pela turma germânica orientada pelo antigo internacional Bertil Vogts, que ontem esteve presente nas bancadas do Jamor e não terá partido para o seu país nada optimista.

Classificação actual do grupo um:

	J	V	E	D	G	P
PORTUGAL	4	2	2	0	6-3	6
França	4	1	2	1	4-3	4
RFA	2	1	1	0	6-3	3
Suíça	4	0	1	3	1-8	1

Jogos por realizar: RFA-França (9/12), Portugal-RFA (17/2), França-RFA (13/4), Suíça-Portugal (4/5) e RFA-Suíça (11/5).

Jogo no Estádio do Jamor (Lisboa).
Árbitro: Charles Gilson, Luxemburgo.
PORTUGAL: Vítor Baía; Abel, Valido, Fernando Couto e Morgado; Tó Zé, Amaral (Jorge Couto, 80), Sousa e Paulo Alves; Paulo Ribeiro e Filipe (Paulo Madeira, 88).
FRANÇA: Barrague; Sposito, Vitalis (Irasoki, 68), Guyot e Laplace; Desbrosse, Gava, Maguier e Maufroy; Carnot, (Rodor, 45) e Loko.
Ao intervalo: 1-0. Golos: Paulo Alves, 20 e Paulo Ribeiro, 56.
Disciplina: cartão amarelo para Fernando Couto (60), Gava (84) e Valido (84). Cartão amarelo para Maufroy (85).

Atlético e M. Cavaleiros continuam na Taça

O Atlético e o Macedo de Cavaleiros, ambos da segunda divisão, qualificaram-se para a 4.ª eliminatória da Taça de Portugal em futebol, ao vencerem, em casa, os respectivos jogos de desempate.

O Atlético, que no primeiro jogo empatou 2-2 em Viseu, frente ao Académico local, também do segundo escalão, ganhou na Tapadinha aos viseenses por 3-2, após prolongamento, com 1-1 no final dos 90 minutos regulamentares.

Tarefa bem mais fácil foi a do Macedo de Cavaleiros, que goleou o Odivelas por 6-0, rectificando o 0-0 consentido na deslocação a Lisboa.

Hoje: mais "tira teimas"

Depois do Atlético e do CA Macedo de Cavaleiros garantirem a sua continuidade na disputa da Taça, resta saber o que sucederá esta tarde (todos os encontos estão marcados para as 15 horas) nos seguintes confrontos: Mangualde-Águeda, Oliveira do Hospital-Luso e Fanhões-Rio Ave.

Oito árbitros agredidos

Um total de 14 incidentes em 12 jogos de futebol foram registados pela Guarda Nacional Republicana no passado fim-de-semana, nos recintos cujo policiamento esteve a cargo daquela corporação, em todo o País.

Um comunicado da Repartição de Relações Públicas da GNR específica que no conjunto se tratou de 8 agressões a árbitros, 3 apedrejamentos, uma tentativa de invasão de campo, uma agressão a um agente da guarda e um caso de danos na viatura de um árbitro.

Foi em recintos do distrito de Aveiro que ocorreram maior número de incidentes (6), seguindo-se o distrito do Porto, (3), e Braga, Portalegre e Évora (1 cada).

De entre os casos mencionados no comunicado da GNR justifica algum destaque o ocorrido durante o encontro Cadavez-Arco de Baúlhe, no distrito de Braga, em que o massagista de um dos clubes agrediu o árbitro a pontapé, após ter entrado no recinto de jogo.

Benfica: 3,5 milhões no orçamento

O orçamento do Benfica para 1988 será de 3,5 milhões de contos, disse em Setúbal o presidente do clube, João Santos.

O presidente do Benfica falava, na sala de sessões na Câmara Municipal sadina, durante um acto de encerramento da exposição «100 Aanos do Futebol Francês», promovida pela Alliance Francaise e pela Associação de Futebol de Setúbal.

A propósito de França, João Santos referiu-se ao «retornado» Fernando Chalana, afirmando que **«Calana foi vítima de uma grande marginalização em França e tudo à sua volta foi complicado. Chalana está a corresponder agora plenamente e a ser tratado pela dietética».**

Mamede estreia-se na maratona

Fernando Mamede irá estrear-se em prova de maratona a 6 de Dezembro, em Fukuoka, no Japão, que reunirá os principais especialistas nesta distância.

EMPORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec	As 13 h.
Bragança	-2	-7	0,0	Limpo
V. Castelo	3	3	0,0	Limpo
Vila Real	0	0	0,0	Limpo
Porto	2	2	0,0	Limpo
Coimbra	2	2	0,0	Nevoeiro
C. Carvoeiro	13	10	0,0	P. nub.
C. Branco	2	2	0,0	Neblina
Portalegre	6	5	0,0	Limpo
Lisboa	8	7	0,0	Limpo
Evora	6	5	0,0	Neblina
Beja	3	2	0,0	Nevoeiro
Faro	6	5	0,0	Limpo
Sagres	8	7	0,0	Limpo
P. Delgada	13	13	0,0	P. nub.
Funchal	16	15	0,0	M. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 14. Porto 13. Faro 16. Ponta Delgada 21. Funchal 18.

Temperatura do ar em ºC • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Min.	As 13 h.
Madrid	-3	-2	Neblina
Londres	5	5	Chuva
Paris	4	1	Chuva
Bruxelas	4	3	Chuva
Amesterdão	5	5	Chuva
Genebra	-1	-2	Neblina
Roma	14	11	Trovoada
Oslo	0	-1	Neve
Copenhaga	3	2	Chuva
Estocolmo	-1	-1	Neve
Berlim	1	1	Pouco nub
Viena	5	4	Muito nub.
Varsovia	3	3	Pouco nub
Atenas	16	16	Muito nub
Moscovo	1	0	Neblina

Temperatura do ar em ºC • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Max.	As 13 h.
Caracas	20	28	Nublado
Joanesburgo	16	28	Limpo
Los Angeles	10	24	Limpo
Montreal	4	9	Chuva
Nova Deli	9	29	Limpo
Nova Iorque	7	17	Nublado
R. de Janeiro	15	29	Nublado
S. Francisco	9	18	Limpo
Sao Paulo	15	28	Nublado
Toquio	9	15	Nublado

Temperatura do ar em ºC • Precipitação em mm

TEMPO

HOJE

No Continente:

Ceu pouco nublado, apresentando-se temporariamente muito nublado nas regiões do Norte onde há possibilidade de ocorrencia de aguaceiros fracos. Vento fraco a moderado do quadrante Norte.

***Estado do mar: Costa Ocidental* — Mar encrespado ou de pequena vaga e ondulação de noroeste de 2 a 3 metros.**

***Costa Sul* — Mar encrespado e ondulaçao inferior a 1 metro.**

Nos Açores:

Periodos de ceu muito nublados. Vento bonançoso ou moderado de leste. Aguaceiros fracos.

***Estado do Mar*: Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação de noroeste de 3 metros.**

Na Madeira:

Periodos de ceu muito nublado. Vento fraco ou moderado de nordeste. Aguaceiros nas vertentes voltadas a norte.

***Estado do mar:* Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação de norte de três metros.**

AMANHÃ

Ceu pouco nublado ou limpo. Vento fraco do quadrante Norte e formaçao de geada.

DEPOIS

Ceu pouco nublado ou limpo. Vento fraco do quadrante Leste e formaçao de geada.

MARES

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
6.30	3,9 m		
19.11	3,5 m	12.27	1,3 m

Amanhã

7.31	3,8 m	0.44	1,6 m
20.19	3,4 m	13.40	1,5 m

● Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Divulgado em Conferência de Imprensa

TOTOBOLA E TOTOLOTO: APOSTAS MAIS CARAS MAS TAMBÉM PRÉMIOS MAIORES E SEM RESTRIÇÕES

No Hotel Tivoli, no decorrer da tradicional conferência de Imprensa que, na vida do Totobola e do Totoloto, significa o encontro anual com a Comunicação Social, o dr. Ricardo Jorge Correia da Fonseca apresentou oficialmente as alterações que, a partir de Janeiro, são introduzidas nas orgânicas dos populares concursos.

O director das Apostas Mútuas (e único vice-presidente do Interloto, sediado na cidade suíça de Basileia) fez excelente levantamento da situação que se vive (em termos prósperos) no Totobola e Totoloto, abrindo a sua declaração com uma saudação aos jornalistas que, **«de há 28 anos a esta parte, compreenderam e interpretaram o alcance social que está alicerçado nos lucros conseguidos pelas Apostas Mútuas»**. O dr. Correia da Fonseca, acrescentou: **Justifica ainda este encontro, a oportunidade de dar a conhecer os resultados de uma experiência de quase três anos de actividade na exploração conjunta das duas modalidades de Apostas Mútuas: Totobola e Totoloto.**

Totoloto: triunfo total

Não constitui surpresa para ninguém minimamente informado, o êxito espectacular alcançado, entre nós, pelo Totoloto. Trata-se de um fenómeno universal. Qualquer que seja o país considerado, aquela aposta mútua situa-se a longa distância, no topo da tabela classificativa, quanto ao volume de receitas arrecadadas pelas diferentes modalidades de jogo legalmente autorizadas. Para se ter uma ideia precisa do que se regista em Portugal, no que se refere à evolução do produto da venda das apostas, bastará mencionar os seguintes indicadores, em milhares de escudos:

Anos	Totobola	Totoloto	Total
1984	6 093 000	—	6 093 000
1985	6 273 000	17 743 000	24 016 000
1986	5 017 000	29 629 000	34 646 000
1987 (a)	5 700 000	35 200 000	40 900 000

(a) *Valores estimados*

Continuou o dr. Correia da Fonseca:

Extrai-se desde logo a ilação irrefutável de que as receitas globais, arrecadadas no primeiro triénio da exploração conjunta das duas modalidades de apostas, atingiram um montante da ordem dos 100 000 000 contos, facto que dispensa quaisquer comentários, tal a sua evidência. Cabe agora debruçarmo-nos sobre a forma como evoluíram, durante o mesmo período, os rendimentos líquidos produzidos por aquelas receitas:

Anos	Totobola	Totoloto	Total
1984	1 420 000	—	1 420 000
1985	1 317 000	6 635 000	7 952 000
1986	1 083 000	11 280 000	12 363 000
1987 (a)	1 200 000	13 400 000	14 600 000

(a) *Valores estimados*

Perante a análise destes indicadores, somos levados a concluir que, em igual período, foram produzidos rendimentos líquidos (a partilhar pelas entidades estatais ou paraestatais, beneficiárias nos termos da lei) da ordem dos 34 900 000 contos. A este montante haverá que acrescentar uma importância da ordem dos 3 700 000 contos depositada em igual período nos cofres do Tesouro e respeitante ao valor dos impostos de selo que recaem sobre as apostas mútuas.

Mais adiante:

«Durante aquele espaço de tempo processaram-se prémios de valor na ordem dos 50 000 000 de contos e pagaram-se cerca de 7 000 000 de contos em remunerações a 3900 agentes e somos levados a concluir que ésta gigantesca máquina funciona regularmente com um encargo de cerca de 4% das receitas que arrecada. Resta um apontamento sobre a forma como se processou a partilha dos rendimentos líquidos apurados no triénio que tem vindo a ser considerado. A exploração conjunta do Totobola e Totoloto permitiu uma partilha que se completará no final deste ano, pelos seguintes objectivos de ordem social estabelecidos na lei: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — 7 439 985 contos; Segurança Social e Assistência — 15 836 784; Desporto, estando incluído naturalmente o futebol e o Inatel — 9 151 357; Outras finalidades — 1 187 474; Cultura — 1 297 925.

O dr. Correia da Fonseca avançou:

Uma ideia mais concreta sobre as potencialidades do Totoloto indica que os rendimentos partilhados e referentes à exploração do Totobola nos anos de 1961 a 1984 (durante 24 anos) foi de 11 430 461 contos; os rendimentos partilhados referentes à exploração conjunta Totobola-Totoloto (nos anos 1985/87): 34 900 000 contos. Daqui a conclusão de que a criação do Totoloto veio permitir que, no triénio que termina no próximo dia 31 de Dezembro, se tenha procedido a uma distribuição de rendimentos líquidos de valor triplo daquele que foi partilhado no final de 24 anos de actividade do Totobola.

«No tocante ao Totoloto e tendo em consideração os reparos que têm vindo a ser feitos à circunstância de frequentes vezes o quinto prémio não ser pago, sendo o respectivo valor acrescentado ao do 4.º, bem como ao facto da existência de exageradas assimetrias no escalonamento de cada prémio, e, ainda, à raridade com que se verificam «Jackpots», conjugou-se a necessidade de remediar os pontos fracos detectados com a de actualizar o preço da aposta. Assim, a partir do concurso número um do próximo ano, introduzem-se as seguintes alterações:

- **O sistema português evolui de 6/45 números para 6/47 números, dando-se, assim, um passo para nos aproximarmos do sistema 6/49 números indicado para uma média semanal de apostas de ordem de grandeza similar à nossa (47 000 000) como é o caso, por exemplo, de Espanha, onde se regista um valor médio um pouco superior ao nosso (59 000 000 de apostas).**
- **Actualiza-se o preço unitário da aposta: passa de 15$00 para 20$00.**
- **Os valores percentuais fixados para cada categoria de prémios são alterados da seguinte forma: na 1.ª, de 25% para 19% (6 acertos); 2.ª, de 5% para 8% (5+1); 3.ª, de 15% para 20% (5); 4.ª, de 22% para 20% (4) e 5.ª, mantém-se os 33% (3).**

Elimina-se o limite mínimo abaixo do qual o valor dos prémios não era pago e acrescia ao da categoria imediatamente superior.

Apostas sobem

Em termos esclarecidos, o dr. Correia da Fonseca prosseguiu:

Fácil se torna concluir que o nosso Totoloto continuará a proporcionar primeiros prémios de valor similar aos que se têm verificado até agora. Por outro lado, aumenta o valor médio dos restantes prémios, e, aumenta, embora não tanto quanto o desejado, a probabilidade de ocorrência de «Jackpots». Finalmente (como é óbvio) o valor do 5º prémio aumenta, significativamente na relatividade, sendo obrigatoriamente sempre pago.

O mesmo sucede no Totobola, pelo que qualquer que seja o seu valor, o terceiro prémio será sempre pago. Contudo, tendo presente a actualização do preço unitário da aposta, que, a partir do 1º concurso de 1988, passa de 10$00 para 12$50, o valor para prémios a distribuir sofrerá um aumento tal que, se até este momento jamais o 3º prémio deixou de ser pago, de futuro, essa possibilidade nem sequer se porá. De resto, o limite mínimo é simplesmente eliminado.

Contra a clandestinidade

Porque talvez ainda não tenha sido dada a devida divulgação, parece igualmente oportuno referir a acção que ultimamente tem vindo a ser levada a efeito, em todo o território nacional, através da PSP, GNR e PJ sobre a promoção de vendas de apostas clandestinas e de concursos de apostas mútuas estrangeiras, sobretudo, da nossa vizinha Espanha. Nesta conformidade, até à presente data, mais de 60 processos de contra-ordenação foram já instaurados, do que resultou a aplicação de coimas de montante superior a 5 000 000$00, valor muito significativo se se tiver em consideração que as coimas aplicadas vão de valores mínimos de 5 000$00, para as clandestinas e de 200 000$00, para as estrangeiras.

«Espera-se (sinceramente) que a acção que vem a ser desenvolvida desanime, de uma vez para sempre, os tais oportunistas lestos a aproveitar todas as ocasiões por mais ilegais que se apresentem, na mira de ganhos fáceis. Aqui fica uma promessa: continuar-se-á a agir cada vez com mais rigor.

No termo da sua exposição, o dr. Correia da Fonseca salientou: **«As alterações introduzidas nos regulamentos dos concursos conduziram à adopção de novo modelo de bilhetes e à elaboração de um novo 'software' que permitirá o tratamento informatizado da informação que nele vier inscrita. Este facto obriga, logo após o preenchimento dos bilhetes em vigor para o concurso n.º 52 (tanto no Totobola como no Totoloto) à inutilização de toda e qualquer sobra que se verifique, tanto nas agências como nos locais de trabalho ou domicílios dos senhores apostadores. Para o concurso n.º 1 de 1988 (tanto no Totobola como no Totoloto) apenas deverão ser utilizados os novos bilhetes, sob pena do apostador perder o dinheiro despendido.**

A concluir, o dr. Correia da Fonseca revelou que as tentativas de fraude de apostadores que julgam iludir os computadores tendem a diminuir («**o último «esperto» apanhou três anos de prisão maior**») e que, só no ano de 1986, o montante de prémios não levantados foi astronómico: 688 245 916$! Dinheirinho que reverteu para a Santa Casa só porque, neste país de tantos necessitados há esquecidos ou despreendidos da fortuna...

N. de S.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 48/87

DE 29 DE NOVEMBRO DE 1987

Semanário da Região Bairradina, 112 111 X22 X222; Maria da Fonte, 111 111 11X 1XX2; Programa da Manhã/RDP Antena Um, 111 1X1 X1X XX21; Jornal 1X2, 11X 111 1X2 X2XX; Voz de Lamego, 111 111 1X2 X221; Jornal de Amarante, 111 111 112 XX12; Folha de Domingo, 111 111 X21 2X22; Quatro Linhas/Rádio Altitude, 111 111 111 12XX; Informação Desportiva/Rádio Altitude, 111 111 11X 1X2X; Voz do Ave, 111 1X1 11X 1111; Rádio Sports, 111 111 X12 1111; O Mensageiro, 11X 111 1X2 2X2X; Rádio Totobola, 11X 111 1XX XXX2; Penalti, 111 111 111 2X21; Eu Sei Tudo, 111 111 X1X 1222; Correio de Coimbra, 111 111 1XX X221; Ecos de Cacia, 111 111 11X X2X2; Notícias de Felgueiras, 111 111 11X 11XX; Jornal de Felgueiras, 111 111 112 1XXX; Secção Desportiva/RDP Comercial, 112 X11 121 XX2X; Tempo de Desporto/RDP Comercial, 111 111 112 1XX1; Clube da Manhã/RDP Comercial, 11X XX1 1X1 X211; Manhã, Manhã/RDP Comercial, 111 111 11X 1XX1; Livre e Directo/RDP Antena Um, 111 X1X 122 X22X; Jornal da Beira, 11X 111 11X 12X2; RR/Frente Desportiva, 111 111 111 1XX2; RR/Bola Branca, 11X 111 1X2 X2XX; RR/Desporto, 111 111 111 XX12; Gente Gira/Antena Um, X11 11X 2XX 11X1; Tarde Desportiva/RDP Antena Um, 111 111 X11 X22X; No Estúdio e no Estádio/RDP Antena Um, 11X 111 1XX 1XX2; Correio do Vouga, 111 11X 1X2 1122; Comércio de Leixões, 111 111 11X 12X2; De Tudo um Pouco, 111 111 11X 1XX2; Jornal da Graça, 11X 111 11X 2X2X; Jornal de Notícias, 11X 111 1XX 122X; Primeiro de Janeiro, 11X 111 121 1X22; Alvo Desportivo, 111 111 111 11XX; Rádio Alvo, 111 111 11X XX11; Alvo, 111 111 112 1222; Alvo Suplemento, 111 111 11X 211X; A Voz dos Ridiculos, 111 111 111 12X1; Placard Desportivo, 11X 111 1XX 1X1X; Música e Desporto 112 X1X 12X 222X; Panorama, 111 111 111 12X2.

assim vai o

totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Porto-Chaves	44	1	0	11	1	1
2. Benfica-Farense	45	0	0	12	1	1
3 Académica-Braga	31	11	3	8	3	1
4. Belenenses-Espinho	41	4	0	11	1	1
5 Guimarães-Rio Ave	42	3	0	11	1	1
6. Boavista-Penafiel	41	4	0	11	1	1
7. Varzim-Salgueiros	38	6	1	9	2	1
8. Covilhã-Elvas	27	12	6	7	3	2
9. Setúbal-Sporting	12	21	12	3	6	3
10. Portimonense-Marítimo	24	15	6	6	4	2
11. Freamunde-Leixões	7	20	18	2	5	5
12. Marinhense-U. Leiria	8	19	18	2	5	5
13. Lusitânia-Barreirense	12	16	17	3	4	5

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
111 111 11X 1XX2

TOUREIRO VÍTOR MENDES TRIUNFADOR EM ESPANHA

Manuel Lopes
Serviço Lusa

Vítor Mendes, que chegou a Espanha em 1978 com a fama de ser pouco mais do que um bom bandarilheiro que colocava de forma magistral, é hoje uma figura da festa como matador, com triunfos em Espanha, França, Portugal e América Latina.

Vítor Mendes sai em ombros pela porta grande da Monumental de Madrid, na última Feira de Santo Isidro

E para já, poucos anos após a alternativa, há cinco anos, é a primeira temporada de vencedor nas maiores praças espanholas, a maior figura do toureio português em Espanha, apesar de que os portugueses nem sempre o reconhecem.

Na passada semana, numa festa em Madrid, recebeu o troféu de triunfador da Feira de Santo Isidro de Madrid, um dos mais apetecidos prémios de um matador de touros, atribuído pela crítica, e na madrugada de sexta-feira saiu para a América Latina, onde fará a temporada em vários países, com um total de 15 corridas já contratadas.

Na temporada espanhola, ficou em destacado segundo lugar no «ranking» dos matadores, com 80 corridas, 50 orelhas e três rabos e uma saída pela porta grande de Las Ventas, a catedral do toureio espanhol, e figura principal da corrida da Imprensa, em que recebeu o maior «cachet», que se recusa a revelar.

Descoberto casualmente por Gonzalito, o promotor de Curro Romero, uma das principais e mais polémicas figuras das praças espanholas, que lhe viu uma série de qualidades quando ninguém dava nada por ele, chegou a Espanha porque queria vencer e pensava que a Espanha é a pátria da festa.

Em poucos anos deu «passos impressionantes», embora alguns deles difíceis, em que tragou «muita saliva», e hoje é já uma figura reconhecida popularmente e pela crítica, como foi apresentado na festa que reuniu os colegas, os críticos, ganaderos, e dezenas de protagonistas da festa.

Deixou de ser o bandarilheiro mais espectacular e artístico das praças de touros espanholas que entusiasmava o público desejoso de espectáculo e surgiu como matador, impondo-se não só na arte, mas também pela sua personalidade que sobressai no conjunto dos toureiros espanhóis, pelo seu estilo de ser e ver as coisas.

À frente dele, no «ranking» da temporada deste ano, só ficou Juan António Ruiz Espártaco, que, em cem corridas, obteve 174 orelhas e cinco rabos.

Mas este matador, de 28 anos, natural de Salvaterra de Magos, que se sente português, apesar de reconhecer que na sua terra ninguém é profeta e a sua categoria ser mais reconhecida em Espanha e França do que em Portugal, e de muitos não distinguirem a sua nacionalidade, a tal ponto que escrevem o seu nome como Victor Mendez, sobressai como o gala, mas também e sobretudo, sem polémica, como o intelectual, filósofo e homem culto, que sai dos cânones.

Fala quatro línguas, português, espanhol, francês e inglês, e na noite em que triunfou de forma rotunda na Feira de Santo Isidro, surpreendeu o público espanhol num programa da Televisão, a falar sobre assuntos socioculturais e as relações luso-espanholas com grande soltura, sem complexos, com naturalidade e sem pedantismos, como se esse fosse o seu campo preferido de actividade.

Há duas semanas foi de novo à Televisão para ser o protagonista de um programa cultural e fazer a leitura e interpretação da «Jangada de Pedra» de José Saramago, o livro de êxito do escritor português mais popular em Espanha na actualidade.

Praticamente radicado em Espanha

O diestro reconhece que «ainda não estou bem ao matar, pelo que vou treinar mais», mas a crítica já o considera como a figura mais conhecida representativa da arte tauromáquica portuguesa, a um outro nível de nomes como José Falcão, que se tornou popular depois de ter morrido na Praça de Touros de Barcelona.

Vítor Mendes já está praticamente radicado em Espanha, vive numa vivenda a 30 quilómetros de Madrid, é milionário, mas não quer dizer quanto lhe pagaram pela corrida mais cara em que participou, na da Imprensa deste ano, depois de triunfador absoluto na Feira de Santo Isidro, que é a consagração para um matador.

Mas os seus principais investimentos vão para Portugal, onde comprou uma quinta imensa a poucos quilómetros de Montemor, e pensa já em ter uma ganaderia de reses bravas, se bem que por agora esteja impedido de fazê-lo, porque já estão reconhecidas 21, o máximo que autoriza a União de Criadores de Touros de Lide.

Também leva para Portugal muitos dos seus troféus, enquanto outros ficam na sua casa, decorada com arte e estilo, projecto do próprio matador.

Não quer falar do dinheiro que ganha, embora reconheça que os primeiros tempos que passou em Espanha, até impor-se, não foram nada fáceis e teve de enfrentar os touros que lhe deram e dão, entre eles os das ganaderias mais bravas de Espanha.

Recusa-se a admitir que o mundo dos touros seja uma «mafia», embora reconheça que «tem umas normas muito próprias de que não pode sair se se quer estar na brecha».

Vítor Mendes vive só, não fuma, não bebe, é perseguido pelas mulheres, e afirma que estas são essenciais na vida de um homem, mas reconhece que na vida do toureiro às vezes apresentam-se com outros desígnios e por isso toma as precauções normais de um homem sereno que quer ser feliz na vida e na profissão.

Tem noiva formal em Portugal, revelou o diestro. Uma estudante de Medicina chamada Helena.

Mendes afirma que a «vida dos touros é uma amargura para os que não são objectivos», e por isso está nela conscientemente, convencido do que quer ser e do que representa para ele.

Quando passar o período de actividade nas praças – disse – quer concluir o curso de Direito, que abandonou no segundo ano para dedicar-se à arte dos touros, e provavelmente dedicar-se à política.

Os seus «hobies», quando não está ocupado na sua actividade profissional, são uma boa leitura, correr de moto e praticar aeromodelismo «para descarregar adrenalina», isto porque, como diz, quando está muitos dias fora das praças necessita de «emoções fortes».

Na madrugada da última sexta-feira partiu com destino à América Latina, onde começou no domingo com uma corrida em Lima.

Leva 15 corridas já contratadas, pelo que este ano fará, se tudo correr bem, umas cem, depois de perder 11, por chuva e por uma lesão.

Vítor Mendes afirmou que partia com grande confiança no triunfo e, se esta temporada em Espanha foi «espectacular», na próxima espera a «consagração definitiva».

TEATRO LAURA ALVES
Rua da Palma, 251 (ao Martim Moniz)
Telefs.: 86 39 77 — 86 47 56
3.º MÊS

IO APOLLONI APRESENTA
"SOCORRO... SOU UMA MULHER DE SUCESSO"
SUB MONTAGEM S.E.C. E GULBENKIAN
COMÉDIA MUSICAL EM DOIS ACTOS
VERSÃO LIVRE DE CARLOS PAULO IO APOLLONI
DE 5.ª A SÁBADO AS 21.30 h
SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS ÀS 16 h.
CENÁRIO JORGE ROCHA
FIGURINOS: JOSÉ CARLOS
ENCENAÇÃO IO APOLLONI
CANÇÕES NUNO GOMES DOS SANTOS
ARRANJOS MUSICAIS: LUIS FILIPE
IO APOLLONI
ELAN
50% DESCONTO ESTUDANTES
SE7E • RADIO COMERCIAL • DIÁRIO DE LISBOA • DIÁRIO • ANTENA 1
«Uma actriz completa» — Carlos Porto — «Diário de Lisboa»
«Esta furia de viver de Io Appolloni transmite-se aos espectadores» — Carlos Maderra «O Jornal»
«Uma interprete excepcional» — Eduardo Moura «O Tempo»
«Actriz notável» — «Correio da Manhã»
«Plena de força e de talento» — Fernando Midões — «Revista Mulheres»

MINISTÉRIO DA SAÚDE
HOSPITAL DE SANTA MARIA

PRODUTOS DE LIMPEZA E DESINFECÇAO ALGODÃO, CELECOTON E LIGADURAS — Concurso Publico n 34/88
Concurso Publico n 33/88

As respectivas condiçoes encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos sabados, na Secretaria do Serviço de Aprovisionamento
A abertura das propostas terá lugar no dia e hora marcados no respectivo Caderno de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 24 de Novembro de 1987

O DIRECTOR DO SERVIÇO DE APROVISIONAMENTO
António José Martins Moço

AZARES DA EXPRESSÃO
Ciclo de Manifestações promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian Serviço de Belas-Artes
À PROCURA DO PRESENTE
Texto e encenação Adolfo Gutkin
com Ruy Furtado e Glicínia Quartin
Representações no IFICT — Rua de Santiago, 19 (ao Miradouro de Sta Luzia)
As 21 30 h Domingos as 16 00h Segundas-feiras descanso da Companhia
Bilhetes à venda na Bilheteira da Fundação Calouste Gulbenkian
Dias uteis das 13h às 19h, Av. de Berna, 45
Tel. 774167
Na Bilheteira do IFICT – Rua de Santiago, 19, Tel. 865503
Preço unico 300$00. 50% de desconto para estudantes e portadores de cartão jovem.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

A MAIS LOUCA ODISSEIA NO ESPAÇO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.45 h

Alfa 3

O DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO
(maiores 12)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h .

Alfa 5

O QUARTO PROTOCOLO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 1

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2

JAMES BOND 007 RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

NAS PORTAS DO INFERNO
(maiores 18 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30, e 24.00 h

Amoreiras 4

O DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 5

O SEGREDO DO MEU SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

FULL METAL JACKET (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

A MAIS LOUCA ODISSEIA NO ESPAÇO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila

— T. 539930

ANGEL HEART (NAS PORTAS DO INFERNO
(maiores 18 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Berna

— T. 776098

O DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme «O Sacrifício» realizado por André Tarkovski, distinguido com o prémio especial do júri e o prémio ecuménico pela visão poética de um mundo ameaçado, no Festival de Cannes. Em exibição no cinema Quarteto.

Capitólio

— T. 372358

GAROTAS SENSUAIS
(maiores 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

SEXO EM GRUPO
(maiores 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões

T. 324194

SHAOLIN DESAFIA NINJA
(n/acons. m. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 533253

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
(n/acons. m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
NAUFRÁGIO
(maiores 18 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 9434773

Sala de Arcada

JAKE SPEED — O VINGADOR
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Stoss

É DIFÍCIL DIZER ADEUS!
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

JARDINS DE PEDRA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

A SEIVA DO MAL
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Éden

— T. 320768

O QUERIDO LILÁS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

CURTO-CIRCUITO
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

O QUERIDO LILÁS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

ROBOCOP – O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O QUARTO PROTOCOLO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

JAMES BOND 007 — RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.15 h

Forum Picoas

OS RAPAZES DA COMPANHIA C
(n/acons. m. 18 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

ROBOCOP — O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

Sala 1

A SEITA DO MAL
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2

ARIZONA JÚNIOR
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

O SEGREDO DO DESERTO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

A SEIVA DO MAL
(maiores 18 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

HOMEM CERTO, PRECISA-SE
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

ARIZONA JÚNIOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

O DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

FULL METAL JACKET NASCIDO PARA MATAR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

NADINE, UM AMOR À PROVA DE BALA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

OS MARGINAIS DA ESTRADA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia

T. 325309

UM CHEIRO A SEXO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé

— 821933

ACTO DE VINGANÇA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama

T. 326305

O SEGREDO DO DESERTO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

NAS PORTAS DO INFERNO
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 2

JARDINS DE PEDRA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3

MELO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
SANGUE POR SANGUE
(maiores 18 anos)
23.45 h

Sala 4

O SACRÍFICIO
(maiores 12 anos)
15.00, 18.45 e 21.30 h
AOS NOSSOS AMORES
(maiores 16 anos)
24.00 h

Roma

T. 889192

O QUERIDO LILÁS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

ROBOCOP — O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

A MAIS LOUCA ODISSEIA NO ESPAÇO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

FULL METAL JACKEY
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

OS INTOCÁVEIS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715

FULL METAL JACKEY (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45e 24.00 h

Star

— T. 804210

AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

NADINE — UM AMOR A PROVA DE BALAS
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

NAS PORTAS O INFERNO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

HOMEM CERTO, PRECISA-SE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Anjo Vingador», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

AMADORA — Cinestúdio — «O 4.º Protocolo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

AMADORA — Babilónia — «Nascido para Matar», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 16 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Força Delta», às 21.30 h (maiores 12 anos).

CACEM — Cinestúdio Flores — «Francesca Um Amor Impossível», às 15.00 e 21.30 h

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «O Polícia do Futuro», às 15.30, 18.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Os Intocáveis», às 17.00 e 21.15 h (maiores 16 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «O Vingador Solitário», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «O Segredo do Meu Sucesso», às 18.30 e 24.00 h (maiores 12 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Que Sorte Danada», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos).

Sala 2 — «Encontro Inesquecível», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «La Bamba», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Arizona Júnior», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Sala 2 — «O Homem Certo Precisa-se», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Um Adeus Português», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

ALMADA — Cinestúdio Almada — «A Mais Louca Odisseia no Espaço», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).

ALMADA — Incrível Almadense — «Em Defesa da Nação», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «A Encruzilhada», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «O Grande Assalto», às 15.45 e 21.30 h (maiores 16 anos).

Sala 2 — «A Costa do Mosquito», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos).

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «O Segredo do Meu Sucesso», às 15.00 e 21.15 h (maiores 6 anos).

TEATRALIDADE NA PINTURA

Quarenta e duas obras do Centro de Arte Moderna, de igual número de artistas portugueses integram a exposição «Azares da Expressão ou Teatralidade na Pintura Portuguesa», integrada no ciclo de manifestações que o Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian vem levando a efeito este ano.

A exposição, patente na Galeria das Exposições Temporárias até 13 de Dezembro, é uma tentativa de ilustração do percurso da expressão artística no nosso século, a partir do expressionismo, visto do ângulo específico da teatralidade.

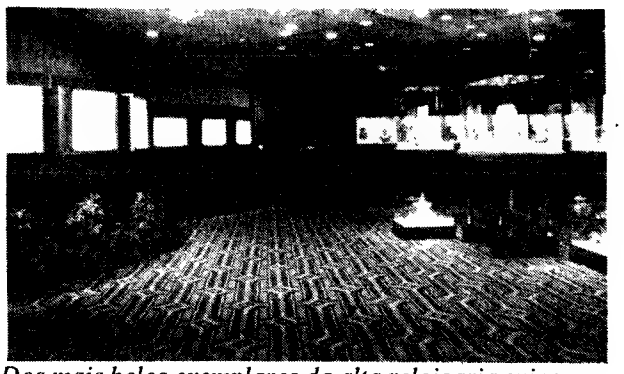
Concebida como exposição-ensaio de interpretação de obras de arte moderna portuguesa, esta proposta de leitura tem o apoio de citações de curtos textos de poetas, escritores, ensaistas, historiadores, críticos e dos próprios artistas.

O pintor Fernando de Azevedo, asessor do Serviço de Belas-Artes, conjuntamente com o arquitecto Sommer Ribeiro, director do CAM e do Serviço de Exposições e Museografia, organizaram a exposição.

No catálogo, Fernando de Azevedo afirma: «A representação é uma palavra comum ao teatro e à pintura. Serve a um e a outra para a simulação e a verdade de ambos. E, nas duas artes, há a teatralidade que é a necessária e a outra, desnecessária, a que também chamam de teatralidade. A segunda, quer uma arte, quer na outra é sempre e só academismo. Em qualquer tempo que seja. Hoje mesmo».

Entre os artistas representados contam-se autores tão diversos como Almada Negreiros, Alvarez, Costa Pinheiro, António Pedro ou José de Guimarães.

«Fernando Pessoa - Heterónimo»/1978 de Costa Pinheiro



Dos mais belos exemplares da alta relojoaria suiça, em exposição no Meridien

EXPOSIÇÕES

MERIDIEN LISBOA: até ao próximo domingo, dia 29, «Diadema Joalheiros» apresenta, das 11 às 23 horas, uma exposição de relojoaria com exemplares de duas marcas suiças de reconhecido prestígio internacional, as mais recentes representações desta ourivesaria da Rua Áurea. Entretanto, a «Diadema» continua a apostar forte na actividade industrial, onde peças originais de joalharia são produzidas por excelentes profissionais em ateliers dotados do mais moderno equipamento. Também a pensar na exportação.

GALERIA MONUMENTAL (Campo dos Mártires da Pátria, 101): até 19 de Dezembro, exposição de escultura de Sérgio Taborda.

GULBENKIAN (galeria de exposições temporárias): exposição «A Distância e o Encontro» de Cyril Bourquin

PALÁCIO VALENÇAS (Sintra): pintura e desenho de Domingos Saraiva até 9 de Dezembro, de segunda a domingo das 14 às 20.

ESPAÇO POLIGRUPO/RENASCENÇA (R. Ivens, 14): exposição de pintura de Ana Leonor e Luís França intitulada «Mateo, XXV, 30».

BOCA DE CENA (R. Duque de Palmela, 6-A): I Antystetika/87 - «Trylogya», uma mostra colectiva de artes plásticas com trabalhos dos «operários plásticos» João Cruz, Cesário Monteiro e Paulo João Cunha. Patente até 13 de Dezembro, de segunda a quinta das 16 às 20 e das 21 às 24; sextas das 16 às 20 e das 22 às 3; sábados das 22 às 3; domingos das 21 às 24.

GALERIA ESCADA (R. da Bela Vista à Graça, 81-A): colectiva de pintura e escultura até 19 de Dezembro, com obras de António Araújo, António Carmo, Artur José, Cisela Bjork, Figueiredo Sobral, Gil Teixeira Lopes, H. Mourato, Isabel Laginhas, José Augusto, José Belo, José Viana, Machado da Luz, Maria Gabriel, Matilde Marçal, Paulo Ossião, Ribeiro Farinha, Rogério Ribeiro, Rui Filipe e Teresa Joaquina. Patente ao público de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 14.

GALERIA «DN» (L. do Chiado, 9): pintura de Arminda Borges de Almeida, até 5 de Dezembro.

PALÁCIO FOZ (Restauradores): até 4 de Dezembro, fotografias de Sofia Pinto Coelho.

GULBENKIAN (exposições temporárias piso 01): exposição de Pintura de António Aurélio.

CAMARA MUNICIPAL DE ALMADA (átrio): exposição com o título «Convite à Descoberta», integrada na iniciativa «Informação pela Imagem» e que tem por tema o património histórico do concelho.

PÁTEO ALFACINHA: exposição «Lisboa Nunca Esquece», da autoria de Mário Silva, patente até 4 de Dezembro, diariamente das 15 às 22 horas.

GALERIA ARTIFÍCIO (R. de S. Bento, 355-ao Rato): pintura de Macedo Santos até 30 de Novembro, de segunda a sábado das 15 às 19.30.

CASA DOS TABUENSES (R. dos Poiais de S. Bento, 75-B): desenho e escultura de Fernanda Assis, uma exposição integrada na acção de dinamização cultural da Casa dos Tabuenses com o apoio do Grupo de Teatro «Maizum». Até 28 de Novembro, de segunda a sábado das 14 às 21.

ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): pintura de Daniel Nave até 9 de Dezembro, de segunda a sábado das 10 às 19.

GALERIA DE ARTE ARCADA (Parque do Estoril): até 8 de Dezembro, pintura de Rui de Azevedo.

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Neri, 42): desenho e pintura a óleo da autoria de Gaëtan, «Une Chambre en Ville», patente até 6 de Dezembro de terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.

GALERIA MONUMENTAL (Campo dos Mártires da Pátria, 101): «Temas e Pretextos» de Jorge Varanda até 1 de Dezembro, de terça a domingo das 15 às 20.

GALERIA TRIANGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): pintura de Romy Castro até 5 de Dezembro, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13.

GALERIA QUADRUM (R. Alberto de Oliveira, 52-Alvalade): pintura de Graça Coutinho até 12 de Dezembro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19.

MÓDULO (Av. Ant. Augusto de Aguiar, 56-5º-Dt.): pintura e desenho de manuel Botelho até 10 de Dezembro, de segunda a sábado das 16 às 20 (excepto feriados).

CETÁRIA-GALERIAS DE ARTE (Setúbal): até 8 de Janeiro, exposições de Fernando Matos (fotografia), Mariete Miguel (tapeçaria), Américo Silva e M. Irene Ribeiro (gravura), Vítor Ferreira (pintura) e A. Roque Gameiro (cerâmica), diariamente das 10 às 22.

ARTEX-GALERIA DE ARTE (R. Nova do Almada, 87): pintura de Molina Sanchez até 12 de Dezembro. de segunda a sexta das 9 às 13 e das 15 às 19, sábados das 9 às 13.

GULBENKIAN (exposições temporárias, piso 01): 40 desenhos e aguarelas de Mário João de Brito Aranha.

GALERIA DA VOZ DO OPERÁRIO: Pintura de Eduardo Teixeira até 3 de Dezembro, dias úteis das 10 às 19, sábados das 15 às 19.

S. MARCOS (Galeria de Arte e Artesanato-Oleiros, Azeitão): exposição individual de Helena Felícia (óleos) e uma colectiva de pintura, cerâmica, tapeçaria, trapologia e escultura. Até 31 de Dezembro, diariamente das 10 às 22.

CENTRO EUROPEU DE LÍNGUAS (Av. Padre Manuel da Nóbrega, 3-A): até 31 de Janeiro, «Gravuras e Signos» de Laura Cesana, patente de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 20, sábados das 11 às 13.

GALERIA DO CASINO ESTORIL: até dia 1 de Dezembro, todos os dias das 15 às 24, o VIII Salão de Outono.

GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO: até 5 de Dezembro, a exposição «Campéstico», paisagens e interiores de Álvaro Lapa.

GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: até 6 de Dezembro, a 2ª Exposição da Associação de Artistas e Gravadores da Amadora, com trabalhos de David Almeida, Maria Irene Ribeiro, Marlília Viegas, Luisa Nogueira, Rui Pimentel e Henrique Silva, concorrentes ao concurso de Gravura alusivo ao 100º aniversário da estação da Porcalhota e da Linha de Sintra. Patente diariamente das 9 às 23 horas.

ARCADAS DO PARQUE (Estoril): a Junta de Turismo da Costa do Estoril apresenta Pintura de Carlos Lança até 6 de Dezembro, nos dias úteis das 9 às 19, domingos das 9 às 18.

PALMA-GALERIA DE ARTE (C. da Palma de Baixo, 6): até 1 de Dezembro, aguarelas de Xico Pereira e cerâmica de Maria José Mateus Lopes. De segunda a sábado das 14 às 20

GALERIA QUADRADO AZUL (R. de Costa Cabral, 777-Porto): até 9 de Dezembro, exposição de Pintura (1939 a 1987) de Nadir Afonso e apresentação do vídeo «Marcos de um Percurso» pelo realizador Filipe Oliveira Dias. Diariamente das 10 às 12 e das 15 às 22.

GALERIA 111 (Campo Grande, 113): Pintura de Menez.

MÚSICA

GULBENKIAN (grande auditório): às 21,30 concerto com obras de Berlioz. Coro e Orquestra Gulbenkian, maestro Richard Hickox, tenor Martin Hill, barítono Stephen Roberts, baixo John Tomlison.

LOUCURAS: concerto pela Orquestra da Felicidade do Brilho e da Glória dirigida pelo maestro Jaime Oliveira, que esta noite apresenta uma constituição diferente, substituindo os metais por uma secção de cordas. O reportório - só instrumentais - foi propositadamente encomendado a uma editora londrina, além de arranjos do próprio Jaime Oliveira e de Jorge Machado para temas da melhor música portuguesa.

CONFERÊNCIAS

GULBENKIAN (sala polivalente): colóquio sobre «Literatura Popular Portuguesa e Teoria da Literatura Oral/Tradicional/Portuguesa, com diversas participações. Coordenação do prof. Manuel Viegas Guerreiro. Hoje e também nos dias 27 e 28, entre as 9 e as 18 horas.

CINEMA

INSTITUTO ALEMÃO: Retrospectiva Eberhard Fechner às 18,30 e 21 horas.

CINEMATECA PORTUGUESA: às 18,30 «Os Favoritos de Chabrol» com «A Fera Humana»/1938 de Jean Renoir, com Jean Gabin, Carette e Simone Simon; às 21,30 «Ciclo Claude Chabrol» com «Núpcias Vermelhas»/1973 com Stéphane Audran e Michel Piccoli.

ESPECTACULAR

Foi dito e escrito nos jornais: eras a maior actriz portuguesa. Tambem se disse que, sem ti, o espectaculo de revista, se não perdia a sua razão de ser, perdia muito da sua capacidade de vencer. Foste aumentar a galeria dos insubstituiveis, em que é fertil a nacional-pobreza deste pais à beira-mar tramado. Isto se sabe. Mas não a tua simplicidade e isso a que os cabo-verdianos chamam **morabeza,** *esse trazer as pessoas no coração.*
Lembras-te daquela vez em que, almoçando eu no Parque Mayer, vieste pôr uma flor na minha mesa?
Foi teu crime nascer num pais com a tristeza das pessoas que vão ao leme. As mesmas que deixaram morrer Carlos de Oliveira sem nos legarem uma imagem da rua despedida. Estás, pois, em boa companhia, deixa lá. Que é triste, é. Muito triste. A televisão ignorar a tua morte, ver passar o teu corpo, ver tudo de olhos frios, como se não tivesse acontecido nada...
E depois nem uma explicação, nem ao menos o inquérito que é, em Portugal, o **Post Scriptum** *de todas as tragédias!...*
Ivone, Ivone, por que será que, quanto mais as pessoas são grandes, menos as almas pequenas gostam delas?

José Mirandum

MÉDICO DE URGÊNCIA

☎ 76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — BAIRRO ALTO: Pinharanda, R. da Rosa, 94-96 (T. 321534); **BOA-HORA - AJUDA: Boa-Hora**, R. dos Quartéis, 25-27 (T. 637777); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Santos Silva**, bloco III, lote 226, loja 22, zona n.º 2, Chelas (T. 851265); **CHILE: Bastos**, R. Morais Soares, 91-D (T. 844350); **CONDE REDONDO: Salus**, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 542239); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **FRENTE À FEIRA POPULAR - AVENIDA DA REPÚBLICA: Av. da República, 74-A (T. 771379); LUMIAR: São Tomé**, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **PRAÇA DE LONDRES: Imperial**, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (T. 886860); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Sousa**, E. de Benfica, 429-431 (T. 780027 / 789985); **SÃO SEBASTIÃO: São Sebastião**, L. de São Sebastião da Pedreira, 1-3 (T. 548642); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **PATAMEIRAS - ODIVELAS: Amaral**, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 9825455); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Eloi, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — ALCÂNTARA: Nogueira, R. de Ancântara, 5-A-B (T. 637563); **ALVALADE - AVENIDA DO BRASIL: Marbel**, Av. de Roma, 131-A (T. 776235); **ANJOS - CHILE: Castro**, Av. Almirante Reis, 76-A (T. 821973); **BENFICA - BAIRRO DA PEDRALVAS: Gouveia**, R. Augusto Costa (Costinha), lote 4, loja, Dt.ª (T. 707500); **CAMINHOS DE FERRO: Vilalobos Santos**, R. Cruz de Santa Apolónia, 90-92 (T. 847019); **CASTELO: Bastos Andrade**, C. de Santo André, 107 (T. 860450); **LAPA: Neves**, R. da Bela Vista à Lapa, 37 (T. 661251); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **REGO: G. Silva**, R. Francisco Tomás da Costa, 3-A-C (T. 771873); **ROMA - TEATRO MARIA MATOS: São João de Deus**, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); **SALDANHA: Cardeira**, Av. Duque de Avila, 32-C (T. 543495); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Tovar Chaves**, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 2296119). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Silva Inácio**, P. Gomes Teixeira, 45 (T. 2071862). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **SEIXAL: Central**, E. Nacional, 9, Paio Pires (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 243239). Permanente; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; SASSOEIROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Clabel, R. António Sardinha, 23-D (T. 4938551). Permanente; **Carlos**, R. Sebastião da Gama, 28-B, Casal de São Brás. Permanente; **Heleno**, R. 1, lote C, Reboleira Sul (T. 964796). Até às 22 horas; **QUELUZ: Serra e Pinto**, Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 4377619). Permanente; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duate**, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Vila Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, R. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Permanente; **AVEIRO: Lemos**, R. de São Brás, 150 (T. 20583).

TEATROS

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17 e 36 17 40

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00

«TOMA LÁ REVISTA», de Henrique Santana e Francisco Nicholson, com a colaboração de Mário Zambujal. Direcção e criação coreográfica de Magda Cardoso. Direcção e encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone deOliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 538586

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«CRIADA PARA TODO O SERVIÇO», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez. Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

Teatro Maizum

R. dos Poiais de São Bento, 75-B — Tel. 60 18 66

De 4.ª a sábado, às 21.30, até 12 de Dezembro

«A BELA CALÍGULA», de Augusto Sobral. Encenação de Rogério Vieira. Interpretação de Silvina Pereira e Fernando Nascimento.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De quarta a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«A DAMA DO MAXIM'S», de George Feydeau. Pelo **Novo Grupo**. Tradução: Luiz Francisco Rebello, Vera San Payo Lemos e João Lourenço. Encenação: João Lourenço. Cenários: Nuno Carinhas. Figurinos: Vera Castro. Música: Eduardo Paes Mamede.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala principal

De terça a sábado às 21.30. Domingos às 17.00

«OS DOIS CORCUNDAS E A LUA», de Richard Demarcy. Enc. João Mota. Interp. Carlos Paulo, Paulo Ferreira, Jorge Loureiro, entre outros. M./6 anos.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 863977

De 5.ª a domingo, às 21.30; sábados, domingos e feriados, também às 16.00

«SOCORRO... SOU UMA MULHER DE SUCESSO», de Alloisio Coli-Gaber. Cen.: Jorge Rocha. Enc.: Io Appolini. Fig.: José Carlos. Versões das canções de Nuno Gomes dos Santos. Arranjos musicais de Luís Filipe.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Rossio, Telef. 372246. De 3.ª a sáb., às 21.30, sáb. e dom. às 16.

GUERRAS DE ALECRIM E MANGERONA, de António José da Silva. Enc. de Carlos Avilez, Int. de Manuel Coelho, João de Carvalho, Carlos Pimenta, S. José Lapa, Catarina Avelar, Paula Mora, Fernanda Borsatti, António Anjos e Vítor Ribeiro.

Sala Gil Vicente

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.30

«RELATÓRIO PARA UMA ACADEMIA», de Kafka. Encenação de Durval Lucena. Interpretação de João d'Ávila. (Estreia provável dia 12).

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«LENDAS DE AMOR E MORTE», de Yukio Mishima. Encenação de Blanco Xil. Cenários de Francisco Ferreira de Almeida. Figurinos de António Filipe. Interpretação de Adelaide João, António Filipe, Francisco Soromenho, Maria José Baião, Teresa Corte-Real, Artur Mendonça, Ana Rita e António Liza.

TEATRO DO BAIRRO ALTO

R. Tenente Raul Cascais, 1-A (Telef. 66 15 15)

De 3.ª a Sáb. às 21.00; Domingo às 16.00

«GRANDE PAZ», de Edward Bond. Cen. de Luís Miguel Cintra. Interps. Alda Rodrigues, Maria Breia, Raquel Maria, Laurinda Ferreira e Miguel Guilherme.

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 07

De 4.ª a sábado, às 21.30; domingo às 17.00

«METRO-CABARET». Espectáculo musical. Texto de Fernando Gomes e música de Zé Carraza. Com Fernando Gomes, Maria Vieira e Adriano Luz.

Instituto Franco-Português

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 45 74

De 3.ª a sexta, às 21.30; sábado e domingo às 17.00

«LES LETTRES DE LA RELIGIEUSE». Por IFP — La Théatrelle. Encenação de Jean Lejude. Interpretação de Solange Charlot, Maria Mendes e Alexandre Melo. Música de Fernando Marques.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Balneário Dr. Paula Borba — Tel. 2 91 30

5.ª e 6.ª, às 21.30; sábado e domingo, às 16.00 e 21.30

«O MÉDICO À FORÇA», de Molière. Pelo Teatro de Animação de Setúbal. Encenação de Carlos César e Asdrúbal Teles. Interpretação de Carlos Rodrigues, Maria Clementina, João Victor, Nuno Mello e Rui Serra.

Novo Espaço Teatral

R. de Santiago, 19 (ao Miradouro de Santa Luzia)

De 25 Nov. a 20 Dez., às 21.30; aos domingos às 16.00 h

«À PROCURA DO PRESENTE». Texto e encenação: Adolfo Gutkin. Interpretação de Ruy Furtado, Glicínia Quartin, João Lagarto, José Lopes, Ávila Costa e Diogo Dória. Assessor literário: José Triana. Cenógrafo: José Castanheira. Figurinista: Vera Castro. Música e direcção musical: Carlos Gutkin.

Drogaria Ideal

R. do Conde, 57 — Tel. 66 12 77

Diariamente, às 23.30

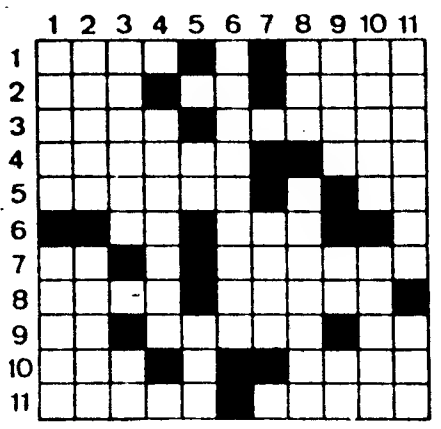
«MULHERES DE CALÇAS». Números de revista. Por Zita Duarte.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17 194

HORIZONTAIS:

1 Doença que dificulta a respiração. Morada.
2 Recusa. Tempo do verbo haver. Rezes.
3 Produto. Estacionais.
4 Repreensão. Pau-ferro.
5 Abate. Prefixo de privação.
6 Samário (s.q). Ilha do estado da Baía.
7 Nome de letra. O mesmo que roldão.
8 Rezar. Cordeiros.
9 Senhor. Esmonca. Solitário.
10 Preposição. Além disso.
11 Querido. Tempo do verbo poder.



VERTICAIS:

1 Velha. Fruta seca.
2 Percebem. Vagueiem.
3 Faleças. Ruim.
4 Acarinhara.
5 Em'a (inv). Fecho as asas para descer mais depressa.
6 Seges velhas.
7 Que tem o último lugar numa série de nove.
8 Coragem. Cofo.
9 Lavrai. Compaixão. Carta de jogar.
10 Facção. Cidade de Itália.
11 Tema. Sufixo que designa abundância.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 193

HORIZONTAIS:

1 Armar. Vagir.
2 Reima. Inata.
3 Aí. Acuda. Al.
4 Ara. Eca.
5 Ates. Alar.
6 Reais.
7 QUEM. Arca.
8 Uri. Cãs. Roa.
9 Ir. Casas. DÁ.
10 Nadam. Rol. O.
11 Amaia. Asais.

VERTICAIS:

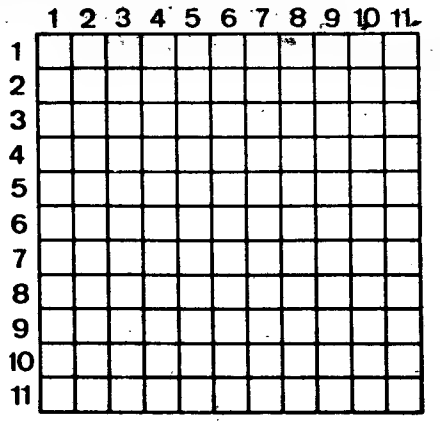
1 Aramá. Quina.
2 REI. Urram.
3 Mi. Serei. DÁ.
4 Ama. Sem. Cai.
5 Raça. A. Cama.
6 Urdiras.
7 VIDA. Sara.
8 Anã. Sós.
9 Ga. Elara. Lá.
10 Itaca. Cod.
11 Ralar. Araós.

PROVÉRBIO: Quem dá o rei, dá a vida.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 019

HORIZONTAIS:

1 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Apelido.
2 Dá urros. Cobrira de iodo.
3 Érbio (s.q). Grande rio da Ásia no Indostão.
4 Estômagos (fig). Nome de mulher.
5 Dá aviso de alguma coisa em voz alta. Freguesia do concelho de Ponte de Lima. O mais.
6 Varonil. Autores.
7 Mil cento e dois em romano. Zomba.
8 Gosta muito de. Gorgulhos tropicais.
9 Grosseiros. Compaixão.
10 Isso sim! Carta de jogar. Desgraça.
11 Rezes. Tosta.



VERTICAIS:

1 Concelho do distrito de Goa.
2 Rainha de Portugal. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses.
3 Érbio (s.q). Espantalho.
4 Personagem do «Otelo» de Shakespeare. Prefixo que designa ar.
5 Aparecer em lugar alto.
6 Rio de França. Quarto interior de dormir (pl).
7 Chefe das antigas repúblicas italianas. Dês oiro a.
8 Mulher que compra e vende roupas usadas. Uma das Cíclades.
9 Alberga por esmola. Manuscrito.
10 Senhor. Viração. Concedes.
11 Cidade da Suíça. Separa de.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 018

HORIZONTAIS:

1 Mafuco. Mate.
2 Errais. Rs.
3 Ama. Esmo.
4 Legaras. Oca.
5 Aportaram.
6 AC. Ásia.
7 Doire. Caa.
8 Arme. Salvas.
9 Toca. Riano.
10 Colearas.
11 Armamos.

VERTICAIS:

1 Mealhada. Cr.
2 Arme. Corto.
3 Fraga. Imola.
4 Úa. Aparecer.
5 Cirrose. Aam.
6 Os. Ari. Rã.
7 Estacaram.
8 MTS. Aliso.
9 Morfava.
10 Troça. Amo.
11 És. Amasso.

Radio

Antena Um

17.00: Pequeno jornal; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Musical; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: Imaginário; **24.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

15.05: Panorama, da obra de Bizet; **16.30**: Album musical; **17.00**: Estórias da História; **17.20**: Música; **17.40**: Trechos, de ópera; **18.40**: A Orquestra Caravelli; **19.00**: Integrais; **19.35**: Sinfonia Dante», de Lizst; **20.40**: Música, para trompete; **21.00**: Histórias de música e... outras; **21.30**: Música, de Mozart; **22.00**: Música vocal comentada; **23.00**: Concerto sinfónico; **00.50**: Ultimo andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: E de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Boa nova; **20.30**: Programa da LAR; **21.00**: Nove e tal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00. Cem mais; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Cantar português; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.55**: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Da veiga à serra; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fontes termais.

Voz do Minho

15.00: Boas tardes; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação religiosa.

SÁBADO TELEVISÃO

RTP 1

17.36 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
«Vem Lá Filme», «As Aventuras de Punqui» e «Urso Teddy»

18.35 - Você Sabia Que...
3º Episódio

19.00 - O Império de Carson
34º Episódio: Apesar de Robert e Margery continuarem separados, Godfrey espera-os em sua casa para o ajudarem a receber um importante cliente.

19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorologico
20.15 - Roque Santeiro
33º Episódio: Porcina e Malta procuram Roque que apanhava sol nos jardins de Porcina. Mocinha descobre que Zé das Medalhas vende «santos» iguais aos que ela guarda de Roque. Indignada, Mocinha vai à loja de Zé das Medalhas e, a seguir, procura o pai. Este acalma-a, dizendo-lhe que se vai passar um acontecimento muito grave para o futuro de Asa Branca. Mocinha, Pombinha e Astromar começam a ficar muito intrigados. Roque é informado que o pai é uma figura venerada na cidade. Flô, Padre Hipólito e Malta comunicam a Roque o que decidiram sobre o seu destino.

21.10 - Primeiro Andamento
Após a apresentação das Seis Sonatas de Beethoven, interpretadas por Sequeira Costa, segue-se nova sequência desta vez de Seis Concertos para Piano e Orquestra de Mozart, numa interpretação da pianista Maria João Pires, acompanhada pela Orquestra da Fundação Calouste Gulbenkian.

21.45 - Telemundo
22.15 - Se o Amanhã Chegar
2º Episódio

23.20 - 24 Horas
23.55 - Remate

RTP 2

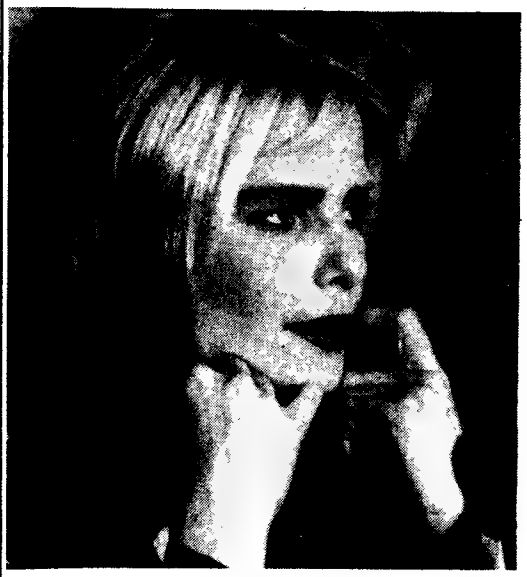
15.45 - As Blue Bell
7º Episódio

16.35 - Trinta Minutos Com...
«Ana Maria Sapage»

17.10 - Os Imigrantes
134º Episódio

18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Totally Live
19.55 - Hitchcock Apresenta...
126º Episódio: Marcia descobre que o marido a engana e decide ir a casa da amante, fazendo-se passar por outra pessoa, para a matar.

No 1º canal às 21.10, Maria João Pires em «Primeiro Andamento»



Cicciolina em «Já Está!», no 2º canal às 21.40

No regresso, Marcia sente-se realizada — conseguira colocar veneno no açucar e a mulher matar-se-á a ela própria quando o for utilizar.

Mas, e se alguém o utiliza em vez dela?

Realização: Robert Stevens

20.20 - Os Malucos do Circo
40º Episódio

20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.40 - Já Está!
Com o pintor Molin Sanchez e Cicciolina

23.05 - As Teias da Lei
Ann Kelsey e Markowitz estão prestes a tornarem-se sócios da firma de advogados e ela confessa-lhe que o ama. Brackman diz a Sifuentes que já não vale a pena ele continuar a tratar da legalização de residência de Estella Escobar pois ela já não é empregada em casa dele... Kelsey e Markowitz tentam evitar que uma sociedade cliente da firma seja controlada por um investidor e têm exito. Kuzak, depois de ouvir Grace Van Owen anunciar o casamento com Crenshaw, resiste ao desespero, declara-lhe que a ama e o ramo de flores da noiva acaba lançado ao mar.

AMANHÃ

RTP-1

10.00 - Às Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
17.36 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
18.20 - Os Anos Não Contam
18.50 - O Império de Carson
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Roque Santeiro
21.10 - De Um Natal ao Outro
22.20 - O Programa das Festas
22.55 - 24 Horas
23.30 - Remate
23.40 - Pela Noite Dentro

RTP-2

13.16 - Countdown
14.10 - Agora Escolha
15.40 - O Mundo é Um Palco
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.10 - Os Imigrantes
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Totally Live
19.55 - Hitchcock Apresenta...
20.20 - Os Malucos do Circo
20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Clube de Jornalistas
22.00 - Mancha na Paisagem
23.00 - Troféu

PORTE PAGO

DL

Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 2 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira: 56$00
DEPÓSITO LEGAL: 1428/82

Director A. Ruella Ramos Director adjunto Fernando Piteira Santos

ÚLTIMA HORA

O secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, está a pensar desistir dos seus esforços para negociar um cessar-fogo na guerra Irão-Iraque. Segundo o jornal «New York Times», que cita fontes não identificadas da ONU, Cuellar pode pôr de lado o plano de paz proposto pelo Conselho de Segurança, a menos que o vice-ministro iraniano dos Negócios Estrangeiros, Jawad Larijani, se desloque a Nova Iorque para conversações durante a próxima semana.

Num total de 28 anos de cadeia

Quatro portugueses e um francês condenados no processo dos GAL

O Tribunal Colectivo de Viana do Castelo condenou esta manhã os quatro portugueses e um francês acusados de pertencerem aos GAL, organização terrorista de extrema-direita, responsável por vários atentados contra elementos da ETA, sobretudo no País Basco francês. O juiz-presidente, dr. Henrique Pires da Graça, leu o acórdão que condenou em 8 anos de prisão os réus Rogério Carvalho da Silva e António Cismeiros Ferreira pelo crime de adesão aos GAL e ainda pelo facto de terem sido considerados membros operacionais. Quanto ao francês Jean Labade foi condenado na pena de 4 anos, tendo o juiz adiantado que não seria extraditado pelo facto de ter outros processos pendentes num tribunal de Lisboa. No que se refere aos arguidos, António Macedo, implicado o processo como o elemento que auxiliou ao recrutamento em Portugal para membros da ETA foi condenado em 3 anos e Mário Correira da Cunha em 5 anos. Todos eles beneficiaram de uma amnistia de 1986 de 12 meses de cadeia.

O processo que agora terminou tem outros autos apensos, um de Lisboa por uso e porte de arma proíbida e tentativas de homicídios ocorridas em França em que são réus Rogério Silva e António Cismeiros Ferreira (bem como Paulo Figueiredo Fontes, actualmente detido em Bordéus) e outro de Lagos, apenas contra o francês Labade por falsificação de documentos de identidade.

Quanto ao crime de falsificação de documentos, o colectivo considerou-o não provado pelo que absolveu os reus.

Assaltante de banco ferido a tiro pelos bancários

Um dos cinco indivíduos que esta manhã assaltaram as instalações do Banco Pinto e Sottomayor, em Santa Iria da Azoia, foi atingido a tiro durante o tiroteio travado entre os funcionários bancários e os assaltantes.

O assalto ocorreu pelas dez horas e quarenta minutos e ignora-se até ao fecho do nosso jornal se ele se terá concluído com o roubo de valores ou se frustrou devido à resistência dos empregados do banco.

O assaltante ferido, ainda por identificar e que aparenta 40 anos, foi levado de ambulância pelos bombeiros locais para o Hospital de Santa Maria, mantendo-se sob vigilância de elementos da Guarda Nacional Republicana, enquanto se montava uma operação de certa envergadura, com utilização dos meios disponíveis daquela instituição militar para interceptar os outros quatro assaltantes que fugiram numa viatura automóvel, abandonando no local o companheiro.

Forças da PSP e agentes da Polícia Judiciária estão envolvidos na acção de «caça aos homens» na área a norte da capital onde se julga que ainda se encontrem.

Problemas africanos discutidos em Lisboa

Problemas do desenvolvimento e subdesenvolvimento do continente africano estão desde esta manhã a ser discutidos em Lisboa, por iniciativa do Departamento de Ciências Etnológicas do Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT) e do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE).

O professor Abílio Lima de Carvalho abriu esta manhã o Colóquio Internacional sobre Desenvolvimento e Subdesenvolvimento em África em nome da comissão organizadora (de que também faz parte o prof. Armando Trigo de Abreu), perante um representante do secretário de Estado da Ciência e Tecnologia, que presidiu à sessão.

Os trabalhos decorrerão, até sábado, no Museu de Etnologia, em Lisboa, abertos aos participantes de cerca de três dezenas de países especialistas em assuntos africanos. A sessão de encerramento, no sábado, será presidida pelo secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Durão Barroso.

DETALHES

GEORGE HARRISON voltou a dar que falar, desta vez devido às afirmações que fez numa entrevista publicada no último número da revista do «El Pais», na qual disse que «os políticos são todos uns mentirosos e trapaceiros e só buscam o poder». Manifestando-se a favor dos «Verdes», o ex-Beatle recordou as suas origens operárias afirmando que não sente necessidade de se situar à esquerda ou à direita. «O ideal seria que cada pessoa pudesse votar sobre cada assunto», disse, explicando: «Se quisesse pagar menos impostos votava em Margaret Thatcher, mas logo a seguir Thatcher diz que quer bombas e armas nucleares. Se voto nos Trabalhistas é porque não quero bombas, mas corro o risco de me virem buscar o dinheiro a casa».

VICTOR GONÇALVES, verador do pelouro do Desporto e Turismo da Câmara Municipal de Lisboa, deslocou-se a Paris com a finalidade de participar na Feira de Turismo Mit-Car, certame dirigido, fundamentalmente, aos autocarristas e às excursões de autocarro que tem grande desenvolvimento no mercado francês e em toda a Europa Central. Aproveitando a deslocação a Paris, aquele autarca teve encontros com o Maire adjunto Michel Henri Louis Junot, tendo debatido assuntos relacionados com a cooperação entre as duas cidades no âmbito do turismo.

ANSELMO ANÍBAL, economista, deputado e vereador da Câmara Municipal de Lisboa, e Vítor Costa, advogado e, também, vereador da C.M.L., publicaram: «A Gestão dos Recursos Humanos e os Direitos dos Trabalhadores». A obra terá dois volumes e tem a chancela da editorial «Caminho». Neste 1º volume, os autores «documentam a reflexão-base de que esta disciplina da Gestão das Empresas e Organizações é necessariamente enquadrável na época e no envolvimento socio-ecconómico-cultural, sendo a expressão das forças sociais em presença». No 1º volume está publicado o Índice Geral da obra.

ÁLVARO CUNHAL, secretário-geral do PCP, foi ontem recebido em Praga pelo chefe de Estado checoslovaco, Gustav Husak. No final do encontro, os dois políticos congratularam-se com o acordo sobre mísseis a que acabaram de chegar a URSS e os Estados Unidos. «Trata-se de um passo importante para o fim da corrida armamentista e para o desarmamento», concluiram Husak e Cunhal.

JOSE CARRERAS, tenor espanhol, está a recuperar bem fazendo exercício físico, uma semana após a transplantação da medula a que foi submetido, numa tentativa de o curar da leucemia de que sofre. «Ele está melhor. Não há problemas com a sua recuperação», disse um porta-voz do Fred Hutchinson Cancer Center, onde Carreras se encontra internado. Prevê-se que o tenor permaneça ainda um mês no hospital para fazer testes, o primeiro dos quais se realizará já na segunda-feira.

JOEF BRODSKY, Prémio Nobel da Literatura de 1987, terá uma selecção de poemas seus publicados em Dezembro pela revista soviética «Novy Mir», a publicação oficial dos escritores da União Soviética. Segundo a agência TASS, que divulga a notícia, o escritor é praticamente desconhecido na URSS. Todos os orgãos de Informação do país mantiveram silêncio sobre a concessão do Prémio Nóbel ao escritor, em Outubro. Mas ontem a agência TASS reconheceu indirectamente a notícia, sem especificar que Brodsky emigrou da URSS para os Estados Unidos e que adoptou a nacionalidade norte-americana. A TASS sublinha que a revista «Novy Mir» publicará uma selecção de poemas que Brodsky ofereceu a Vladmir Kostrov, director da revista, durante a sua visita aos EUA.

Internato geral terá menos dois meses a partir de 1988

O internato geral passará a ter a duração de dezanove meses, em vez de vinte e um (sistema em vigor desde 26 de Novembro de 1984), a partir de 1 de Janeiro de 1999, segundo uma portaria do Ministério da Saúde hoje publicada na folha oficial. Em termos de formação e aproveitamento, o encurtamento em dois meses do internato geral não altera a situação, disse uma fonte do Sindicato dos Médicos da Zona Sul ao «DL». O grande problema da classe continua a ser o desemprego — acrescentou o mesmo sindicalista.

Uma portaria do Ministério da Saúde, hoje publicada no «Diário da República», determina que o internato geral passará a ser de dezanove meses, com início em 1 de Janeiro de cada ano e termo em 30 de Julho, através das áreas profissionais estabelecidas há três anos, que são as de cirurgia, medicina, ginecologia-obstetrícia e pediatria.

Durante o primeiro ano do internato geral, os licenciados terão direito (salvo as excepções previstas) a um mês de licença para férias, e só após a finalização do internato, até 31 de Dezembro do segundo ano, gozarão novas férias.

A redução na duração do internato geral não acarreta qualquer prejuízo no nível de formação, diz a portaria do Ministério da Saúde, opinião confirmada ao «DL» pela fonte sindical acima referida. O problema — acrescentou o mesmo dirigente sindical —, por ora, reside no desemprego médico que tem vindo a agrava.

De acordo com o seu raciocínio, o concurso do passado dia 21 deixará mais dois mil médicos sem emprego efectivo, isto embora se saiba que o Ministério os recrutará posteriormente para os Serviços de Urgência e Centros de Saúde, mas sem descontos para a ADSE, sem férias, sem subsídio (nem 13.º mês), nem qualquer vínculo à FP.

A curto prazo, outro problema poderá resultar destas duas situações: o da saída das carreiras, que preocupa cada vez mais os meios sindicais.

Note-se que a duração do internato geral tem oscilado bastante nos últimos tempos: chegou a ser de três anos (durante o serviço à periferia), baixou para 25 meses, depois para 18, subiu, em 26 de Novembro de 1984, para 21 meses e, a partir de Janeiro, situar-se-á nos dezanove meses.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.

N.º 330

Contrabando Original, de José Martins Garcia

Prestes a sair dos prelos da *Vega* está *Contrabando Original,* último romance de José Martins Garcia, que o *LerEscrever* hoje apresenta aos seus leitores. Martins Garcia é conhecido pelos seus *Lugar de Massacre, A Fome, O Medo, Imitação da Morte,* mas, além de romance, é igualmente autor de contos, de teatro e poesia e de uma importante obra ensaísta sobre Nemésio, Mourão-Ferreira e Pessoa, entre outros temas. A *Vega* publicará dele, em breve, um novo ensaio sobre David Mourão-Ferreira *narrador*. Aqui fica um excerto de Contrabando Original:

Introdução bastante verosímil à lenda de José Rafael

Meu pai, José Rafael, gastou um tempão a dar a alma ao Criador. Não que os seus dias neste vale de lágrimas se houvessem prolongado além do normal, mas porque a sua agonia foi um escapa-não-escapa ao longo de umas duas semanas. Contava cinquenta e seis anos e, embora não propriamente robusto, todos lhe tinham fixado o apagamento aí por volta dos setenta.

Existia então uma tabela, adequada às visões e previsões da sabedoria mais ou menos secreta de Monte Brabo, segundo a qual um homem estrábico, de grandes bigodes, de meã estatura e razoável indolência, cumpridor dos preceitos religiosos, portador de fato completo aos domingos e dias santos – sem esquecer o relógio de prata no bolso do colete, nem a gravata às riscas –, não teria acumulado pecadilhos em número suficiente para precocemente falecer. Faleciam cedo os adúlteros, os alcoólicos, os absentistas do ritual, os falhos de memória, os curtidos de ventos marinhos, os possessos e os praticantes da má-língua. Faleciam de velhos os santos. Aos setenta, setenta e pico, faleciam os bondosos sem brasões de heroísmo, os pacatos relógios, a espécie temperada de virtude morna.

Foi a morte de meu pai, José Rafael, a excepção, que não confirmou a tabela das últimas horas; antes veio recordar, um tanto inutilmente, que o homem põe e Deus dispõe – fórmula desprovida, por sua vez, de sentido, pois atribui ao homem a faculdade de pôr (o quê?) e a Deus uma função complementar, incompatível com a Sua omnisciência e a Sua omnipotência. A coerência – a grande ausente de toda a verborreia popular ou erudita – exigiria, sim, que Deus pusesse e o homem aceitasse a postura divina sem mais paráfrases nem paródias. Mas... o busílis é uma acumulação de mas, tão esclarecedora, aliás, como a noite de onde somos todos oriundos.

A morte de um homem de cinquenta e seis anos provoca um ror de gritas bem diversificadas. Os filhos de José Rafael – que eram em número de oito – choraram-no consoante o temperamento de cada qual, desde os fanicos de Mariana até ao pávido silêncio da minha cara regada a lágrimas ininterruptas. A mãe do falecido, minha avó Clementina, chegou arrastada por um tremor de mãos e lábios, os olhos aquosos, animados por uma gula aterradora. Era a geração mais velha no acto de demonstrar que não era assim tão velha, pois o capricho da morte não respeitava a tabela vigente em Monte Brabo. A sogra do falecido, entrevada havia uma dúzia de anos, tartamuda, nonagenária e imprevistamente gritona, readquiriu – sabe-se lá como! – a força de avaliar as circunstâncias e proferiu com limpidez: «José morreu!» E retornou à sua paz de morta-viva, o rosto rejuvenescido pela certeza de estar no seu mundo-cama.

Minha tia Helena, solteirona santa e vidente – e uma espécie de burro de carga do nosso agregado familiar –, talvez fosse a única pessoa de Monte Brabo a não acreditar na tabela etária arreigada na voz do povo. Possuía um rosto ossudo, assexuado, mas os seus olhos eram bons, femininos, estéreis de lágrimas. Soluçava com todo o corpo virgem, sem verter a dor por nenhum orifício. Foi a casa invadida por um bando de abutres de xaile e lenço, de abutres de camisa e chapéu negros, seduzidos pelo odor da morte (na verdade havia semanas que rodopiavam na espreita do moribundo, mas só agora se organizavam em tosca geometria de grita e ranho). Houve quem se desviasse desses focinhos sedentos; houve quem colaborasse no festim negro. Para minha tia Helena, em nada os abutres lhe alteravam o sacudir ritmado. A dignidade ordenava-lhe os lábios cerrados, os olhos enxutos; e, como vestia o habitual e coçado vestido castanho com que se cultura Nossa Senhora do Carmo, distinguia-se dos abutres, escrava duma ordem superior à mascarada dos lutos.

Não sei dizer quanto tempo decorreu entre a expelição da alma de meu pai, José Rafael, e o momento em que o caixão, transportando o que era e já não era José Rafael, atravessou a porta da sala e rumou, através do balcão e escada abaixo, para o invisível. Só depois desse irremediável sinal de afastamento minha tia Helena se lembrou de consolar-me, a mim, o benjamim, o garoto de nove anos, a quem ninguém tivera tempo de dirigir a palavra (e teria valido a pena?) nesses dias de sombras conjugadas.

Ao abrigo duma velha e inocente cumplicidade, a tia Helena era quem me olhava com verdadeiros olhos de gente. As outras pessoas falavam à abóbada celeste ou às profundezas do Inferno, falavam de si mesmas, dos seus instintos (a que nunca chamavam instintos), dos seus pavores, da vingança, do remorso, do pecado, da salvação e da perdição (das colheitas, como das almas). Nesse tempo, Monte Brabo desconhecia o semelhante, contentando-se com amar o próximo só na teoria de algumas rezas mecanicamente mastigadas. Minha tia Helena isentava-se dessa garrulice. Dispunha de outros conhecimentos, caía em contradições condizentes com a santidade, e não com a contradição permanente e quase generalizada de se amar o próximo em ânsias de o esburgar.

Consumados os funerais, o silêncio subsequente não significa meditação, mas simples desorientação. Mortos à cova, vivos ao fogão – era uma das máximas pragmáticas de Monte Brabo (dada a raridade de fogões, naquele tempo e naquele lugar, aquele eruditismo terá desembarcado de algum baú estrangeiro). Escorraçado da sala onde entrevira a essa, escorraçado dos quartos onde os magotes carpiam ou cuspiam risadas à mistura com bolacha de água e sal, escorraçado da cozinha onde remota parentela arriscava previsões sobre o preço do vinho e do milho, eu tinha-me arrastado entre a loja e o cerrado, continuamente admoestado pelos adultos por não ser em nenhum sítio o meu correcto lugar. Por isso foi com algum alívio que vi sentar-se a meu lado, no mais rasteiro lugar do balcão da cozinha, minha tia Helena, maternal e calma como esse dia de Junho. A brisa, de ténue, mal agitava os cumes da velhíssima figueira do curral das galinhas e, ao lado, no mais profundo do cerrado, as bananeiras eram estátuas pensativas. Descaía um sol sem mácula, arrancando fulgores a uma fita de mar.

José Rafael acabava de transpor os umbrais do paraíso. A voz humilde da tia Helena entrara na eternidade. Daí narrava.

Onde se explica que o Purgatório é um contentor de tempo (ao contrário das naves de muita ficção científica)

A alma de meu pai, José Rafael, caiu nos braços do seu anjo-da-guarda, um ser pertencente à espécie alada e incorpórea, tendo Deus atribuído a cada homem um deles. Anjo e homem subiram às portas do Paraíso, onde São Pedro, chaveiro e porta-voz das decisões divinas, já exibia na mão calosa de pescador de peixe e gente a sentença inapelável: o Purgatório.

Os pecados dos humanos, mesmo os chamados veniais, não se apagam inteiramente por obra e graça de confissões e sacramentos. Mal comparado, os pecadilhos deixam na pele da alma marcas parecidas com as rodas ferradas de um carro de boi. Se a alma é frágil como a lama dos caminhos, ou inconstante como a bagacina, a sua pele cobre-se de relhas profundas como as deixadas na lama, ou de vastas e confusas teias como as entrelaçadas num caminho poeirento. José Rafael confessara-se e comungara diariamente durante a agonia de duas semanas, tendo até sido ungido com os santos óleos na véspera de morrer — apesar do protesto solitário, mas veemente, da minha irmã Mariana, a qual, arrepelando os cabelos e as cordas da garganta, insultava os preparadores desse aparato de morte. Apressados, como sempre em tais casos, padre, de sobrepeliz, e sacristão, de opa vermelha, latinando e tilintando, assistiam àquela alma a contas com o escapa-não-escapa que era a inocente aposta da voz do povo.

A porta do Purgatório, o anjo-da-guarda despediu-se de José Rafael com duas palmadinhas encorajantes no ombro da alma. O anjo-da-guarda tomou lugar entre os seus comparsas — outros tantos anjos quantas as almas em suplício —, pousando num trono azul-celeste e indagando dos calendários dos tutelados. A porta do Purgatório separa os essencialmente puros, os anjos, dos virtualmente puros, almas purgando-se. Lá dentro, no chamejar da purificação, a alma de José Rafael começou a contorcer-se e a prantear-se. Cá fora, o seu anjo-da-guarda rejubilava: o seu tutelado cumpria uma pena de apenas dois mil anos, uma pena menor, um nada por confronto com a eternidade.

O fogo do Purgatório seria igual ao do Inferno, se não tivesse sido condimentado com a palavra *esperança*. Embora esta palavra não se possa combinar com as terríveis chamas, por não existir almofariz capaz de amalgamar um fenómeno todo físico e um signo linguístico, as almas condenadas à estadia purgatória sentem o sentido do sofrimento — ao passo que as almas condenadas às labaredas eternas sentem, para além dos atrozes suplícios, o não sentido do seu arder. Deus é o director supremo do Purgatório. No Inferno, como se sabe, o Diabo é o senhor absoluto. Como Deus sabe extrair o Bem até mesmo do Mal (Deus não pode praticar o Mal; o Diabo não pode praticar o Bem), Deus extraiu ao Diabo um arsenal de tortura e pô-lo ao serviço do Bem, isto é, da purificação e da consequente salvação.

Começou então José Rafael a sofrer tormentos muito mais cruéis que os deste vale de lágrimas. Nos primeiros dias, estorricado e chorando lágrimas de fogo, que mais feroz tornavam o fogo purgativo, quase se esquecia da palavra esperança. Toda a pilosidade do seu magro corpo se consumira muito mais rapidamente que o tempo dado à chamuscagem de um porco. A pele da sua alma em nada se parecia com aquela promessa de toucinho que é a pele do porco depois de limpa à raspadeira e copiosamente baldeada. Enegrecera em coisa de segundos. Fedia a morcela esquecida na frigideira, sobre lume brabo. De todos os poros esguichava uns restos de sangue incendiado. Empequenecia. Era um resíduo nadando em fogo espesso. Tinha por companheiros de infortúnio uns dejectos retorcidos, larvas de carvão ardente, minhocas carbonizadas estorcendo-se, gemendo, gritando coisas incompreensíveis. Os ruídos tornavam-se de quando em quando ensurdecedores. Eram mais condenados debatendo-se com o choque brutal do igneo baptismo. Quis tapar com as mãos da alma as orelhas da alma. Já não dispunha de mãos, mas apenas de duas extremidades compostas de reduzidos dedos soldados uns nos outros. Também não enxergava os pés, perfeitamente inúteis, aliás, naquele flutuar no fogo. Era um tubo incendiado, carbonizado e sempre incenciado. E assim durante dois mil anos.

Como se destinava, em última análise, ao Paraíso, não lhe ocorria revoltar-se. Revoltados são os danados eternos, cuja revolta enfurece e delicia o incontável bando dos demónios. Não tinha sido um santo. Fraco pecador, estava em vias de purificação. Não punha em causa a misericórdia nem a justiça divina. Vivia na carne da alma a lição da pequenez e da imperfeição humanas. Gostaria de arrepender-se milhões de vezes dos pecados cometidos no mundo dos vivos. Mas nem com o seu anjo-da-guarda lhe era permitido desabafar. O anjo-da-guarda sentara-se no trono da pureza, por dois mil anos, na antecâmara excelsa do horror e do suplício. José Rafael pecara. Sem jamais ter faltado à missa, à desobriga, ao culto, ao sustento dos ministros do altar; sem jamais se ter desviado do cumprimento das leis procriadoras, deixando vir os filhos segundo os desígnios do Senhor. Não era maledicente, não roubava, não adulterava, não mentia. Às escondidas, porém, tomava o seu copito de vinho branco. E, quando o cunhado *calafona*, o Luís, visitara Monte Brabo, três anos antes daquele Junho fatal, teimava em usar toda a semana o fato de ver-a-Deus, não descolando do anafado *amarkiano* senão quando este dormia ou se aliviava na retrete. Deus vê tudo: tanta assiduidade traduzia a mira dos dólares, visava impedir que uma hipotética generosidade do cunhado viesse a beneficiar a gula de outros familiares. Deus não aprecia este tipo de guarda-costas. Fraquezas humanas, é certo. Uns pecadilhos justamente merecedores de dois milénios de fogueira.

José Martins Garcia

Nesta edição

«Ler o mar», o prefácio de José Cardoso Pires para «Os Pescadores» de Raul Brandão Págs. 4 e 5

Manuel Simões, Canto Mediterrâneo, Peregrinação, Lisboa, 1987

É preciso talvez dizer alguma coisa de quem se trata, o autor, da obra poética que até este *Canto* ele tem publicada. Não será imprescindível, mas ajuda a entender este livro e justifica-nos em parte o preço (e também as reservas) que este livro nos possa suscitar.

De parte algumas públicações mais ou menos avulsas em jornais ou revistas, Manuel Simões — consta do presente livro — aparece na cena da poesia portuguesa em 1971 com uma breve colectânea de poemas titulada *Crónica Breve*. Como o próprio título parece sugerir, o tema do tempo é aí liminar opção — mas não menos o do espaço. por outras palavras, trata-se do País antes do 25 de Abril e da contracção que então lhe caracterizava a situação e o estado, metonimizada (a contrafacção, uma visão disso) de preferência no sul, na sua realidade solar mas também e principalmente social, económica (latifúndio, assalariados, Alentejo, amplos e ao mesmo tempo estreitos, apertados horizontes). Visíveis os ascendentes neo-realistas, ou, se preferirmos, somente realistas, no sentido dum vasto e fundo interesse pelo real. Mas visíveis, também, preocupações construtivistas, se quisermos, formais, ou mesmo formalistas, à volta do poema enquanto labor textual e discursivo de linguagem. Aqui, Manuel Simões aproxima-se muito do espírito rigorista de alguma poesia mais típica dos anos sessenta, e nem tanto a processada e partir de *poesia 61*, talvez mais outra, inicialmente sem patentes preocupações de ordem interventiva, no plano público, social. A dada altura, porém, fins de 60, princípios de 70, estes dois sectores vêm a convergir, há um posicionamento com muito de comum, esboça-se uma espécie de síntese parcial no movimento global da produção.

A poesia de Manuel Simões tende a inserir-se nesta vasta síntese, e um livro como *Crónica Breve*, podemos vê-lo aí situado.

Cinco anos, em 1976, esta perspectiva não tinha de sofrer grandes alterações, e o segundo livro, *Crónica Segunda*, é ainda aí que parece situar-se. O livro reúne os poemas do primeiro livro e uma sequência de inéditos. Ressaltam aspectos já caracterizadores da poesia de Manuel Simões em 1971: preocupações na ordem do social, a preponderância cultural, meridional, rural, da visão do mundo, do país, do tempo, da história, da existência colectiva, comunitária. Ressaltam também e ainda um quase minucioso construtivismo, um apurado sentido da depuração, do essencial, como objectividade com a qual a linguagem se confronta, que o trabalho verbal obstinadamente persegue, com o real como fundo. Nesta altura, meados, segunda metade de setenta, tudo isto parece excelente. Hoje talvez não tanto,

Vamos ver.

Canto Maditerrâneo é, desde logo, um terceiro livro que aparece nada menos de onze anos depois do segundo, o que propõe a ideia de que não houve, da parte do autor, grande pressa na divulgação do seu trabalho. Não há nisto nenhuma especia originalidade, nem constitui, só por si, garantia de qualidade ou factor de valorização. E pode ter a ver somente com a arbitrariedade que caracteriza as condições de vida editorial portuguesa hoje em dia. Apreciaríamos a ideia de que houve uma prova do tempo no âmbito oficinal, uma maturação demorada da escrita por deliberação pessoal do autor.

E impressão com que se fica logo a uma primeira leitura, e só confirma a impressão que já se tinha pelo menos desde *Crónica Segunda*.

Significativamente, o primeiro poema titula-se «Ofício de Escrever» e é uma espécie de autopoética. Reteríamos as noções da escrita como *depuração* e de rexto como acumulação *residual* (e do resíduo como «o essencial»), mas expostas sem superior clareza, sequer com grande nitidez. Na sequência que dá título ao livro regressa o imaginário meridional de *Crónica*, agora alternando o referencial português com alguma coisa de Itália e Grécia.

A ideia está numa epígrafe de Orlando Ribeiro, falando dos «planos meridionais» portugueses como «a larga porta de entrada de todas as influências culturais mediterrâneas» e «a trama essencial da geografia e da economia portuguesas». «Canto Mediterrâneo» é logo o título do primeiro poema. E é assim:

1 — *Do sul provinha o canto, o sol / da pátria no seu ângulo violento / grito de pássaro acometido / por deuses desesperados e mortos / espias e delatores contra o íntimo / respirar do povo da colheita.*

2 — *Ei-lo assim exposto à variada / infâmia como árvore erguida // no espaço branco da planura: voo de ave rasante junto à costa // e vertical da raiz se levanta, / o corpo cheio de vozes, antigos / modos de utilizar-lhe a força / e a sombra, sob o vento desolado / e a maré viva do insofrido / canto subindo pelo ar.*

Dos poemas que se seguem, mais dez, quatro prendem-se a pretextos ou motivos italo-gregos e os restantes, a partir de «Siqueiros em Florença» reenviam para um referencial português (ainda que o único da série seja uma reflexão dedicada a Pier Paolo Pasolini).

Terá um interesse especial «O Regresso do Lusíada», datando a sua primeira parte de 1974 (numa velada alusão ao 25 de Abril). cabe também transcrevê-la aqui:

1 — *Carregados de anos de silêncio / e cólera mil vezes reprimida / eis-nos enfim saciados do mar // confinante com as terras do exílio, / golfos, areias desconhecidas, / tanta e mortífera guerra: // morte feroz exercida com o ferro / e fogo da conquista, os barcos / carregados de desastres, a ira // de quem, indefeso, via partir / as árvores, madeiras africanas / privadas das suas aves.*

2 — *Não há rio tão ditoso e recusado / como este rio de lis(as) naves, // memória de navegação por cabos / infinitos e praias desoladas: // as viagens do lusíada sempre em fuga / Mar de palha rasgado no corpo // inquieto de Lisboa, alfeite de nervos / fracturados com seu arsenal de angústia.*

Na segunda secção do livro, «Serenínsula», o predomínio referencial é italiano, de preferência, veneziano, o que terá a ver com a experiência do autor, leitor de português na Universidade de Veneza, pormenor de bastidores que aqui pode ocorrer apenas como curiosidade.

Os interesses temáticos do livro são demasiado óbvios, e a visão do mundo (de preferência: do real, do país, da região) nem se pode dizer que se encontre muito na poesia portuguesa contemporânea, a não ser, como se sabe, em Sophia, em Sena, em Eugénio de Andrade.

E preciso dizer alguma coisa também da metafórica e da imaginística desta poesia. São talvez fortemente impressivas, mas a sua energia semântica não passa totalmente para a conotação, devido talvez a uma sintaxe deficiente ou um tanto ínvia — onde o processo elíptico parece pouco cuidado.

Consequência, porventura, duma opção a favor do realismo e do rigorismo (mais ou menos do que rigor), não representará um prejuízo excessivo nem afectará demasiado o fundamental dos motivos de interesse (predominantemente temáticos) com que o livro se nós propõe.

Luís de Miranda Rocha

A Filosofia explicada às meninas e meninos Miguel Real Ed. Mar Fim

De Miguel Real surge-nos agora «A Filosofia Explicada às Meninas e aos Meninos», um texto belíssimo pela ternura que das suas páginas se desprende. Pela forma como a palavra linearmente se escreve a partir de um singelo e expressivo convite feito a uma menina ou a um menino.

«Olha para o teu pai. Fixa os teus olhos nos seus, fixa-os bem, com força, bastante força. O que viste?», diz o autor no início do livro. E, muito metodicamente, guia o olhar da menina ou do menino para a constatação de uma outra imagem do pai. Nela se detém, de modo a mostrar-lhe que esse é o OUTRO pai.

Que nele existe, embora não seja tão facilmente perceptível. Tão familiar quanto a imagem que ele se habituara a ter do pai.

Temos, portanto, a partir de uma análise do olhar do pai, a descoberta de um EU e de um OUTRO coexistindo na pessoa do pai. A dialogarem entre si, numa alternância em que ora prevalece UM ora OUTRO. E é sobre esse menos familiar OUTRO que o autor se debruça com a menina ou menino. Porquê?

«Este OUTRO olha para a Terra e para o Céu e descobre-se pequenino e ínfimo, de corpo semelhante ao de uma formiga a teus pés — mas maravilhado e encantado, de pensamento capaz de abraçar toda a Terra e todo o Céu. E mais para além da Terra e do Céu: para o espaço que o pensamento não sabe se tem fim.»

E este OUTRO que se interroga e questiona. Pensa, incessantemente, aquilo que o cerca. Por isso, «A este Outro cheio de luz que em ti dorme, chamarás um dia: — Infinita curiosidade; / — Imenso maravilhar-se com tudo o que existe; / — Louco espanto de estar vivo, pensar, saber e mais querer saber; / — Infindável gosto de ler, investigar, procurar, ir ao fundo dos olhos das coisas.»

Este pensar alarga-se ao «Homem», à «Sociedade» ao «Universo». E só quando reconhece o pensamento neste seu indagar do que o cerca, é a menina ou o menino um pequeno filósofo. Porquê? Porque a filosofia «estuda de um modo metódico e rigoroso o PENSAMENTO (...)». Porém, para se ser um filosofozinho, não basta saber isto. Impõe-se a acção do pensamento em torno de si próprio. Do pensamento em expansão pelo «Homem», a «Sociedade», o «Universo». Isto é: o filosofar'

Impressionante a clareza com que o autor leva a filosofia aos pequenos. A forma como, a partir do convite ao olhar para os olhos do pai, lhe ministra o conceito do EU e do OUTRO. Da permuta dialéctica em que emerge a dualidade do HOMEM. Nele, o pensamento como a força motriz de múltiplas questões. E, no exercício dele, a constatação da Filosofia. Do filosofar.

Perfeitamente enquadrados no texto estão os desenhos de Cristina Q. Todos eles marcados pelo seu lento e esclarecedor caminhar. Por isso, lá temos o F presente no primeiro desenho, o I no segundo e o A no último. Numa sequência que apetece fotografar e unir num belo diapositivo a apresentar àqueles meninos que aprendem a reconhecer a filosofia.

Para quem leu de Miguel Real «Cartas de Sócrates a Alcibíades. seu Vergonhoso Amante» e «A Filosofia Explicada às Meninas e aos Meninos», fica a expectativa de futuros livros. E que nos falta o seu talentoso reflectir sobre o «Coração da Filosofia», a colecção em que a editora Mar Fim inclui os seus livros.

Ana Paula Portugal

Do ventre da terra — revelação de um poeta

NÃO é muito frequente que um jovem poeta encontre uma editora disposta a lançar o seu primeiro livro. Menos frequente será que o lançamento público do mesmo tenha lugar em Coimbra, em plena Universidade Velha; com a presença tutelar de Manuel da Fonseca e apresentação a cargo de um professor de Teoria da Literatura, Seabra Pereira, da Faculdade de Letras de Coimbra. Se se acrescentar a este cenário (geograficamente, o claustro da Faculdade de Direito) a presença de mais de uma centena de pessoas que quiseram honrar o acto com a sua presença, então o acontecimento tocará a heresia.

António Vilhena, o jovem autor, é evidentemente uma figura popular de Coimbra e, em, especial, nos meios académicos. Dirigente da centenária A.A.C., animador cultural, colaborador da imprensa escrita e de, pelo menos, uma rádio livre, é natural que o seu livro suscitasse curiosidade. Que ninguém pense, no entanto, que nos encontramos perante um capricho de um jovem activista que decidiu experimentar, também, a poesia. Trata-se de um autêntico livro de poemas sobre o qual passo a alinhavar algumas considerações.

É um livro muito breve (apenas 19 poemas), composto por textos também geralmente breves, mas densos e de grande rigor formal. A aparente (ou autêntica) impressão de exiguidade dever-se-á assim à vigilância do autor relativamente à sua escrita: é a própria facilidade de construção imagística que impõe ao poeta o distanciamento, a continência verbal de que falava, segundo creio recordar-me, o professor Seabra Pereira, na sua apresentação do livro.

Deparamos, pois,com uma espécie de equilíbrio entre a tendência natural para o delírio criativo e o rigor organizativo que o poeta opõe ao caos inicial.

Apesar de ser um primeiro livro, a obra apresenta-se com uma unidade temática e uma variedade formal assinaláveis, revelando um poeta já na plena posse de amplos recursos expressivos. O livro parece-me divisível em duas partes (não nitidamente) distintas (a primeira predominantemente autobiográfica; a segunda preponderantemente heterobiográfica), com ponte estabelecida no poema «A Minha Avó Dele». Como pano de fundo temático global sente-se o pulsar constante da terra alentejana, inclusive nos escassos textos em que o fundo geográfico não é o Alentejo. E o que acontece no poema «Coimbra, Adeus e Noite», onde julgo escutar a saudade dos campos de searas na observação da paisagem noturna coimbrã:

A noite é mel de estrelas
E sonho é incenso
No mar dos teus olhos
Eu digo o mar imenso

As marcas de maturidade poética nesta escrita jovem são inúmeras, mas gostaria de salientar o vigor plástico dos textos quer no aspecto fónico quer no que respeita à estrutura gráfica. Atente-se, por exemplo, no poema «Alentejo» (que utiliza a linguagem geralmente denominada de poema em prosa), onde a ausência do verso propriamente dito e a consequente preponderância de um sopro melódico extensivo parecem criar o ritmo adequado para cantar a planície. Contraponha-se-lhe o poema «Réplica», observando a disposição gráfica do mesmo:

A lança
Traz
Sempre
Na ponta
O preço
Para
Quem
Contra
Ela
Avança.

Convencido como estou de que António Vilhena nos vai dar muitos motivos futuros para escrever sobre ele, dispenso-me de alargar por agora este comentário. Gostaria, ainda assim, de deixar algumas pistas para outras linhas de leitura.

Apeteceria, por exemplo, falar, a propósito desta poesia, de um «regresso ao real» se não tivéssemos aprendido em António Ramos Rosa que toda a poesia é, de alguma maneira, uma interpretação/interrogação do real, com os seus pontos e as suas sombras. Não nos encontramos, evidentemente, perante nenhuma tentativa de imitação da realidade, mas é indiscutível a atracção do poeta pela fixação de metáforas com uma aparente sólida base material. Isto mesmo nos é desde logo sugerido pelo título do livro, *Do Ventre da Terra*, e podia ser comprovada por vários exemplos.

Mereceria também atenção mais detalhada a exploração que Vilhena faz da língua como matéria fónica, com especial destaque para as aliterações e onomatopeias sugestivas e de bom gosto.

Trago o gesto de quem chama
O canto que ainda tarda
E vem do ventre da terra.

Queria, por último, fazer referência à problemática humana de *Do Ventre da Terra*.

Não é por acaso que o poeta dedica o seu livro a Manuel da Fonseca: o legado humano-literário do autor de *Cerromaior* está presente no prétexto do livro, fundido com outros legados e outras tradições de escrita.

António Apolinário Lourenço

Arte e Tecnologia de Ponta (5)

Desmaterialização e robótica: limites remotos da criação poética?

O uso da tecnologia avançada na criação poética não é uma questão de moda nem é um bom negócio. A pesquisa impõe determinadas exigências morais de investimento criativo e as profundas questões psicológicas e sociais que estão envolvidas no uso das tecnologias, quando aplicadas às ciências humanas, não permitem veleidades afastando tanto os vendilhões da arte como os festivos carreiristas do espectáculo.

De facto, é longe dos grupos de pressão do mundo das artes e das letras que a reflexão mais avançada hoje se realiza no seio de laboratórios, onde não mais campeiam nem a emulação estéril nem a estafada dicotomia entre os tecnólogos e os humanistas. As duas culturas que CP Snow estigmatizou no famoso ensaio de 1959, cada vez mais encontram pontos de contacto, perante a permência dos problemas últimos que o homem coloca a si próprio e perante a necessária sobrevivência no próximo século. A interdisciplinaridade é assim a mais séria forma de encarar as relações necessárias para se poder antever as condições de tal sobrevivência. Não uma interdisciplinaridade superficial, de meras relações oportunas ou pontuais entre os ramos do saber ou formas de criatividade, mas sim, a realização de descobertas que nos mostrem que, na sua mais profunda estrutura, o homem é um só biológica e socialmente e, como tal, deve permanecer.

Quando, no final dos anos 50, se iniciou a aventura das poesias ditas experimentais, sabia-se que algo iria mudar. Hoje, quase 30 anos depois, sabemos que algo começa a mudar e que vivemos num mundo já em transformação acelerada.

Mas, se o mundo se transforma, devemos perguntar porque se transforma, como se transforma e em que se transforma.

Logo notamos que o mundo se transforma porque se altera a percepção que temos dele. E a nossa percepção altera-se porque a nossa própria actividade em cada momento faz o mundo transformar-se.

A capacidade de intervenção sobre a realidade é o que, desde o Renascimento e cada vez mais eficaz e agudamente, vem caracterizando o homem moderno. Na segunda metade do século XX tal capacidade de intervenção acelerou-se drasticamente através dos meios de comunicação cibernetizados. A acção humana, que até ao fim da guerra de 39-45 era exercida essencialmente através de meios mecânicos, foi-se desprendendo desses meios, desmaterializando-se, e, através da electrónica tornando-se energética e conceptual.

Tal desmaterialização dos meios de acção leva-nos, em primeiro lugar, a modificar o próprio conceito de realidade herdado da cultura helénica. É que, a percepção que temos do mundo é agora elaborada através de informações, elas próprias desmaterializadas e referindo-se a estímulos que resultam da nossa própria acção através dos meios cibernéticos, electrónicos e informáticos. Estabelece-se então um ciclo de transformação do real, de que nós próprios comandamos a evolução, já que é a nossa intervenção desmaterializada que modifica a realidade, de que teremos uma nova percepção. Mas, o que é essa desmaterialização da acção, agora apenas iniciada e como se manifesta ela?

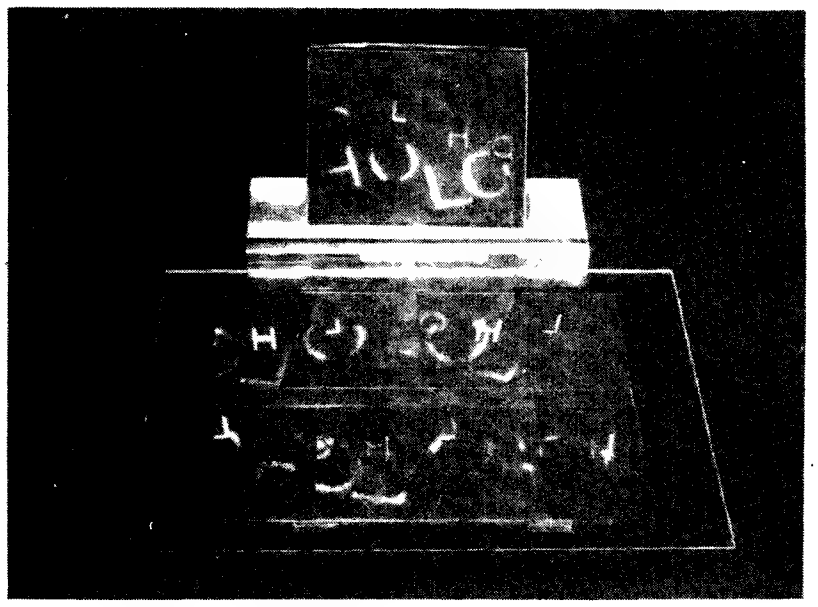
Desde a invenção da transmissão de sinais sonoros à distância (telégrafo e posteriormente rádio) que a capacidade de informar e receber informações nos transformou a concepção física das distâncias. O espaço somático e o espaço visual interiorizaram-se, por isso, através do sentido do ouvido. Antes, para transmitir à distância uma informação, era necessário o deslocamento físico do corpo de alguém (o mensageiro) ou então estávamos limitados pelo horizonte visual, na transmissão de sinais luminosos, de fumo ou por meio de bandeiras. Só os sinais sonoros poderiam ultrapassar esse limite visual, justamente por o ouvido ser capaz de captar sinais codificados de energia ondulatória (o som), embora também se pudesse falar em limites e horizontes sonoros. A rádio, transformando a energia sonora em energia electromagnética, ampliou violentamente a capacidade de acção à distância e em velocidade de transmissão. Não mais a velocidade do som, mas a velocidade da luz! A transmissão física da energia sonora através do ar, desmaterializou-se ao ser transformada em energia electromagnética, obtendo-se assim uma maior capacidade de acção sobre o mundo e sobre a nossa percepção.

Seguir-se-ia o sentido da vista, cuja desmaterialização se realiza através da televisão. A transmissão e recepção de imagens visuais pela energia electromagnética é, no entanto, mais complexa nos seus efeitos. É óbvio que os limites dos horizontes visuais são ultrapassados nas transmissões de imagens pelas cadeias de TV, mas a percepção do receptor (homem) é confrontada com imagens visuais simultâneas de duas naturezas: as imagens no seu horizonte visual «natural» (por exemplo a sua própria casa) e as imagens transmitidas electronicamente e regeneradas no ecrã do seu aparelho de televisão. Esses dois tipos de imagens são diferentes em qualidades estéticas e perceptivas, como por exemplo a escala, a cor, o tempo e o movimento. Essas diferenças são em si próprias transformadoras da percepção da realidade, para o espectador da televisão. É o simultaneísmo das imagens; é o contraste entre a cor «real» e a cor gerada electronicamente; é a dessincronização espaço-temporal dos movimentos; é a aceleração ou o retardamento das imagens.

A alteração qualitativa da cor, a modificação do tempo, as imagens múltiplas, o relativismo do espaço, são agora os elementos duma nova gramática da percepção que, uma vez adquirida, transforma o mundo «real» de que nos apercebemos e em que vivemos.

Mas a desmaterialização dos meios de acção e percepção vai ainda mais longe com a informática.

O pensamento humano sempre precisou de apoios físicos para se materializar; a deslocação física do corpo propicia o desenrolar discursivo do pensamento. Platão e Aristóteles sabiam-no bem, praticando na escola peripatética. A invenção da escrita não é só um meio de fixar informações. Escrever é o apoio físico necessário ao desenvolvimento do pensamento criativo, quer científico quer literário ou especulativo. A escrita propicia mesmo o aparecimento de novas formas de pensamento e de específicas construções estéticas, ditas literárias. Escrever é muito mais do que codificar. Mas a natureza física da escrita tem limitações temporais e espaciais: o tempo de escrita e de leitura, as dimensões planas da página em branco.



Eduardo Kac: **Holopoema** (Holo/Olho, 1 983, 18x24, fotografia)

Como propiciadora do desenrolar dos pensamentos, quer do escrevente quer do leitor, a escrita é, no entanto, um agente físico de desmaterialização, de que o livro é um suporte.

A criação da chamada «inteligência artificial» com a informática e as suas posteriores aplicações na robótica, ao realizar determinadas operações de pensamento por meios electrónicos, vem libertar essas mesmas operações do acto físico e temporal da escrita realizada pela mão do homem. Ao mesmo tempo a escrita liberta-se do suporte papel, mas continua sob o controlo da inteligência do homem, através de mais perfeitos meios e suportes.

Tais operações de pensamento podem agora ser executados aceleradamente e, só esse facto, nos modifica a capacidade de agir através da nossa própria actividade intelectual e, simultaneamente, para além dela. É que os computadores permitem-nos realizar com precisão operações de tipo aritmético, de lógica combinatória, de tipo aleatório ou de algoritmos conceptuais para os quais o nosso cérebro não está especialmente dotado. Libertos dessas tarefas penosas, poderemos entregar-nos às tarefas intelectuais propriamente humanas da criatividade e da especulação. E o trabalho do homem pensante desloca-se ainda mais no sentido do mental ao reservar para si próprio as tarefas de programação, de controlo e crítica dos resultados obtidos. Criar, controlar e criticar são actos mentais típicos do homem liberto das funções repetitivas e programáveis. A desmaterialização da própria função de pensar leva-nos assim a novas transformações da forma humana de pensar o mundo.

Investigar como todas estas desmaterializações, agindo sobre o aparelho sensível e perceptivo do homem, transformam a sua própria concepção do real, essa é verdadeiramente, a função poética. Função que se objectiva agora, contraditoriamente, através de meios desmaterializantes, na procura de novas gramáticas do sentir. De facto, desde a modificação radical do sentido e da função da imagem poética, operada pelos grandes poetas do século XX (Fernando Pessoa, Ezra Pound, Maiakovski, entre outros) e, desde a introdução do espaço visual como componente da iconização poética, a aventura da pesquisa não cessou de tornar-se mais complexa.

Primeiro, foi o desenrolar dos suportes: a angustiante página em branco de Mallarmé transformando-se em espaço de cristalizações bidimensionais. Depois, foram as poéticas do objecto, procurando as três dimensões e a transformação física das formas, configurando uma poesia cinética. As séries sonoras propõem a poesia fonética, ampliando a voz humana e modificando-a electronicamente.

As sínteses verbi-vocovisuais, antevistas por James Joyce, entram no horizonte do possível poético, com o uso da tecnologia vídeo. O carácter semiótico dos materiais de comunicação tece de impossibilidades, possíveis, a própria desmatéria das palavras, de que sempre se faz a poesia. Então, ensaiam-se essas mesmas palavras em todos os seus níveis de resistência: o material, o ideológico, o sintético, o imaginário, o social, o sensível. Mudam-se os suportes e as dimensões tornam-se polivalentes, os significados são variáveis e múltiplos. As palavras desmaterializam-se polissemicamente. Onde está o discurso?

É precisamente aqui que surge a mais radical das desmaterializações: a holopoesia que transgride as fronteiras físicas dos objectos tridimensionais, tornando possível que o mesmo espaço seja ocupado simultaneamente por dois objectos, por duas ou, várias letras ou palavras. A desmaterialização agora operada é, de facto, uma transgressão das leis físicas do mundo real e, assim, lança a nossa percepção em espaços de dimensões inesperadas, abrindo-nos à pura virtualidade da matéria como energia. Uma nova iconização sequencial se torna possível, em que a metonímia se torna espacial e em que o tempo adquire características visuais, sendo a visualidade um elemento determinante do novo tempo de percepção.

Simultaneamente, uma diferente concepção do trabalho físico é introduzida pela robótica. Para a realização desse novo trabalho físico, dois modelos se podem conceber: ou os robots comandados pela informática duplicam (copiando-o) o modelo do trabalho humano, ou os robots realizam funções segundo os modelos específicos das suas próprias entidades, definindo as suas rotinas e condições de trabalho, diferentemente em relação aos homens.

Em ambos os casos, do ponto de vista humano, que é o que nos interessa, a robotização de tarefas físicas equivale a uma desmaterialização do trabalho, que agora será realizado pelos robots sem riscos, nem esforço, nem cansaço.

O trabalho do homem será cada vez mais o da criatividade, ou seja, um trabalho poético.

No momento actual, em que já existem em todo o mundo alguns milhares de robots, cumprindo eficaz e ininterruptamente funções especiais na indústria, na medicina, na agricultura e até na investigação científica, as questões que se levantam são muitas e complexas. Mas, de todas elas, destaca-se a de saber até onde *pode* ser levado o trabalho robótico e até onde *deve* ser desenvolvido. Esse *pode* e esse *deve* não serão entendidos como contraditórios, do ponto de vista humano. Em termos de inteligência artificial sabemos que as máquinas executam melhor que nós próprios certas funções de cálculo, enquanto o pensamento humano está mais dotado para funções inventivas, abstractizantes e críticas. Com o trabalho robótico verifica-se algo de semelhante, uma vez que os robots poderão executar melhor do que nós tarefas em meios adversos, como o fundo dos oceanos, ou o espaço sideral, ou em condições extremas de temperatura etc. Mas não está longe o tempo em que os robots serão capazes de definir, por si só, as suas próprias tarefas e o modo como as realizarão, indèpendentemente da inventividade humana e da crítica dos homens.

Que novo tipo de criatividade, que nova forma de poesia, poderão os robots oferecer-nos então, tomando como modelos a alterar e transgredir a nossa triste página em branco, a nossa primitiva poesia objectual, a nossa rudimentar poesia cinética, a nossa semiótica marcada indelevelmente pelo sentimento?

Após um longo caminho de extensão cibernética, de desmaterialização dos meios de comunicação, de transformações da percepção, de revoluções conceptuais, encontramo-nos agora face a face com o *outro*, que embora feito à nossa semelhança, nos é estranhamente diferente, nos limites remotos mas contraditoriamente próximos, dos nossos próprios conceitos humanos. Que fazer então com a nossa entidade desmaterializada e livre?

E.M. de Melo e Castro

Ler o Mar

Por José Cardoso Pires

A ed. *Comunicação acaba de lançar* **Os Pescadores,** de Raul Brandão, com prefácio de José Cardoso Pires. O volume integra-se na edição das obras completas do autor de *Humus*. É esse prefácio de Cardoso Pires que aqui publicamos. O texto, muito belo, situa a importância do texto de Brandão e evoca as recorrências que dele se espalham em outros textos, outros autores.

«Vi hoje, pela primeira vez, Raul Brandão. Existe.»
José Gomes Ferreira em 1923, ano da publicação de Os Pescadores.

Raul Brandão

1

UM dia, há muitos anos, encontrei alguns fantasmas de Brandão perdidos na praia de Mira e reconheci-os imediatamente. Eu tinha passado a noite perto dali, na casa de Febres de Carlos de Oliveira, com constelações de rãs a conversarem ao luar até ao alvorecer; de manhã metemos à Gândara e passámos pinhais esquecidos, dunas, fornos de cal, e de repente vimo-nos diante dum extenso areal com o mar de cinza e um punhado de casas denegridas: «Palheiros de Mira», apontou Carlos de Oliveira.

Construções de madeira, quase lacustres, desertas e nevoentas, pareciam vultos de náufragos a esbracejar na solidão da costa. Exactamente como eu as tinha lido *n'Os Pescadores*, pensei então; a mesma desolação de fim do mundo, a mesma «amplidão embaciada», o mesmo cheiro a salmoura crestada no areal, «restos de peixe por toda a parte e de ceirões velhos que apodrecem». Achávamonos numa página de Raul Brandão, daquelas que nos retêm e ficam.

Os barracões, talhados à enxó e a golpes de salitre, tinham um ar errante, eternamente provisório, talvez porque os homens que os construíram eram criaturas de migração entre campos e o mar, avós ou bisavós dos «gandarezes torvos» que Carlos de Oliveira contou genialmente nos seus romances e na sua poesia.

Ali estava eu num território a duas vozes. Ao meu lado a de alguém que aprendera ao vivo aquelas paragens desde a infância e que as descrevera na Alcateia, na *Casa da Duna* ou em *Finisterra*. Era uma voz extrema, esta, traçada ao gume da faca como a sua escrita ímpar, universal, e falava-me, do homem da Gândara numa metamorfose de marchante obstinado a bater pantanais e povoados. Do outro lado, mais distante, vinha um discorrer luminoso — a prosa de Brandão; essa falava-me do gandarez que largou a pele de cavador para ir lavrar o mar «As vezes», contava-me ele, *n'Os Pescadores*, «a onda vira o barco, envolve os homens e deixa-os sem sentidos. Quando os tiram por mortos para fora do mar metem-nos em sal como sardinhas para lhes apertar os ossos, é grande remédio, dizem. Ano passado houve um que, depois de estar no sal quarenta e oito horas, ainda tornou a si».

Esses e outros rituais de morte e ressurreição tiveram lugar acolá naqueles casebres denegridos espetados no areal. *Palhe*[illegible]*s*, é como lhe chamam. Palheiros d[illegible]ar à semelhança de palheiros do campo: só o nome já diz muito das raízes híbridas daquela gente. Pela costa fora, de Vagos até ao cabo Mondego, encontram-se mais casas assim, mais povoaçoes secretas. Palheiros de Mira, Palheiros da Tocha, Palheiros dos Quiaios. Estão ali para confirmar, e se confirmarem, no que foi escrito *n'Os Pescadores*.

2

Columbano retratou-o com as sombras da morte a errarem-lhe no rosto. António Carneiro desenhou-o a traço aristocrático e os caricaturistas apontaram-no em quatro ou cinco linhas — veneradamente. Aquilino Ribeiro chamou-lhe «um choupo poderoso» e «um estatuário de anjos e monstros [...] um velho lobo marinho que no Inverno passeia pelo Chiado uma bengala de mestre escola e na Primavera uma capa preta herdada do Hamlet» *(Camões, Camilo, Eça e Alguns Mais)*. Na realidade, poucos escritores portugueses foram tão registados em vida e com tanta unanimidade de traços como Raul Brandão. Ele próprio deixou o seu auto-retrato, a princípio com ironia («silhueta de pirata nostálgico, tesourando o chão a passadas sonâmbulas») e depois, nas *Memórias*, com a precisão directa de quem se define para que não fiquem dúvidas: «Este tipo esgotado e seco, já roço, que dorme nas eiras e sonha pelos caminhos, sou eu.»

No entanto, esta figura sistematicamente desenhada no concreto aparecia ao mesmo tempo distanciado por uma transparência de lenda. Sempre. Aquilino, o mesmo Aquilino que o designava como «desbravador de mistérios», mostra-o, depois, sentado à sua mesa de escritor envolvido por invernos sem fim, «os mortos levantavam-se cansados do sono e vinham ter com ele». Guerra Junqueiro, que o prefaciou *n'Os Pobres*, exalta-o como «grande visionário quase desconhecido e genial». Os jovens de então, Rodrigues Miguéis à cabeça, elegem-no «como um deus surpreendente», e é por isso que um deles, José Gomes Ferreira, ao avistá-lo a subir o Chiado no dia 18 de Novembro de 1923, corre a escrever esta coisa simples: «Vi hoje pela primeira vez Raul Brandão. Existe.»

Existia, de facto. Existia ele, enorme e inconformado, nas suas aparições em Lisboa, como, afinal, existiam os palheiros do mar, os marítimos e todos os heróis fantásticos e lancinantes que povoavam os seus livros.

Mas o grande retrato de Brandão, aquele onde o vemos a todos os ângulos e em todas as contradições, deu-o Guilherme de Castilho num livro-chave, exaustivo e inteligente, que tem de estar sempre aberto quando se quer fazer uma leitura verdadeiramente criativa deste autor. Refiro-me, já se sabe, à Vida e Obra de Raul Brandão e percorro-o neste instante com o mesmo deslumbramento com que percorri página a página todo o personagem que ali se conta. Deste capítulo transcrevo-lhe uma citação: «Todo o homem é uma série de fantasmas», e é a voz de Brandão que Guilherme de Castilho nos vai trazer do *Húmus*. Mais adiante outra — desta vez recolhida duma carta a Albino Forjaz de Sampaio, onde fala outra vez, e outra, de fantasmas: «Considero-me um homem em luta com um fantasma. Quando é o fantasma que fala e me arrasta escrevo com dor e grotesco, com piedade pelos humildes [...] A parte que lhe pertence discrimina-se perfeitamente da parte que me pertence e em que me detenho, com alegria, a fixar a paisagem e a luz. Porque eu adoro a luz esplêndida e o outro só gosta de névoas escuras; onde emprego o azul emprega ele o negro, e dá-se muito bem só com uma tinta e dor.»

E pronto. Com estas duas confissões, pode dizer-se, Guilherme de Castilho, começa a proceder ao levantamento do autor que se afirma a duas escritas e a duas cores, «entre o dramático e o contemplativo», as novelas e o teatro, por um lado, e «Os Pescadores» ou «As Ilhas Desconhecidas», por outro. Mas quanto a mim talvez estes dois itinerários paralelos se encontrem no ponto infinito da Morte. A Morte, pois: com luz ou com fantasmas, a morte percorre as duas faces de Raul Brandão, desde a primeira à última linha.

3

Brandão (n'Os Pobres): «Por cada homem que amontoa outro há cem criaturas morrendo de desespero.»

O grande absurdo que ele proclama em todas as novelas e em todo o seu teatro está resumido neste truísmo social. A partir daqui é a marcha de um remorso colectivo que se desenvolve ao longo de centenas e centenas de páginas, de capítulo para capítulo e de livro para livro, e só se vêem passar monstros, e mártires, avejões e prostitutas, vagabundos filósofos, gabirus, gebos distorcidos. Como disse Guerra Junqueiro, Brandão «colecciona dor» em nome dos seus personagens, dor aos gritos (acrescento eu) e dor carregada dum grotesco e dum primitivismo cristão que ele foi buscar aos grandes patriarcas russos: A Dostoievski e a Gogolé evidentemente — e tambám a Puchkine, por que não?

Jacinto do Prado Coelho, em «A Letra e o Leitor» 1969, acentua e com razão que no teatro e na novela brandoniana se interpenetram o problema metafísico e o problema social. Mas de metafísica estavam cheios os saudosistas daquela geração. Pascoaes, acima de todos. Brandão reage-lhes, o seu cristianismo latente transfere-se para uma concepção de anarquismo sentimental que o há-de acompanhar quase até aos últimos dias de vida («Com que simpatia e conhecimento de causa não citava ele Bakunine, Kropotkine e Réclus na Revista de Hoje!», lembra Luciano Stegagno Picchio na História do Teatro Português.)

Digamos então que o anarquismo de Brandão era como que uma leitura radical dos Novíssimos do Homem, em teologia da libertação. Assento nisto, e toda a ficção que ele nos deixou se organiza à minha vista numa via-sacra para a morte, é um calvário de vencidos que se prolonga por trinta anos de escrita, desde «A História Dum Palhaço», 1896, ao drama «O Avejão», publicado em 1926. De «estação» em «estação», como nos Passos de Cristo, o cortejo avança entre a tragédia e a farsa e quem o comanda é o tal fantasma do complexo de culpa social que Raul Brandão tem dentro dele e que lhe guia a mão, conforme confessou na tal carta a Albino Forjaz de Sampaio. O Fantasma como voz justiceira que vem da Morte, por isso é que ele transfigura as verdades e as consagrações burguesas e redime o Gebo, o Doido ou o Gabiru das suas monstruosidades de inconformados, revertendo-os em acusadores da paz oficial. O leproso faz-se puro e a virtude convencional desfaz-se em pústulas repelentes.

Fantasma, Morte e Sonho. Três figuras dominantes do Vale de Josaphat que o escritor elegeu para título dum livro mas que é afinal o território de todos os seus heróis, e das suas entidades abstractas. O impressionante é que as representações do seu ego confessional é uma resultante das simbologias filosóficas do tempo que viveu e da sua geração. Uma delas, o Doido, é admiravelmente estudada por Óscar Lopes em Ler e Depois nas raízes duma filosofia agnóstica e no decadentismo esteticista, «a filosofia, tão em moda nos inícios do nosso século XX, da mentira, vital, da verdade pragmática, dos mitos fecundos, etc.»

Vale a pena abrir este ensaio porque nunca e em tão pouco espaço se desvendou tanto mundo em Raul Brandão. O Doido que o dramaturgo associa à Morte, no próprio título da sua peça mais célebre, relaciona-o certeiramente Óscar Lopes com o Sonho e com a Realidade (política e cultural») do tempo. Ele vem do Junqueiro e de Pascoaes, lembra-nos o ensaista: vem de lé e está associado à Europa saída da guerra pelo grito da história que protesta e pelo estendal de cadáveres e de falsas promessas que nos deixou. No meio desse campo de morte o Doido é um vulto absurdo a gesticular em lucidez.

Morte, sempre morte, a morte pelo absurdo. Quando se fala de Beckett a propósito do teatro de Raul Brandão, a correia transmissora é fatalmente o absurdo e quando se fala do pré-existencialismo das suas novelas a razão impulsionadora é o limite da morte. Morte física e não só porque a morte civil comparece na farsa destes heróis, o seu autor nem sequer a disfarça, na identificação de cada uma das suas peças. Assim declaradamente: Morte de K. Maurício, Morte do Palhaço, O Diálogo dos Mortos, O Doido e a Morte...

Avançando sempre, o fantasma de Brandão, escurece o dia ou incendei «sabbats de cor» onde esbraceja um mundo de medo e de hipocrisia. No meio desse carnaval o escritor define-se (n'As Ilhas Desconhecidas) como «um fragmento de tábua que as ondas levam sem destino, sempre no mesmo negrume, no mesmo movimento perpétuo e inútil...»

4

Mas de repente, vem o dia, o homem dramático cedeu ao homem contemplativo. La o temos, numa velha fotografia de pintor *d'après nature*, sentado ao

Continua na pág. 5

Continuação da pág. 4

cavalete em posé de artista de domingo, a interrogar a natureza. Pintor medíocre, dizem os biógrafos, e Brandão parece consciente disso. Mas ele tem a paixão da cor, nenhum escritor português se explicou tanto por cores como este amador de pintura, amigo de Columbano. As suas paisagens, contadas numa caligrafia viva e instintiva, dão em duas penadas o sol ardente dos areais, o cinzento alcantilado dum rio pedrogoso ou as cem gradações do verde dum pomar.

Quer escrever *Pescadores* como uma imensa tela a tons violentos, com uma agitação frenética no primeiro plano: só pinceladas grossas, tinta atirada num gesto nervoso e a intervenção do próprio dedo para dar o movimento frenético enquanto a tela fresca escorre». E consegue. E de que maneira. *Os pescadores* aparece como um deslumbramento de luz e de rigor, cada capítulo é uma água-marinha de ambiente inconfundível; a cor e as transparências aliam-se no impressionismo desta escrita deslumbramente.

Brandão veio, pois, pela costa abaixa de paleta na mão (de caderno na mão, quero eu dizer) como quem segue as pegadas dos grandes mestres que retrataram o litoral. Começou na ponta norte, na praia da Afurada, onde reconheceu a paisagem do genial Pousão. Logo a seguir o cenário de «Esperando os Barcos», de Marques de Oliveira. Na Ria de Aveiro demora-se: «Ao longe as árvores violetas nascem da água, o horizonte ainda mais cinzento teima em fixar-se, mas as espumas azuis já estremecem em reflexos verdes.

E segue. Nesta imprecisão de tons há bois a pastar na água e barcos que atravessam campos de girassóis. «O que eu queria dar só o podem fazer os pintores», insiste ele um pouco adiante. Na Figueira da Foz é como se esteja perante uma tela de António Carneiro, mais abaixo encontra a pincelada inconfundível de João Vaz, paisagista do Tejo e do Sado. O grande fresco do país do mar vai-se compondo página a página d'*Os Pescadores*.

Mas, atenção, quando as cores secam e nos habituamos ao espanto solar e ao denso azul das águas apercebemo-nos duma sombra branca que transparece da paisagem. Reconhecemo-la: é a morte. Agora já não aparece num fantasma nem se contorce em projecções metafísicas ou em monstruosidades grotescas como no teatro e nas novelas. Agora paira em claridade, é um aviso, uma ameaça luminosa no horizonte do mar. Sentimo-la cada vez que um barco se joga às ondas e por trás da miséria dos pescadores.

Sim, a morte tem o brilho da ausência. Neste segundo lado de Raul Brandão ela não se mostra em tragédia, anuncia-se por sinais. A imagem dos ilhós, esses ciganos do mar, os cães enlouquecidos, o lenço da noiva à proa do barco como um passaporte de fidelidade para a morte, o Baleal olhado como uma ossada da velha Atlântida — todas estas e outras referências falam da desgraça e da morte e trazem à voluptuosidade do descritivo um terrível travo a tragédia.

5

A obsessão da cor. Em 1923, a páginas 35 de *Os Pescadores*, Raul Brandão descobre, encantado: «Já sei, o mundo é azul.

Meio século depois os cosmonautas iriam dar-lhe razão.

6

Os Pescadores foi escrito à sombra dum morto tutelar, um vulto longínquo a vogar à deriva num lugre destroçado pelos temporais. «Meu avô, morto no mar», confirma a lápide da dedicatória que abre o livro. Raul Brandão nunca conheceu esse marinheiro errante, sabe-o apenas pela presença duma avó-viúva sentada a envelhecer de frente para a entrada da barra do Douro. À volta dela circula a infância do escritor, povoada de naufrágios, capitães de longo curso, corsários santificados e viúvas do mar. Há uma lanterna de bordo a iluminar o patamar da entrada da casa e uma corda de navio a servir de corrimão na escada que conduz à avó.

Naquele tempo a vila da Foz do Douro era um inventário de lutos, lendas marítimas e ex-votos pintados por calafates. Raul Brandão nasceu aí, neto e filho de pescadores, embalado por sagas de veleiros perdidos e iras de tempestades. «Como escrevo?», dirá ele um dia. «Ouço-me, escuto os mortos que andam em mim».

Entre o percurso da sua vida, que começa lá no alto à beira do oceano e que acaba em Lisboa numa casa da Lapa, há uma quinta de Guimarães onde ele escreve e se preenche modestamente como «pintor das horas perdidas», na designação de Pascoaes. Mas apesar desse refúgio campestre, Brandão nunca foi um intelectual de formação rural, não estudou no seminário nem em Coimbra Universidade dos Lavradores, e a sua escrita aparece por isso muito liberta das sintaxes e do gosto imagético de raiz camponesa que dominaram a nossa literatura. Não totalmente liberta, claro: a carga das seduções provincianas sobrepesou na nossa novelística até aos anos cinquenta deste século, mesmo quando ela descia à cidade e pretendia enfrentar uma realidade alheia à *pax ruris*, como aconteceu com Torga e com Aquilino. Mesmo nos melhores tempos (neo-realistas) dos chamados «Novos Prosadores» (de Coimbra), com excepção de Carlos de Oliveira.

Jose Cardoso Pires (à esquerda Mário Dionísio)

E na ficção, e só na ficção, que a prosa portuguesa acusa um conservantismo formal de raiz agrária a que se opôs um Eça, por exemplo, com a resposta or excesso do cosmopolitismo, e de que se libertaram depois pelo caminho Almada, os surrealistas de Lisboa e poucos mais. Raul Brandão é, naturalmente e sem esforço, um homem de escrita citadina ao nível da cultura urbana da sua época, e essa é uma das razões do acolhimento entusiástico que lhe manifestavam os jovens de então e do interesse que ele suscita nos escritores de hoje.

E também aí que *Os Pescadores* se apresentam como uma peça acabada do discurso sem ornatos nem folclore. Essa voz veio do lado marítimo de Brandão, daquele que lhe era mais natural e que o acompanharia pela obra fora desde algumas narrativas do seu pouco feliz livro de estreia, 1890, até às colaborações para o *Guia de Portugal* que escreveu pouco antes de morrer.

Talvez o gosto despojado deste livro tenha também a ver com a estrutura de *reportagem* que o enforma. Oficialmente, parece que começou a ser escrito depois duma visita a Palheiros de Mira na companhia do jornalista Mário Casimiro, 1920, e que se prolongou pelo *Guia de Portugal*. Mas há uma referência de Aquilino Ribeiro que o situa antes, dezassete anos antes, nos inquéritos sobre os pescadores que Brandão publicou no jornal *O Dia*, de que foi redactor-principal. E aí está, o sabor directo da escrita nasce como uma determinante da comunicação. Seja como for, é a partir da publicação de *Os Pescadores* que Aquilino, com o seu instinto poderoso, passa a usar a expressão «impressionismo atlântico» como um *copyright* de Raul Brandão, um quase sentimento natural «que ele bebeu com o leite» (sic) na infância na Foz do Douro.

Mas nem Aquilino nem Guilherme de Castilho nem Jacinto do Prado Coelho ou outro comentador da obra brandoniana levantou qualquer ponta de pós-romantismo do discurso comovido de um português frente ao mar que é, afinal, *Os Pescadores*. E no entanto esse é um dos traços que lhe vejo com maior nitidez e que vou encontrar quase meio século depois noutro livro do mar, *A Barca dos Sete Lemes*, de Alves Redol.

Essa herança vem, sem dúvida, de Garrett das *Viagens na Minha Terra*. Muito menos enlevado no folclore e nos casticismos de linguagem, Raul Brandão insinua a narração o mesmo relacionamento «coloquial» com o leitor, que é típico dos românticos socialmente empenhados e que se prolongará até aos nossos dias não só em Redol e em alguns autores do primeiro neo-realismo como nas crónicas e na poesia de José Gomes Ferreira. «Reparem: desmaia a tinta azul e oiro da Outra Banda», diz o narrador de *Os Pescadores* chamando o leitor e envolvendo-o na paisagem. «Andem, devagarinho», recomenda-lhe noutra página; «vejo-o diante de mim...»; anota mais adiante; «estou a ouvi-lo»; «à nossa frente, o fulvo areal...»

Este posicionamento e este tom de voz são característicos dum tipo de comunicação que procura humanizar e inserir-se na grande audiência literária que trouxe o romantismo. Por outro lado, o descritivo também não se desenvolve apenas em cores e sentimentos, como seria de esperar numa abordagem impressionista como esta. Não. Aqui a paisagem, no meio da sua intensidade visual, dramática ou voluptuosa, surge carregada de inventários materiais, dados precisos, estatísticas, definições de apetrechos e de tipos de barcos, mil coisas. Esse levantamento cultural, esse didactismo, até, que se processa ao longo do texto com admirável naturalidade, entronca directamente no romantismo republicano que fez época e foi revolucionário sob a legenda de *Oh, escolas, semeai!*

7

A árvore e a cartilha, dois símbolos da Primeira República no seu ideário renovador. Raul Brandão ajusta-se irrevogavelmente a esta descoberta do povo e da paisagem social que o velho regime ocultava. Apesar do cepticismo impiedoso com que encara os políticos, ele é o escritor que se empenha na Pátria a clarificar através da escola e da liberdade cívica. O *Portugal Pequenino* que compôs com tanto encantamento para os filhos que nunca teve figura como a cartilha colorida dum país que ele projectava descrever em profundidade e numa programação exacta e ambiciosa, *A Vida Humilde do Povo Português*, de que afinal *Os Pescadores* seria o primeiro (e único) volume.

Ainda agora, quando releio este roteiro do nosso litoral, há uma agudeza que me surpreende na percepção com que ali denuncia, já então, alguns dos vícios fundamentais que estrangulam hoje o País, com o mito agrário, a alienação da costa pesqueira ou a emigração. Em Raul Brandão, 1923, a contradição explica o pescador pelo camponês («o pescador é comunista e alegre, o montanheiro é desconfiado e triste»), mas registam-se por igual as misérias da *pax ruris* e a selvajaria dos donos do mar.

Aqui no Algarve, volta-se de repente para o Alentejo e aponta campos desolados «onde o abismo separa o trabalhador do proprietário que goza em Lisboa e que lhe deixa de quando em quando uma folha para desbravar. Desbravada, tira-lha», observa Brandão. «E esta solidão redu-lo a atroz realidade». Depois detém-se, volta à pesca, e logo anota a voracidade dos conserveiros e dos armadores corsários: «Pescam nas nossas águas», escreve ele, «os galeões espanhóis, os navios ingleses e franceses e as criminosas traineiras depois de exterminarem o peixe na costa da Galiza e na baía de Vigo (...). Viu-se os exploradores republicanos continuarem a obra dos exploradores monárquicos. O peixe é caro porque está na mão de empresas poderosas que o vendem pelo preço que entendem».

Transcrevo estas linhas de *Os Pescadores* datadas de há 64 anos e penso nas frotas insaciáveis dos países da CEE que nos vigiam, prontas a largar amarras. Eles sabem que somos um País mentido, um País oficialmente agrícola que importa mais de metade da agricultura de que necessita para sobreviver, mas sabem também a nossa costa e cobiçam-na como um dos viveiros do melhor peixe do Mundo. Portugal não morre enquanto tiver o pescador e a mulher como produtores de exportação, diz Raul Brandão por outras palavras. E justifica: «É ela a mulher quem nos salva parindo filhos sobre filhos para a emigração. Creio que só assim, parindo e gemendo é que se equilibra a nossa balança comercial».

Um escritor que registou a paisagem com esta inquietação e com esta referência não cabe nas molduras que alguns leitores apressados ainda pretendem impor-lhe com veneração. A sua leitura do País vai mais longe, tem outro futuro — projecta-se na actualidade do nosso viver e da nossa escrita.

Óscar Lopes: «Poucos autores portugueses deixaram até nós um rasto tão visível.»

(Prefácio de José Cardoso Pires a *Os Pescadores*, de Raul Brandão, em edição definitiva da Editorial Comunicação, integrada nas Obras Completas de Raul Brandão)

Helicóptero

GOSTO de estar assim entre os mortos
sem luz nenhuma
e embebedar-me com pensamentos
até chegar a conclusão nenhuma
Talvez seja uma das posições mais fáceis
e mais gratuitas, mas a felicidade tem destas coisas
neste deserto de carne onde ninguém acende um fósforo

Toda esta diarreia de gestos como se
a compaixão fosse o único sorriso

nada pode ser com olhos nos olhos
nada de terra a terra
nesta carne queimada por um autêntico motim sentimental
onde os sentimentos são vermes
do mínimo pormenor

Eu não amo a vida
ela é que me deseja porque sou um castelo de areia psicopata
neste amontoado de paisagens que perderam o contacto
com a realidade. Factos e cálculos
numa indiferença ensurdecedora
a esta altitude. Começo a despejar a garrafa sobre os transeuntes
que se apressam a abrir os guarda-chuvas para resguardar a alma
Bom momento
para rasgar à sorte algumas folhas de «Assim Falou Zaratustra»
e doutros livros que são verdadeiros esteios
de uma fragilidade
depois para acabar com a ilusão saltava de pára-quedas numa
noite impessoal como um assassino busca a vítima

Era só o que faltava começar a
acreditar em tudo aquilo
em que acredito
Nada passa sobre o meu cadáver
crivado de palavras
Abro outra garrafa com os sentimentos e despejo-a sobre a multidão
Mais algumas páginas de importância vital
que todos leram obrigatoriamente e onde
Todos somos arrastados
como náufragos pela sombra da sabedoria como raios de
uma desenfreada tempestade que expulsa a carne de dentro de si
até se tornar na mais pura forma
que não me deixa tirar a rolha à garrafa. Tento atirá-la sem
a abrir mas sou impedido
A luta quase me paralisa mas depois de alguma concentração
posso finalmente realizar o meu sonho e a garrafa despenha-se
fatalmente de encontro à massa encefálica
que a devora tal areia movediça

Momentos depois um estrondo sem graves consequências

E tudo isto porquê se a resposta
nunca é conclusiva e se ao fim
o resultado não passa de uma medida confrangedora
Todo este prazer não passa de retórica
académica. Insuficiente relatório impregnado de lugares comuns
plenos de seres humanos indigestos.
Talvez agora
mas sem pára-quedas.
Agora não que vai alguém a passar e julgo conhecê-lo. Seria
um risco que não convém correr.
Apenas um principiante
não teria em conta pois é preciso
adquirir o sabor deste excesso
eterno que segura a humanidade por um fio

A luz dorme abraçada a este cimento armado com alto coeficiente intelectual rodeado por um mundo
onde nada acontece e ela é
tentada por um «travesti» que surge de uma zona desprotegida
da ilusão. Mas ela vira-se para o outro lado depois de um leve
suspiro

Descer como se fosse uma nódoa no único espaço possível
entre as nuvens e encher-me de desejo como quem esvazia o
tradicional álcool com algo mais doce, mais demagógico
para o alvo não descobrir que o encontrámos entre os mortos
único transe onde se pode respirar o afecto
de quem odiámos à flor da pele.

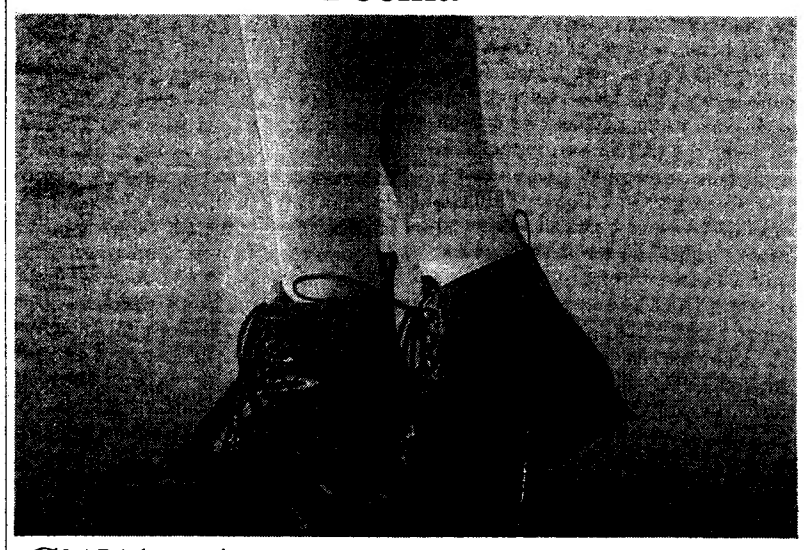
Acabou-se o tempo há que voltar à base. E engraçado como a esta hora já não anda ninguém nas
ruas. Algum vento faz esvoaçar as páginas e correr um pouco
mais o álcool
Os vidros da garrafa inocentemente curam o pneu de um chulo
imolado de lustro e preocupado com o seu destino àquela hora
Toma um táxi
onde aproveita para testar a sua teoria dos acontecimentos
reais.

Aproximo-me da viatura e observo o seu interior luxuoso
Fecho a porta e torno a abri-la
Dou a volta ao carro. Abro a porta à insónia que delicadamente
se senta ao volante e conduz ruidosamente
até ao próximo obstáculo. Ao seu lado junto números dos gastos
efectuados e tento tirar uma conclusão o mais objectiva
Procuro no porta-luvas um cigarro. Nada.
Peço-lhe que pare por uns momentos o carro. Salto e procuro
uma beata junto da paragem dos autocarros. Acendo uma
e guardo no porta-luvas mais três para o que der e vier.

Na rádio a música não tem fundo. O vazio é autêntico e o nosso
corpo parece uma caixa de ressonância
Fico com soluços e com gases. Salto para o banco atrás e começo
a defecar. O cheiro abafa-me os soluços e nada melhor que
acender outra beata até que chegue um raciocínio para nos
tirar deste mundo.

A. Dasilva O.

Poema



CLARA branca japonesa o nácar kitsch
de fonte pintada em melopeia muda dos peixes
cantores que me relevam este março azul
onde a arte do meu rosto se perde com o vento
Aí caio bruscamente
no fundo onde se fundem as árvores
e se gera o sangue que em ti me afunda
Respiro-te e vejo-me como um ladrão
nocturno escutando quando dormes
o teu peso em palavras
Por ti juntaria novamente versos

Não estes versos mas viajá-los pela américa
pássaros em bando «a mobile home in my mind»
o céu azul cobalto escarlate e ouro o sol
que pouso no V do teu «sweater»

Carlos Leite

Desequilíbrio estável

I

DEVO ter-te visto numa rua de preferência escura
terei olhado para ti com rigor
como quem reconhece cara amiga
ou inimiga; e depois a expressão
terá sido «volto de longe»
como dizem os franceses.

Já podes olhar à vontade,
reconhecer-me os cantos dos olhos
que não cantam, ou se cantam
já não encantam. A morte
chegou quatro vezes, a rua está suja
e pouco há a dizer do cinzento.

ESTAÇÃO. A GUARDA, DIAS MELHORES.
STOP. ARRANQUE PRÓXIMO. MARCHE.

Não. Não é bem isso.
O que encontro no teu encontro
é justamente não ser bem isso.

II

Os azulejos deste edifício tremem,
repara. Já poucas vigas sem caruncho
entoam em coro a canção do desesperadito
esperado. Não te parecia?
As lágrimas são máquinas de vento,
é simples e subtil, coloca-se o desgosto
na hidro-extracção. Porquê? Pálido?
E outros pês afins. Não sejas lúcido,
sejas parvo, sejas o delírio sem memória,
sejas o poder sem causa, o líquen
sem árvore que é tão bom. TÃO BOM.

O edifício já ruiu. Não te distraias,
não chegasses tarde. Fodem-se os que não
estão na vanguarda, guardando em vão,
como eu, mistérios intemporais.

III

Pronto, tudo bem,
ESTÁ TUDO BEM,
podes guardar o lencinho,
as canetas, mata-se outra vez a poesia,
o líquido é translúcido, não é vermelho,
não é sangue, não é crime afinal.
A poesia e o teatro, de braço dado,
depois de morrerem, nascem à punhalada
de novo, aos poços de ar, aos vendavais.

IV

Não é tempo gasto,
nada disso, nada disto,
nada de aquilo ou de ti ou de mim,
nada de nada é que é nada a valer.
Pois. Conversa lá, por mais que fales,
só nada é que será sonoro e capaz de conter tudo.

V

Não. Não há janelas por abrir,
nem campânulas por poisar,
nem jardins por empedrar,
nem assuntos pendentes,
não há senão um NADA
de todo o tamanho, terrível,
aberto ao sol.

José? Maria? O menino em suas palhas?
O confessionário associado?
A culpa vendida ao quilo, ao litro,
por centenas e centenas de milhões?

Nada isto ou nada aquilo.
Tudo. Tirar olhos também.

VI

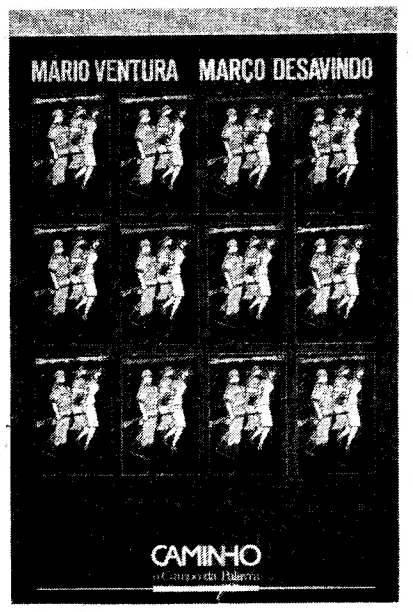
E névoas nos olhos à superfície da água.
Passa o tempo, vem o sopro, nasce a morte.
ou:
Passa a morte, vem o tempo, nasce o sopro.
Que quem souber escolha.

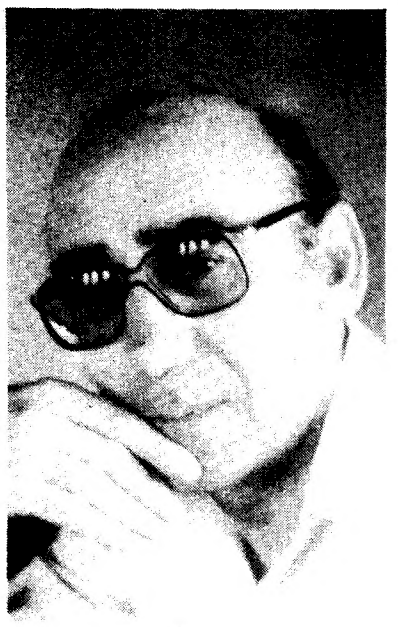
Manuel Cintra

Março desavindo, de Mário Ventura

Mário Ventura apresentou ontem, publicamente, o seu novo trabalho, «Março Desavindo», editado pela Caminho. Salvato Teles de Meneses falou sobre o livro.

Aguardado com expectativa — a última obra de Mário Ventura, «Vida e Morte dos Santiagos» ganhou os prémios Pen Club Português e Município de Lisboa — este «Março Desavindo» é uma ficção que, embora centrada num período de tempo relativamente curto (108 horas para sermos precisos), oferece ao leitor uma visão retrospectiva do 11 de Março, carregada de sentidos que mesmo aqueles que o viveram mais intensamente terão escapado nas suas implicações e lógicas mais profundas.





MARIO Ventura, antes da narrativa, avisa a navegação: «O autor manifesta o convencimento de que as personagens e situações descritas neste livro são unicamente produto da sua imaginação.»

Serão mesmo só isso? O melhor e ler a concluir. Ao longo de «Março desavindo» aparecem figuras bem «esgalhadas» que muitos de nós guardam na memória. Ou, pelo menos, fazem-nos lembrar pessoas e situações que conhecemos — por mais imaginação que Mário Ventura tenha. Eis alguns excertos de «Março desavindo».

NA manhã seguinte, dia 11 de Março, Raimundo acordou pouco depois das sete horas. As duas raparigas dormiam profundamente: Alexandra ao seu lado, quase na posição em que a recordava pouco antes de adormecer, e Monique no fundo da cama, enrolada como um gato. Dormira talvez três horas mas não sentia sono, o subconsciente permanecera praticamente desperto com a perspectiva de um dia que receava, mais pela tensão que tinha vindo a acumular do que pelos rumores de que descria. Esteve uns cinco minutos a contemplar as jovens, evocando o que se passara, mas sentindo como se fossem recordações distantes, tão forte era já a pressão do imediato. Não as acordaria, porque o despertar das mulheres depois de uma noite de amor era sempre imprevisível, mas tinha pena de não assistir às suas mútuas reacções, embora pensasse que o mais provável era que se comportassem com naturalidade, como se nada de especial se houvesse passado entre ambas.

Lavou-se e vestiu-se, procurando evitar que a casa emergisse do silêncio, e enquanto se barbeava procurou em vão, no rosto e nos olhos, sinais da actividade amorosa com as duas raparigas. Depois, enquanto comia bolachas e tâmaras que haviam sobrado do jantar, teve uma ideia que o divertiu. Preparou um tabuleiro com bolos, frutas cristalizadas e leite achocolatado, e colocou-o ao pé da cama, onde Alexandra e Monique dormiam o sono da tranquilidade total. Depois escreveu um breve bilhete, de duplo sentido, e deixou-o junto do pequeno-almoço improvisado: «Não se excedam, deixem algo para mim.» A experiência já lhe ensinara qe uma vida feliz e despreocupada, mas com surpresas, se construía de pequenos nadas.

(...) À porta da unidade, Raimundo dá um pontapé distraído no **Futuro,** que lhe roça as pernas. Repara no animal e resmunga, «Maldito Futuro, chegas sempre cedo de mais».

Pouco depois encontra um apontamento manuscrito sobre a secretária: «A rapariga voltou para a pensão onde tinha sido apanhada.» Gostava de a ver, pensa. Não tanto por ela, nunca houve entre ambos nada que os prendesse afectivamente de forma mais ou menos definitiva, mas para perceber como a Celestina que conheceu, inteligente e pragmática, aparecia agora numa cena de rua entre soldados armados.

Nessa tarde, se não surgir nenhum imprevisto, e é quase certo que surgirá, talvez dê um salto à pensão onde ela se encontra. De qualquer forma, o reencontro pode proporcionar um momento divertido.

Boceja e vagueia pela sala, enquanto espera Rogério Resende e Filipe Andrade. Que farão nesse dia? O mesmo de sempre, provavelmente, numa monotonia cada vez mais pesada, numa escalada que não sabe aonde poderá conduzir e até que ponto suportará. Se visse um sentido ou uma lógica em tudo aquilo que faz, para além das fases e palavras de ordem que parecem substituir-se aos projectos que não vê...

Espreita pela janela e vê dois oficiais à paisana atravessando a parada, apressados, cada um deles transportando uma mala. Talvez se engane, mas iria jurar que os viu no momento de entrar, fardados e bem-dispostos, na antecâmara do comandante. Agora, parece que se escapam, pé ante pé, com uma pressa que só a precaução disfarça. Será que a sua actividade dos últimos meses já o predispôs para o permanente sentimento de suspeita?...

Nesse preciso momento abre-se a porta do gabinete e Rogério Resende entra de rompante. «Os fascistas já estão na rua!» grita, e fica parado, com a personagem de um drama frouxo, à espera da resposta de Raimundo Salgueiro.

Rogério Resende é um esquerdista furioso: linha dura, atenção permanentemente desperta para os incontáveis inimigos, a desconfiança como princípio.

Para ele, a revolução não se analisa nem se discute— faz-se. Não espera demasiado de Raimundo — este diria que ele não espera mesmo nada —, mas admira-o pelas origens burguesas e pela abdicação, pelo menos aparente, de todas as vantagens da classe a que pertence. É notória a sua preferência por ele, comparativamente a Filipe Andrade, em quem pressente simpatia pelos comunistas, embora reconheça que a conjectura se baseia tão-somente no silêncio do companheiro acerca do que sejam as suas posições políticas. Instado por vezes, Filipe limita-se a dizer, com uma secura que impede insistências: «Sou um militar, a quem cabe um papel na defesa da revolução, e nada mais. Estou-me nas tintas para as manobras partidárias, venham de onde vierem.» Isso são frases feitas, responde Rogério, para quem os comunistas se destacam sobretudo pela táctica da dissimulação, que justifica todas as suspeitas e prevenções.

Quando materializou a exclamação do companheiro, Raimundo sentiu a tentação de perguntar: «Quem são os fascistas?» Depois disse apenas:

— Que fascistas?

— Os de sempre, porra! Temos de fazer alguma coisa, cheira-me que mais uma vez fomos traídos!

Mas Raimundo, que continuava a olhar pela janela, deixara de lhe dar atenção, porque de repente explodira na parada do quartel uma agitação desordenada, homens correndo em todas as direcções, grupos que se formavam para breves conversas e logo se desfaziam, e um clima geral de nervosismo que nunca vira nos momentos mais preocupantes.

— Como é que isto começou? — inquiriu, mas com a atenção dominada pela inquietação pressentida no exterior.

— Sei lá! Só sei que telefonaram a informar que havia ataques a quartéis.

— Imagine-se — disse o outro —, um serviço de informações que é informado pelo telefone...

— Tens razão, há alguém que nos está a foder e a rir-se à grande. Mas agora é preciso fazer alguma coisa.

— Desde que se saiba o quê...

O telefone tocou nesse instante. António Lozano falava baixo, como se receasse ouvidos alheios.

— Diz-se que há quartéis que estão a ser bombardeados...

— Estou fechado neste gabinete e ainda não ouvi um tiro. Talvez o eco me chegue dentro de meia hora.

Descem a escada e desembocam na parada, onde parece aumentar o alvoroço próprio de quem se sente cercado. Um soldado interpela-os:

— Vocês sabem quem tem a chave do paiol?

— Pergunta no comando.

— No comando, só fiquei eu, que sou a ordenança. Raspou-se tudo.

Ao praguejar de Rogério Resende corresponde a curiosidade de Raimundo Salgueiro.

— E que queres tu do paiol?

— Vamos ser bombardeados, é o que toda a gente diz. Não nos deixamos matar sem resistir, pois não?...

Rogério põe-lhe a mão no ombro:

— Camarada, conta comigo! Não vamos facilitar a vida a esses cabrões. Os oficiais traíram-nos mas isso não chega para esmagar a revolução. Se querem outro Chile, vão tê-lo.

A Raimundo, as palavras do companheiro chegaram com um sabor de exagero, tanto mais que não se dirigiam a uma multidão, mas um simples soldado que pelos vistos conhecia o seu dever, e para o cumprir não precisava que lhe dessem um destino histórico.

Encaminharam-se para o paiol, enquanto o rebuliço aumentava na parada, e nesse momento apareceu Filipe Andrade. Mostrava-se apreensivo e desgostado.

— Percebes alguma coisa do que se passa? — pergunta-lhe Raimundo, que confia na sua calma ponderação.

— Está tudo muito confuso, mas já há mortos e feridos na zona do aeroporto. Se não houver um volta-face talvez nos apanhem como uns perfeitos anjinhos. Só gostaria de saber quem fez tudo para que as coisas se passassem desta forma.

Junto ao paiol, dois soldados descarregam a fúria à machadada sobre a porta chapeada, que resiste.

— Lança-se uma granada! grita alguém impaciente.

— E vamos todos pelos ares — informa Filipe calmamente —, o que facilita a vida ao inimigo.

Nesse momento a porta cede e os soldados entram de roldão no escuro do paiol. É um local fresco e silencioso, que só alguns oficiais conhecem. Respira-se tranquilidade, de mistura com o cheiro da massa que protege as peças mais delicadas. Arrumadas e brilhantes, as armas parecem inúteis, simples objectos de decoração excessivamente simétrica. Raimundo, que já lá esteve antes, conhece as armas, mas nunca viu munições.

Sobre a unidade ouve-se um motor rosnando surdamente, como uma ameaça invisível mas muito próxima, e um avião aparece quase de seguida, voando baixo, com a expectativa de um objecto em queda lenta. Os homens dispersos começaram a correr e a parada fica subitamente deserta. A curta distância, o crepitar de uma metralhadora aumenta o pânico. Junto de Raimundo e dos companheiros, um soldado grita, as lágrimas a saltar dos olhos:

— E diziam vocês que não havia perigo, que já não havia fascistas. Vamos morrer aqui todos!

— Coragem, amigo — diz-lhe Rogério, mas a sua voz treme.

O avião volta a passar, mais vagaroso, como se o piloto não distinguisse o objectivo ou não estivesse seguro das suas intenções. Dois soldados abandonam o paiol com uma bazuca e apontam-na para o ar, desajeitados e cambaleando como bêbados. Raimundo corre e junta-se a eles.

— Que estão vocês a fazer, suas bestas?

Arranca-lhes o tubo das mãos, mas de imediato reconhece-se igualmente idiota, porque a arma nem sequer está carregada. Os homens olham-nos sem perceber, mas não reagem. O ruído do avião dilui-se lentamente na distância.

— Calma — recomenda Filipe —, quando se quer transformar uma bazuca em arma antiaérea, é porque isto não passa de uma guerra de desenhos animados.

— Pois é — responde Raimundo. — Um avião que não atira bombas, uma bazuca que não tem projéctil, soldados que não recebem ordens, comandos que não existem... Somos vítimas de uma graça de mau gosto, é o que é.

Rogério Resende indigna-se:

— Vocês gozam como se não passasse tudo de uma brincadeira, o que só prova que não estamos à altura da situação. Agora, só a revolta das massas nos poder valer.

Raimundo encolhe os ombros:

— Já não consegues distinguir a realidades da ficção?

Mario Ventura

Acabados de chegar

■ O riso, o sorriso e a paródia na literatura portuguesa de Quatrocentos, Mário Martins, ICALP

Investigador respeitado, autor de vasta obra justamente apreciada, colaborador de revistas e publicações eruditas como **Brotéria, Boletim de Filologia, Revista Portuguesa de Filosofia, Biblos, Lusitana Sacra, Colóquio-Letras,** Mário Martins é dos especialistas nos estudos de cultura e literatura medievais. Neste pequeno volume, condicionado pelas dimensões da «Biblioteca Breve» que o Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICALP) vem editando, dá-nos um quadro da sátira na Literatura Portuguesa do séc. XV. Através das formas múltiplas, desde o amor risonho à invectiva obscena, a sátira é — segundo Mário Martins — ainda «um reflexo da Idade Média católica, heróica e de língua muitas vezes desbragada».

São os seguintes os temas abordados no estudo de Mário Martins: «A Sátira em Português no **Cancioneiro de Baena**»; «O Riso e a Sátira na Tropa»; O «**Livro da montaria, o rei D. Duarte e a Virtuosa Benfeitoria**»; «A Sátira Petrarquiana no **Bosco Deleitoso**»; «A Sátira no **Cancioneiro Geral**»; «Sermões Burlescos», «A Sátira na Dança Macabra».

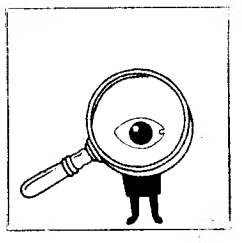
■ A gestão dos recursos humanos e os direitos dos trabalhadores (1.º volume), Anselmo Aníbal e Vítor Costa, Editorial Caminho

Com cerca de 400 páginas e capa de Lígia Pinto, este primeiro volume (em breve sairão mais dois) corporiza, segundo os autores, «uma reflexão conceptual sobre os problemas da organização do trabalho e das relações sociais» e traduz «um entendimento global sobre esta área fundamentalíssima do viver colectivo». De facto, a obra releva, na sua organização e sistema, «que qualquer política de recursos humanos é datada e que o tempo histórico é a indispensável referência de uma qualquer situação».

■ As vanguardas na poesia portuguesa do séc. XX, E. M. de Melo e Castro, ICALP

A actividade crítica e ensaística de E.M. de Melo e Castro está intrinsecamente relacionada com a sua obra de criação como poeta. Este estudo sobre «As Vanguardas na Poesia Portuguesa do séc. XX» vem na sequência de outros ensaios, designadamente de «Dialéctica das Vanguardas», publicado em 1976. Para Melo e Castro a palavra **vanguarda** «tem hoje uma carga significativa que torna relevante o seu uso nas interpretações literárias». O objecto do ensaio não é «uma história da poesia portuguesa no século XX», mas uma «nova leitura sincrónica e perspectivada sob o critério operacional da noção de Vanguarda».

O livro abre com a análise do «conceito operacional» de vanguarda e percorre as várias correntes da Poesia Portuguesa no século XX verificando como o «conceito



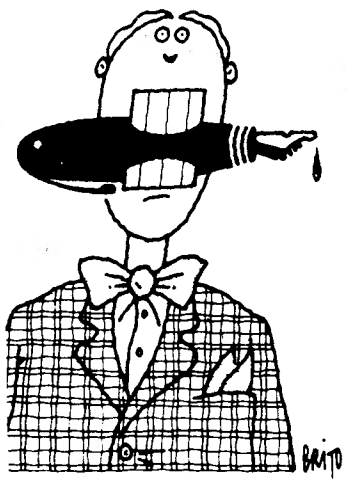
de vanguarda» opera ou se reflecte nas diferentes práticas poéticas. Conclui com o aspecto semiológico das vanguardas consideradas como «um processo preferencialmente de linguagem».

Volume publicado na «Biblioteca Breve» do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICALP).

■ Por uma nova política de habitação, António Fonseca Ferreira, Edições Afrontamento, colecção Cidade em Questão.

A carência de alojamento e dos equipamentos complementares constitui um dos mais graves problemas da sociedade portuguesa — como todos sabemos. No entanto, a produção habitacional vive um longo e prolongado marasmo. Governo após governo repetem-se as promessas de «relançamento do sector», mas escasseiam os resultados concretos: as carências aguditam-se; a produção legal tem sido diminuta e irregular; alastram os «clandestinos»: acentua-se a degradação do parque imobiliário e a administração mantém a sua tradicional inoperância. Baseado num diagnóstico técnico especializado, num profundo conhecimento do sector e da sua evolução nas últimas décadas, António Fonseca Ferreira caracteriza, neste importante livro, cinco bloqueamentos estruturais da produção habitacional.

De excelente aspecto gráfico, capa de Gil Maia, este volume tem cerca de 260 páginas.



O eu nos outros

Lição de grego com janela ao fundo

ARTUR entrava na sala e logo os olhos lhe corriam pela mesa longa até à janela que dava para os campos — e nunca o interior e o exterior lhe pareciam tão bem harmonizados. Essa era, pelo menos, a sensação de Artur. Tocando o interior (dedilhava a mesa até ao espaço atapetado que antecedia a janela), ele, já no parapeito, distanciava os olhos pelo verde dos tons diversos dos campos que se perdiam até à linha do pinhal distante. Aspirava um qualquer aroma de terra, caules e raízes — e voltava-se depois para a intimidade ampla da sala, olhando as coisas uma por uma, como se nesse instante as tivesse desvelando pela primeira vez. «Mas porquê...?» — interrogava-se num leve assobio de suspenso contentamento, indo da janela para o outro extremo da sala, num itinerário lento, os sapatos pela cera do soalho. Já por mais de uma vez tinha chegado à embaraçosa conclusão de que, quando assim pela sala, se encontrava a fazer amor com tudo quanto existia no aposento. Aliás, tudo começava a partir do momento em que ali penetrava: a mesa era um corpo longuilíneo, ora envolta numa descaída toalha branca, ora em coloridos panos decorativos, até ao espasmo da luz enquadrada pela janela.

— Ora então como vai o professor...?

Era sempre com esta saudação, meia irónica, os dentes brancos num desafio, os olhos semicerrados, que Júlia se apresentava para a lição do Grego. O cabelo puxado para a nuca, em duas partes dividido, uma risca branca — e logo os olhos de Artur, por breves segundos, se dispersavam, num grande caos íntimo, pela figura luminosa da aluna. Ela vinha com o perfume do banho da manhã, a pele tocada pelo feltro das toalhas, o rosto com o ligeiro rubor das agulhas quentes da água: era um corpo a um tempo elástico e dolente, húmido e seco, erguido (que nota de música!) nos pés silentes e ovais, sentado depois com as mãos pelos livros dispostos sobre a mesa... Artur contava três tempos: a onda macia que era a entrada de Júlia na sala, os seios circundando a mesa, o ela sentando-se sobre as pernas cruzadas tirando da cadeira um leve gemido. Quando, algo distraído ao pensar em outras posições, se dava à soma desses três tempos, eis que Júlia quebrava o desenho dos seus pensamentos:

— Estou pronta — dizia.

Artur intuía uma certa malícia nestas palavras tão lestas de Júlia. Ou enganar-se-ia...? Se sim, aceitava o engano: aquele «Estou pronta» endereçava-lhe o sangue para uma oferta imaginada de todos os mistérios do corpo sentado diante de si. Ah, os campos lá fora! Os campos, o pinhal ao longe, a sombria e discreta cumplicidade dos troncos cheirando acremente a resina...

— Então...? — interrompia Júlia, dedilhando a mesa com os dedos, os olhos semicerrados indo do professor para a fundura da janela aberta. Ali se perdia por momentos, alheada dos livros, desenhando, sem olhar para o papel, alfas e betas. Artur captava-lhe a fuga dos olhos cor de avelã — e, num sobressalto, confessava:

— Não é uma bela paisagem...? Quando venho para aqui, muitas vezes passo pelo pinhal, metendo o carro depois por entre os campos até chegar à sua porta. Demorado, não tão rápido como pela estrada, mas vale a pena. Não sei se...

Mas Júlia logo o interrompia, erguendo-se, dando uns passos pela sala:

— E se dessemos início à sua ilustre lição...?

Ora um dia, querendo dizer qualquer coisa que a tocasse, Artur ditou o seguinte sumário:

— Pontuação grega.

— Pontuação grega...? — perguntou a explicanda.

— Sim, vamos falar sobre o ponto de interrogação.

— Diferente do nosso...?

— Diferente. Os Gregos conceberam um ponto de interrogação que diz muito mais que o ponto de interrogação a que estamos habituados. Sabe como...?

Júlia semicerrou mais os olhos:

— O senhor é que é o professor... — E ela sorriu, dedilhando sem ruído a mesa longuilínea, a qual num repente se assemelhou a uma harpa.

— Pois bem — disse Artur —, que lhe sugere a si uma interrogação...

— Uma interrogação... Bem, explique lá o que é uma interrogação — apressou-se Júlia, sentindo-se («Mas porquê...?») corar num repente.

Artur disse, disfarçando um certo embaraço:

— Uma interrogação, quanto a mim, é composta por uma hesitação e uma certeza. Assim, e em termos de pontuação, temos a *vírgula* como sinónimo de hesitação — e temos o *ponto final* como sinónimo de certeza. Ora o que fizeram os Gregos...? Imaginemos uma pergunta... Por exemplo: *«O que é o amor?»* Sem dúvida, creio eu, que se trata de uma pergunta delicada. Ao fazermos essa pergunta, nós, que não somos Gregos, utilizamos aquilo que designamos por ponto de interrogação. Isto é (e Artur escreveu num papel): «?». É ou não verdade...?

— E — disse Júlia, semicerrando mais os olhos.

Artur continuou, deambulando pela sala, evitando os olhos da explicanda:

— Os Gregos foram mais subtis. Idealizaram o ponto de interrogação utilizando a *hesitação* e a *certeza*. Ora como o fizeram...? Pura e simplesmente, que maravilha!, empregando o *ponto final* e a *vírgula*, dispostos verticalmente no termo de qualquer pergunta: em cima o ponto, em baixo a *vírgula*. Em certa medida, é o nosso ponto e vírgula. Assim, a pergunta «O que é o amor?», surge-nos em Grego «O que é o amor;». Compreendeu...? É um ponto de interrogação maravilhoso. Pelo menos para mim... Como há pouco disse, uma interrogação oscila entre a *hesitação* e a *certeza*. Se a certeza é um *ponto*, a hesitação é uma *vírgula*... Tem a dizer alguma coisa...? Se não compreendeu, minha cara, paciência, paciência...

— Compreendi — disse Júlia —, e sou agora uma pura reticência.

Pedro Alvim